UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS COMO MOBILIZADORAS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS E SENSIBILIDADES

PAULO ROBERTO FERNANDES

ORIENTADORA: PROFESSORA DRA. SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO

JOINVILLE - SC
2024

PAULO ROBERTO FERNANDES

EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS COMO MOBILIZADORAS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS E SENSIBILIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa Currículo, Tecnologias e Práticas Educativas, da Universidade da Região de Joinville (Univille), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Professora Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto.

Joinville – SC

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

F363e

Fernandes, Paulo Roberto
Experiências literárias como mobilizadoras de práticas educativas e sensibilidades / Paulo Roberto Fernandes; orientadora Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto. – Joinville: Univille, 2024.

170 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade da Região de Joinville)

1. Literatura - estética. 2. Professores - Formação. 3. Prática de ensino. I. Pillotto, Silvia Sell Duarte (orient.). II. Título.

CDD 801.93

Elaborada por Saionara Soares Mariano – CRB-14/1415

TERMO DE APROVAÇÃO

Termo de Aprovação

"Experiências Literárias como Mobilizadoras de Práticas Educativas e Sensibilidades"

por

Paulo Roberto Fernandes

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)

Prof. Dr. Rogério de Almeida
(USP)

Profa. Dra. Berenice Rocha Zabbot Garcia
(UNIVILLE)

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Educação, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação.

Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)

Profa. Dra. Jane Mery Richter Voigt
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Joinville, 22 de fevereiro de 2024.

Dedicatória

Esta dissertação é dedicada
a todos que acreditam no poder da educação.
Uma educação que humaniza,
que instrui,
que constrói,
que dignifica o homem.
Àqueles que acreditam em nossas crianças,
em nossos jovens,
enfim, em nossos estudantes.
Dedico, principalmente,
àquela que assumiu o compromisso de me educar
de me levar para a escola
de me incentivar aos estudos
de acreditar que eu posso ir longe
Àquela que não importa o dia ou a hora,
se faz sol ou chuva,
se está frio ou calor
se estou triste ou feliz
está sempre presente
Àquela, a quem chamam de Martinha
E eu?
Eu chamo de mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Prof.ª Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto por ter me aceitado como orientando e ter conduzido minha orientação com compromisso, rigor e afeto. Por ter estado durante todo o processo de escrita sempre presente e sempre disposta a contribuir com seus conhecimentos sensíveis, cujo exemplo me esmero.

Agradeço às professoras Selma Nathália, Ana Tillmann, Grace Kelly e Tatiana Marques por terem aceitado em participar como (inter)locutoras da pesquisa, sem as quais esse trabalho não teria sido possível. Por ter dispendido seus preciosos tempos nos sábados à tarde e contribuído com suas narrativas nos Ateliês Literários.

A gestora da escola Senador, nossa querida diretora Sonia Karnopp que deu aval para que a pesquisa fosse realizada com os professores e colocado toda estrutura da escola disponível para realização das atividades. Por ter sido sempre tão carinhosa e generosa comigo e com todos os professores que trabalham sob sua gestão.

Aos meus amigos Gabriel, Jackson e Robson por ter participado dos Ateliês Literários auxiliando nas filmagens, nas fotografias e na organização para que tudo saísse como planejado.

A minha amiga Silvia Cossio por sempre acreditar na minha capacidade e competência e ter orgulho de quem eu sou. Por ter acompanhado cada passo dessa dissertação, ter rido e chorado comigo nos momentos difíceis que também se fizeram presentes, mas que não foram o suficiente para me fazer parar.

Aos demais professores da escola Senador, cuja nominada é longa, de modo que me abstenho de relacionar, a fim de não cometer injustiças, pelo esquecimento de algum de meus nobres colegas. Agradeço pelo incentivo, pelo carinho e por acreditarem que podemos fazer educação com qualidade.

A todos meus alunos que deram a oportunidade para que eu pudesse realizar o sonho de ser professor e mostrar na prática que a educação se faz com compromisso, seriedade e principalmente com muito amor. Em especial aos alunos João Vinícius, Christian Mora, Niãh e Lara Fábia por terem gravado os vídeos para os professores como gesto de muito carinho e gratidão.

Aos meus irmãos Adilson e Rosemeris e minha prima Patrícia que me apoiam e se orgulham da pessoa em que me tornei e que estão sempre disponíveis para me ajudar, toda vez que eu precisar. Amo vocês.

Aos demais familiares e amigos que acompanharam ou acompanham este meu percurso formativo.

Não busco o compasso simples nem o composto, nem o tempo certo para alcançar a nota perfeita. Não quero ser o tenor que alcança o Lá 4, nem busco o soprano de que consegue num falsete alcançar o Dó 6. Para minha melodia deixar minha música com o melhor dos estilos, não me basta impingir o timbre ou a intensidade de um músico experiente e consagrado. Hoje sei disso, pois vivendo errante com uma viola dentro de um saco amarrado nas costas, cantando aqui e ali, procurando alguém que queira me ouvir, sem nenhuma exigência de estética própria em perfeita sinestesia.

Por muito tempo exigi de mim a perfeição de que todos esperam para que uma boa música pudesse ser ouvida. Por muito tempo vaguei de lugar em lugar, de bar em bar, de um ponto ao outro, por entender que ainda não estava pronto para brilhar. Em cada caminho que busquei a perfeição, marcas deixei, amores poupei, amizades larguei e sozinho fiquei. Saudade foi o sentimento que mais me acompanhou. Decepção o que mais pude presenciar e arrependimento o que me fez voltar atrás e recomeçar com apenas uma nota que durasse a vida toda, uma semibreve que quase não é usada.

Em busca da perfeição esqueci de viver. Esqueci que o tempo passa e não volta mais e que cada recomeço não me trará os prazeres que outrora não me permiti desfrutar. Se magoei, se não perdoei, se me fiz de coitado, se fui duro, se fui o senhor da razão, se minha verdade era a única verdade, que pena, pois perdi a oportunidade de ter vivido a vida como ela deveria ter sido vivida.

Essa minha constante busca pela perfeição, por tentar fazer os outros enxergarem o que somente meus olhos enxergavam, ou por fazer o que os outros quisessem que eu fizesse, me causou um vazio no peito e na alma. De que valeu a pena ser perfeito? Só serviu para descobrir que sou imperfeito e me frustrar diante da nítida descoberta. É a imperfeição que nos impulsiona para frente, que nos faz ser verdadeiros seres humanos, que nos aproxima um do outro com a esperança de ser feliz e de ser sempre amado. Reconhecido não pelo que se tem, mas pelo que se é. De ter uma única certeza: não precisamos da perfeição para alcançarmos a plenitude, precisamos de sensibilidade para aprender simplesmente as sete notas musicais.

Ser Perfeito
Paulo Roberto Fernandes

RESUMO

Esta Dissertação visou refletir sobre a Literatura como propulsora de experiências estéticas e sensibilidades com professores do Ensino Médio, potencializando as relações entre esses profissionais, gestores e estudantes, a fim de que se sintam partícipes e comprometidos nas práticas educativas. Esse objetivo foi construído a partir da indagação: como a Literatura pode contribuir para identificar e compreender as potencialidades e fragilidades dos professores de Ensino Médio, acolhendo-os no ambiente escolar de modo que eles possam desenvolver práticas educativas, tendo as sensibilidades como norteadora nas suas ações? Esse questionamento mobilizou a busca nas Experiência Literárias, possibilidades para tocar o sensível que existe em cada ser humano e acolher o professor do Ensino Médio de modo a compreender suas fragilidades e potencialidades para que juntos possamos desenvolver práticas educativas humanizadoras. A pesquisa de abordagem qualitativa teve como viés a narrativa (auto)biográfica, fundamentada em Delory-Momberger (2012), e como instrumento de pesquisa 04 Ateliês Literários com 4 professoras do Ensino Médio. Os Ateliês tiveram como base as experiências estéticas, potencializadas pelas sensibilidades, uma vez que se pretendeu mobilizar as professoras para a identificação de suas potencialidades e fragilidades. Os conceitos teóricos estão fundamentados por autores como: na Literatura por Candido (2011), Todorov (2009), Barthes (2007) e Almeida (2011); nas sensibilidades por Meira e Pillotto (2022) e Duarte Jr (2001); nas práticas educativas por Pillotto (2007), Alfonsi e Placco (2013), Ostetto (2011); nas narrativas por Abrahão (2018) e Clandinin e Connelly (2015) Celorio (2015, 2019), na Escola por Masschelen e Simons (2015), Morin (2003) e Celorio (2015; 2019). Como recurso foi levado em consideração as manifestações expressivas das professoras: sonoras, visuais e corporais. Os procedimentos metodológicos se pautaram na observação e interação de campo nos Ateliês Literários realizados por mim, também professor da escola no Ensino Médio, a fim de possibilitar experiências estéticas com as professoras. A produção de dados advindos de gravações em áudio, filmagens, fotografias, oralidade e cadernos de experiência, teve como apoio de análise o princípio compreensivo de Bertaux (2010), que destaca as subjetividades, fragilidades e potenciais de cada partícipe da pesquisa.

Palavras-chave: Sensibilidades; Práticas Educativas; Ateliê Literário; Ensino Médio; Narrativa.

LITERARY EXPERIENCES AS MOBILIZERS OF EDUCATIONAL PRACTICES AND SENSIBILITIES

ABSTRACT

This Dissertation aimed to reflect on Literature as a *propeller* of aesthetic experiences and sensitivities with high school teachers, enhancing the relationships between these professionals, managers and so that they feel involved and committed in educational practices. This objective was built from the question: how literature can contribute to identify and understand the potential and weaknesses of high school teachers, welcoming them in the school environment so that they can develop educational practices, sensitivities as a guide in their actions? This questioning mobilized the search in the Literary Experience, possibilities to touch the sensitive that exists in each human being and welcome the high school teacher in order to understand their weaknesses and potentialities so that together we can develop humanizing educational practices. The research of qualitative approach had as bias the narrative (auto)biographical, based on Delory-Momberger (2012), and as research instrument 04 Literary Workshops with 4 high school teachers. The workshops were based on aesthetic experiences, enhanced by sensitivities, since it was intended to mobilize teachers to identify their potential and weaknesses. The theoretical concepts are based on authors such as: in Literature by Candido (2011), Todorov (2009), Barthes (2007) and Almeida (2011); in sensibilities by Meira and Pillotto (2022) and Duarte Jr (2001); in educational practices by Pillotto (2007), Alfonsi and Placco (2013), Ostetto (2011); in the narratives by Abrahão (2018) and Clandinin and Connelly (2015) Celorio (2015, 2019), in the School by Masschelen and Simons (2015), Morin (2003) and Celorio (2015; 2019). As a resource was taken into account the expressive manifestations of teachers: sound, visual and body. The methodological procedures were based on observation and field interaction in the Literary Workshops held by me, also a high school teacher, in order to enable aesthetic experiences with the teachers. The production of data from audio recordings, filming, photographs, orality and experience notebooks, had as analysis support the comprehensive principle of Bertaux (2010), which highlights the subjectivities, weaknesses and potentials of each participant of the research.

Keywords: *Sensitivities; Educational Practices; Literary Ateliers; High School; Narrative.*

EXPERIENCIAS LITERARIAS COMO MOVILIZADORAS DE PRÁCTICAS EDUCATIVAS Y SENSIBILIDADES

RESUMEN

Esta Disertación buscó reflexionar sobre la Literatura como propulsora de experiencias estéticas y sensibilidades con profesores de Enseñanza Media, potenciando las relaciones entre esos profesionales, gestores y estudiantes, para que se sientan partícipes y comprometidos en las prácticas educativas. Ese objetivo fue construido a partir de la indagación: cómo la Literatura puede contribuir para identificar y comprender las potencialidades y fragilidades de los profesores de Enseñanza Media, acogiéndolos en el ambiente escolar de modo que ellos puedan desarrollar prácticas educativas, ¿teniendo las sensibilidades como guía en sus acciones? Ese cuestionamiento movilizó la búsqueda en las Experiencias Literarias, posibilidades para tocar lo sensible que existe en cada ser humano y acoger al profesor de Enseñanza Media de modo a comprender sus fragilidades y potencialidades para que juntos podamos desarrollar prácticas educativas humanizadoras. La investigación de abordaje cualitativo tuvo como sesgo la narrativa (auto)biográfica, fundamentada en Delory-Momberger (2012), y como instrumento de investigación 04 Talleres Literarios con 4 profesoras de Enseñanza Media. Los talleres tuvieron como base las experiencias estéticas, potenciadas por las sensibilidades, una vez que se pretendió movilizar a las profesoras para la identificación de sus potencialidades y fragilidades. Los conceptos teóricos están fundamentados por autores como: en la Literatura por Candido (2011), Todorov (2009), Barthes (2007) y Almeida (2011); en las sensibilidades por Meira y Pillotto (2022) y Duarte Jr (2001); en las prácticas educativas por Pillotto (2007), Alfonsi y Placco (2013), Ostetto (2011); en las narrativas por Abrahão (2018) y Clandinin y Connelly (2015), Celorio (2015; 2019), en la Escuela por Masschelen Y Simons (2015), Morin (2003) y Celorio (2015; 2019). Como recurso se tuvieron en cuenta las manifestaciones expresivas de las profesoras: sonoras, visuales y corporales. Los procedimientos metodológicos se pautaron en la observación e interacción de campo en los Talleres Literarios realizados por mí, también profesor de la escuela en la Enseñanza Media, a fin de posibilitar experiencias estéticas con las profesoras. La producción de datos provenientes de grabaciones en audio, filmaciones, fotografías, oralidad y cuadernos de experiencia tuvo como apoyo de análisis el principio comprensivo de Bertaux (2010), que destaca las subjetividades, fragilidades y potenciales de cada partícipe de la investigación.

Palabras clave: *Sensibilidades; Prácticas Educativas; Taller Literario; Enseñanza Media; Narrativa.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Memórias de Emília 16
Ilustração 2 - O Picapau amarelo 22
Ilustração 3 - Reinações de Narizinho 49
Ilustração 4 - A reforma da Natureza 64
Ilustração 5 - Viagem ao céu 102
Ilustração 6 - Quando as luzes se apagam 148

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Entrega das vendas para tapar os olhos 107
Figura 2 – Escutando o poema 107
Figura 3 – Leitura do Livro 111
Figura 4 – Durante a Leitura 111
Figura 5 – Capa do Caderno de Experiência da professora Selma 118
Figura 6 – Contracapa e Primeira página do Caderno de Experiência da professora Selma 119
Figura 7 – Página do Caderno de Experiência da professora Selma escrita para o primeiro Ateliê Literário 119
Figura 8 – Balões com as citações dentro sendo lançadas do primeiro piso da escola 122
Figura 9 – Professores com os dois balões que haviam pegos 123
Figura 10 – Prof.ª Ana, assistindo o vídeo do aluno 131
Figura 11 – Vídeo do aluno João Vinícius 132
Figura 12 – Prof.ª Selma assistindo o vídeo do aluno 133
Figura 13 – Vídeo do aluno Niãh 133
Figura 14 – Prof.ª Tatiana assistindo o vídeo do aluno 134
Figura 15 – Vídeo do aluno Christian 135
Figura 16 – Escrevendo os nomes dos estudantes 140
Figura 17 – Colocando os papéis nos frascos coloridos 140
Figura 18 – Frascos coloridos e puçás 141
Figura 19 – Retirando os frascos da piscina 141
Figura 20 – Livros trabalhados nos Ateliês 144

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACT	Admissão de Professor em Caráter Temporário
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBTC	Currículo Base do Território Catarinense
CE	Estado do Ceará
COVID-19	Doença de Coronavirus 2019
CRQ	Conselho Regional de Química
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
LDB	Lei de Diretrizes Básicas
LDBen	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NUPAE	Núcleo de Pesquisas de Arte na Educação
PE	Estado de Pernambuco
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNEM	Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio
PPP	Projeto Político Pedagógico
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SC	Estado de Santa Catarina
TCLE	Termos de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí
UNIVILLE	Universidade da Região de Joinville

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: ANTES DO GALO CANTAR 17
1 PRIMEIRO CAMINHO: O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO 23
1.1 Primeiro Trecho: A Turma do Sítio 24
1.2 Segundo Trecho: As Histórias de Dona Benta 37
1.3 Terceiro Trecho: As receitas de Tia Nastácia 41
1.4 Quarto Trecho: As Memórias de Emília 45
2 SEGUNDO CAMINHO: O REINO DAS ÁGUAS CLARAS 50
2.1 Primeira Tarefa: A Pílula Falante 51
2.2 Segunda Tarefa: No Palácio 54
2.3 Terceira Tarefa: A Costureira das Fadas 58
3 TERCEIRO CAMINHO: A REFORMA DA NATUREZA 65
3.1 Primeira Reforma: O Reformador da Natureza 66
3.2 Segunda Reforma: O Livro Comestível 75
3.3 Terceira Reforma: A volta de Dona Benta 79
3.4 Quarta Reforma: O Laboratório do Visconde 84
3.4.1 De asa em asa decidi pousar 90
3.4.2 Podemos aprender a voar 93
3.4.3 Caminhos Sensíveis 96
3.4.4 Espaços abertos 98
3.4.5 Livros abertos 100
4 QUARTO CAMINHO: A VIAGEM AO CÉU 103
4.1 Primeira Visita: O céu de noite 104
4.2 Segunda Visita: Viagem ao céu 117
4.3 Terceira Visita: Continua a viagem 127
4.4 Quarta Visita: Viagem à Terra 138
5 DEPOIS QUE AS LUZES SE APAGAM 149
REFERÊNCIAS 153
ANEXOS 164
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP **164**
ANEXO B – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE **167**

ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E A PERMISSÃO DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL **169**

Ilustração 1- Memórias de Emília
Fonte: Maria Luiza Silveira de Oliveira (2023)

…a vida, Senhor Visconde, é um pisca – pisca.
A gente nasce, isto é, começa a piscar.
Quem para de piscar, chegou ao fim, morreu.
Piscar é abrir e fechar os olhos – viver é isso.
É um dorme-e-acorda, dorme-e-acorda, até que dorme e não acorda mais.
É, portanto, um pisca-pisca. [...]
A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso.
Um rosário de piscadas.
Cada pisco é um dia.
pisca e mama;
pisca e anda;
pisca e brinca;
pisca e estuda;
pisca e ama;
pisca e cria filhos;
pisca e geme os reumatismos;
por fim, pisca pela última vez e morre.
– E depois que morre? – perguntou o Visconde.
– Depois que morre, vira hipótese. É ou não é?”

Monteiro Lobato. Memórias de Emília**,** 2017, p. 16-17

APRESENTAÇÃO: ANTES DO GALO CANTAR

É incrível como Emília[1] descreve o que é a vida. Um pisca-pisca. Na rapidez de um piscar de olhos toda uma história acontece. Preocupada em não virar somente uma hipótese, a boneca decide escrever suas memórias que registrarão para sempre sua história. Simples e rápida assim é a vida, mas é preciso contá-la e é desse jeito, seguindo o exemplo de Emília que começo esta Dissertação.

Nasci em Joinville, numa casinha de madeira sem pintura. Na verdade, era uma meia casinha, meia água, como se chama aqui no sul do Estado de Santa Catarina. A casinha era rústica e no seu interior preenchida com tudo que existia de simplicidade e recheada de amor. Amor de mãe, de irmãos, de prima, de pai. Agora imagine o quintal de minha casa: um grande terreno cercado por eucaliptos enormes, uma variedade de árvores frutíferas que além de nos abastecer, servia de refúgio e alimento ao passaredo que alegrava com seus cantos pela manhã quando acordávamos, nossa humilde vidinha.

Imagine um quintal onde a água brotava de um poço muito fundo. Uma água pura, límpida que matava nossa sede, regava a plantação e ajudava na limpeza da casa e na higiene pessoal. Imagine ainda, que próximo ao poço havia um forno à lenha de onde saia nosso pão caseiro e quentinho, pelo menos duas vezes por semana. Na brasa ardente sentíamos o cheiro doce e o gosto quente da banana que assávamos nela.

Em dias de inverno o frio congelava nossas mãos e pés, mas nos aquecíamos sentados ao sol num banquinho de madeira. Havia dias que o vento assoviava naqueles altos pés de eucaliptos. Eram tão altos que o vento envergava aqueles finos troncos que por vezes um ou outro, vinha ao chão. Aquele frio de inverno, o barulho das aves, o estalar das folhas secas caídas ao chão e o cheiro das frutas da estação era para mim o cenário mais lindo no qual eu podia viver.

Era um cenário e momentos muito ricos e propícios as histórias que líamos nos livros de Monteiro Lobato. Eu e minha prima Patrícia, adorávamos brincar de ‘Sítio do Picapau Amarelo’, porque tudo naquele quintal lembrava as histórias que Lobato narrava em seus livros. Até hoje lembro com muita saudade de Emília, Pedrinho,

[1] Uma das principais personagens de Monteiro Lobato na série de livros *Sítio do Picapau Amarelo*.

Narizinho e a temida Cuca. Em nosso quintal, a imaginação e a criatividade faziam de nós verdadeiros autores de nossas próprias histórias.

Acho que foi assim que passei a ter gosto pela Literatura, pois eu não só a lia, mas vivia cada cena e história dentro de meu próprio quintal. A cada ano que passava mais minha paixão pela Literatura aumentava. Além de ler também tomei gosto pela escrita. Gostava de escrever poemas e contos de fadas baseados nas histórias de Lobato. Meu gosto pelo estudo ia além de querer saber somente para mim. Sentia uma enorme necessidade de ensinar para minha prima Patrícia e para meus amiguinhos o que eu lia e o que eu aprendia. Foi então que me tornei professor das crianças e sonhava um dia estar numa sala de aula de verdade ensinando para um número ainda maior de crianças.

O tempo passou e eu nunca parei de estudar. Não sei ao certo o que houve, mas me perdi em minhas escolhas e não me tornei um professor como sonhava quando criança. Aos 18 anos passei no concurso do Estado para a Polícia Militar e foi então que tudo mudou. Me tornei uma pessoa mais firme, inflexível e sempre do lado da razão.

Depois de um tempo combatendo o que havia de errado na sociedade decidi fazer faculdade de Direito. Prestei vestibular e passei no certame de inverno para a Faculdade de Ciências Jurídicas da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), em Itajaí. Me formei Bacharel em Direito e depois de tantas decepções na carreira militar fui exercer a função de advogado autônomo. Mais uma vez lá eu estava do lado da lei. Não havia nada de errado em ser um homem da lei, mas algo me incomodava.

Sentia falta de ouvir mais a emoção e não somente a razão. Sentia essa necessidade de acolher, de rir e chorar com fatos e emoções. Ser menos severo, menos rigoroso e ouvir mais o coração. Me tornar uma pessoa mais sensível, leve e desapegada da ideia materialista. De ajudar as pessoas, não apenas pela contenda jurídica, mas também pelo amor, pelo carinho e pela compreensão ao próximo. Sentia a necessidade de voltar a ser aquela criança que contava sua própria história e que era simples e feliz.

Da advocacia me tornei proprietário de uma clínica médica. Passei a administrar a empresa com toda experiência jurídica que eu tinha. O negócio deu certo e me tornei dono de uma das maiores policlínicas de Joinville. Uma das especialidades médicas mais procuradas eram a Psiquiatria e a Psicologia. Na área da saúde comecei a ter um olhar diferenciado para as pessoas. Percebi pelos olhares, pelas falas sutis

e/ou agressivas dos pacientes que as pessoas estavam cada vez mais doentes e que a maioria dessas doenças era a falta de amor, carinho e atenção.

Deste modo entendi que eu não estava errado em querer ser mais compreensível, potencializando a sensibilidade. Tomei então, a decisão mais acertada em toda minha vida. Inscrevi-me nas vagas remanescentes no Curso de Letras da Universidade da Região de Joinville (Univille). Fui aprovado e frequentei o curso por quatro anos e meio, quando então me formei em Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Cursei Letras com muito comprometimento, participando de tudo que envolvesse a Literatura. Já no primeiro ano do curso conheci a Professora Ana Márcia Martins, que incentiva muito a escrita de textos sobre nossas memórias afetivas. Isso tocava cada vez mais minha sensibilidade. Foram tantos textos escritos que em 2019 resolvi publicar meu primeiro livro ‘O segredo do vampiro: o que a palavra não revela’, cujo prefácio foi escrito pela Professora Taiza Mara Rauen Moraes, outra professora que traz a Literatura na alma e no coração, a qual eu muito admiro. O livro foi dividido em duas partes. A primeira parte fala de sentimentos: amor, amizade, dor, respeito, alegria, tristeza, enfim emoções e a segunda parte conta uma história de amor em forma de poemas envolvendo todos esses sentimentos.

Ao lado do prazer em escrever andava junto o desejo antigo de lecionar. Participei de programas que me proporcionaram experiências muito boas nas escolas. Um deles foi o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Foi por meio deste Programa que tive o primeiro contato como professor na escola e pude vivenciar experiências muito boas neste universo tão complexo. Aquele sonho de menino estava prestes a virar realidade.

Em 2021, terminei o curso de Letras e resolvi não parar mais de estudar. Fiz inscrição no processo seletivo para o Programa de Pós-graduação Stricto Sensu - Mestrado em Educação na Univille e fui aprovado. Neste mesmo ano fiz concurso no Estado de Santa Catarina para Admissão de Professor em Caráter Temporário – ACT e, também fui aprovado. Meus ideais com a docência estavam cada vez mais concretos. Decidi então, vender minha empresa de saúde e focar nestas duas atividades.

No Mestrado em Educação fiquei sabendo que minha orientadora seria a Professora Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto, coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), que eu havia conhecido e participado por alguns meses

quando era acadêmico de Letras. Para mim foi uma surpresa, pois minha proposta em trabalhar com Literatura e educação não podia estar melhor ancorada.

A professora Silvia utiliza como um de seus métodos a pesquisa narrativa (auto)biográfica e me sugeriu que a adotasse. Não sabia exatamente como seria o desenvolvimento desse método, mas lembrei que havia escrito em 2021 e publicado em 2022, meu segundo livro *Martinha: filha de Gabriel*, cuja experiência foi escrever a biografia de minha mãe. O prefácio, desta vez, ficou por conta da Professora Ana Márcia Martins, cuja proposta de escrita tinha relação com o que ela também pensava. Foi um processo muito bonito de escrita. Me dediquei passar as sextas-feiras com minha mãe durante um mês e meio e nas tardes reservava um tempo para tomar um delicioso café e ouvir sua história de vida. Anotava tudo que ela me contava e a instigava cada vez mais a falar e revisitar um passado, que poderia revelar exatamente quem eu me tornara. Sem saber ao certo, estava me preparando para o Mestrado, pois pude, por meio da Literatura, descobrir a escrita narrativa que agora me aproprio e me aprofundo para a constituição de minha Dissertação.

Tudo agora estava fazendo mais sentido. Fui selecionado para trabalhar na *Escola de Ensino Médio Senador Luiz Henrique da Silveira*, da Rede Estadual de Santa Catarina, no município de Barra Velha e de fato comecei a exercer literalmente a função de professor. Fazer Mestrado e ministrar aula na rede estadual de ensino não é nada fácil, mas ambas atividades se complementam, pois foi com a prática na escola que conciliei a teoria amplamente estudada e discutida no Mestrado.

A minha admissão como Professor ACT contribuiu para a construção de minha pesquisa, já que, exercendo a docência na escola tornou-se mais fácil o diálogo com os professores e o convite para que fossem (inter)locutores da minha pesquisa de Dissertação.

Escolhi trabalhar com a Literatura e com professores numa abordagem narrativa (auto)biográfica, uma vez que minha questão inicial de investigação centrou-se em: *como a Literatura pode contribuir para identificar e compreender as potencialidades e fragilidades dos professores de Ensino Médio, acolhendo-os no ambiente escolar de modo que eles possam desenvolver práticas educativas, tendo as sensibilidades como norteadora nas suas ações?*

A partir dessa indagação, o objetivo geral dessa Dissertação foi *refletir sobre a Literatura como propulsora de experiências estéticas e sensibilidades com professores do Ensino Médio, potencializando as relações entre esses profissionais,*

gestores e estudantes, a fim de que se sintam partícipes e comprometidos nas práticas educativas.

A seu turno, meus objetivos específicos com a pesquisa foram: ampliar os estudos referentes aos conceitos fundantes da pesquisa – Literatura, Práticas Educativas e Sensibilidades, além da abordagem narrativa (auto)biográfica; Criar Ateliês Literários, a fim de desenvolvê-los com um grupo de 4 professores do Ensino Médio; Observar, vivenciar e registrar as Narrativas dos professores na ocasião dos Ateliês Literários; Perceber a partir dos Ateliês Literários, possíveis mudanças dos professores com relação ao olhar sobre si, sobre o outro e sobre seu ambiente de trabalho; Contribuir para o fortalecimento relacional dos professores, gestores e estudantes, levando em conta suas potencialidades e fragilidades para o desenvolvimento de suas práticas educativas.

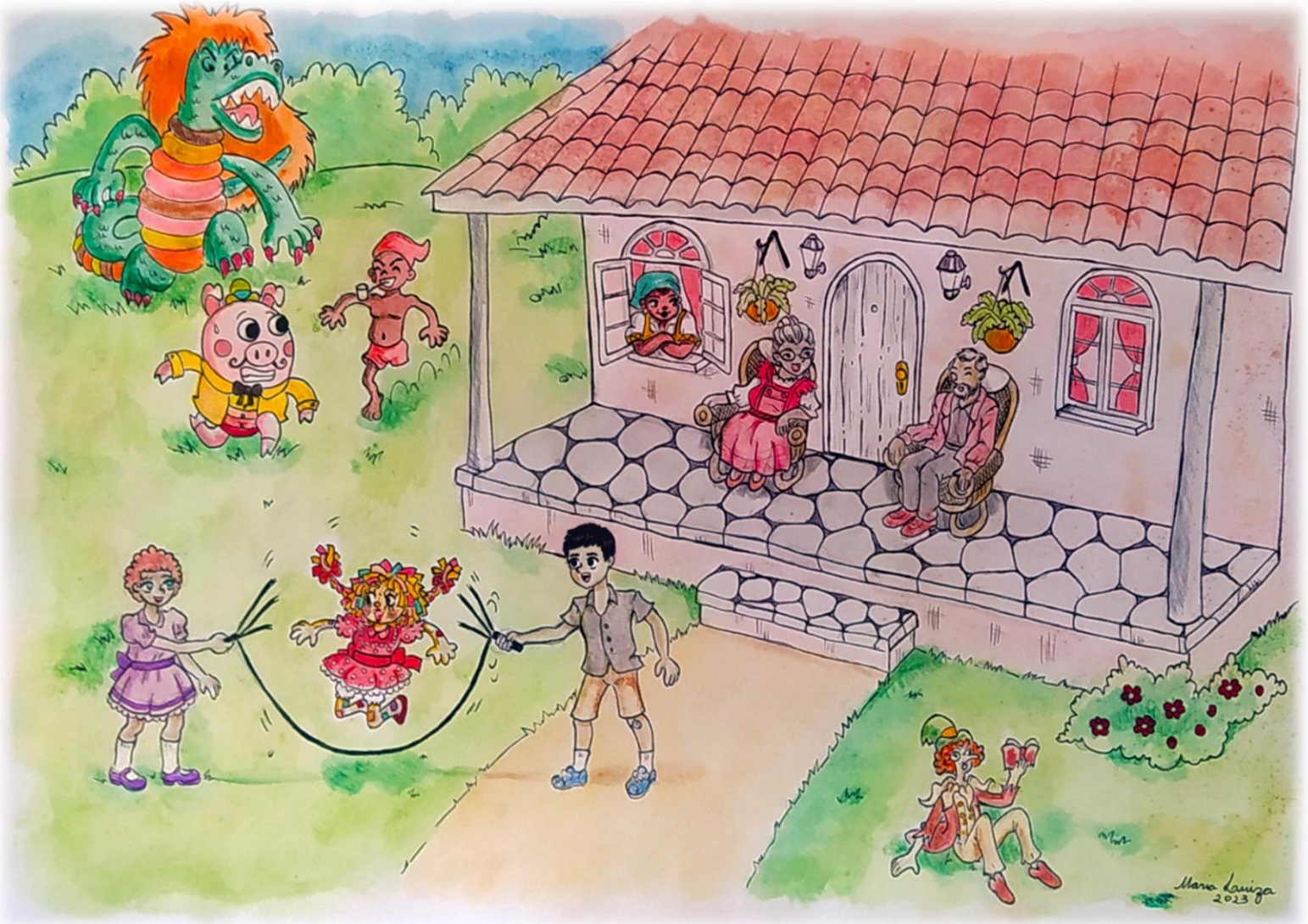
A pesquisa com abordagem narrativa (auto)biográfica, tem como base as sensibilidades, fazendo uso das narrativas por meio de: gravações em áudio, filmagens, fotografias e anotações, durante e após a realização dos Ateliês Literários, como forma de produção dos dados, seguidos do princípio compreensivo-interpretativo, referenciado em Bertaux (2010). A análise apontou pistas sobre potencialidades e fragilidades dos professores, durante os Ateliês Literários, que tiveram como alicerce as experiências estéticas na Literatura e os imbricamentos destas com as práticas educativas.

Estimo que os processos/resultados da pesquisa poderão contribuir para que nós professores, continuemos construindo nossa identidade profissional, percebendo a importância das relações interpessoais no espaço da escola e compreendendo o quanto a sensibilidade influencia em nossas práticas educativas para uma educação mais afetiva e significativa. Importante ressaltar que a pesquisa narrativa (auto)biográfica acolhe a história de vida do pesquisador e dos (inter)locutores da pesquisa, pois não separa o que fomos, o que somos e o devir ser.

O sítio de Dona Benta foi se tornando famoso tanto no mundo de verdade como no chamado Mundo de Mentira. O Mundo de Mentira, ou Mundo da Fábula, é como a gente grande costuma chamar a terra e as coisas do País das Maravilhas, lá onde moram os anões e os gigantes, as fadas e os sacis, os piratas como o Capitão Gancho e os anjinhos como Flor das Alturas. Mas o Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro. O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar no que acreditavam.

Monteiro Lobato, O Picapau Amarelo**,** 2019, p. 4

Ilustração 2 - O Picapau amarelo



Fonte: Maria Luiza Silveira de Oliveira (2023)

1 PRIMEIRO CAMINHO: O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Quando eu era moleque e assistia o *Sitio do Picapau Amarelo* ficava imaginando como seria se eu fosse um personagem de Monteiro Lobato. Na minha imaginação, sempre tinha muitas ideias para desbravar outros caminhos pelo sítio de Dona Benta. Sempre fui criativo e não gostava de pisar onde meus amiguinhos já haviam pisado. Gostava de descobrir outras possibilidades, de caminhar devagar por cada trecho e criar algo que ainda não havia sido criado.

É com essa mesma intenção que começo minha Dissertação, e, neste primeiro trecho: *A turma do Sítio*, realizei uma busca nas plataformas CAPES e Univille e no Blog do NUPAE para conhecer quais pesquisas se relacionavam com a minha temática, a fim de que eu pudesse identificar lacunas e convergências para trilhar por caminhos diferentes e contribuir com algo relevante.

Assim como Pedrinho eu adorava as férias no sítio de minha tia Elza, irmã de minha mãe. Aguardava ansioso o mês de julho para passar minhas férias lá em companhia de meu irmão e meu primo. Era maravilhoso fugir da cidade grande para poder sentir um ar mais puro, o cheiro de mato, a relva nas pastagens, o friozinho da manhã, o calor do fogão à lenha e a voz calma da tia que contava histórias de assombrações. O sítio era um cenário que tocava nosso coração e nossa sensibilidade.

No segundo trecho do caminho: *As histórias de Dona Benta*, reservo espaço para falar de sensibilidades, de uma educação pelo sensível, de um espaço escolar acolhedor onde o sensível fala tanto quanto a razão, um local humanizador onde nós professores construímos nossas identidades profissionais, como veremos no item subsequente.

Se algo chamava mais nossa atenção que as brincadeiras no sítio, era a comida quentinha feita no fogão à lenha por nossa tia. Todos os dias ela preparava algo diferente e nos deixava sempre ansiosos para degustar as refeições feita com muito carinho e amor. Essa afetividade em tudo que ela fazia é que nos prendia naquele ambiente sem o conforto de nossa casa na cidade. *As receitas de Tia Nastácia* é o terceiro trecho do caminho a percorrer, no qual escrevo sobre as constituições das identidades profissional e sobre as práticas educativas numa relação humanizada e ancorada nas sensibilidades. Uma prática nutrida pela Literatura, que pode mobilizar

ao professor a ressignificação de suas identidades, mesmo diante dos encantos e desencantos de seu cotidiano, em que a ideia principal é a construção de vínculos afetivos que potencializam e transformam nossa relação com o ensino e nos aproximam dos estudantes.

Por fim encontro com Visconde - um sabugo de milho que mora numa estante de livros, considerada a biblioteca de D. Benta. Visconde escreve *As Memórias de Emília*, meu quarto trecho do caminho percorrido. Para mim não há lugar melhor da casa do que a biblioteca. Não importa se ela seja grande como a de Visconde ou um cantinho com alguns livros, o que importa é a infinidade de possibilidades que as histórias narradas nos livros nos permitem viver.

No quarto trecho do caminho falarei sobre os Ateliês Literários, que de acordo com Delory-Momberger (2006) é um procedimento que possibilita a construção das narrativas (auto)biográficas. Abordarei os desvelamentos das experiências estéticas como possibilidades para submergir descobertas e valores pessoais até então não revelados. A intenção é perceber de que modo as experiências estéticas a partir dos Ateliês Literários podem dar vazão as sensibilidades a partir das narrativas de vida dos professores/(inter)locutores da pesquisa. Em breves linhas tecerei sobre a importância das narrativas (auto)biografias como mediadoras na formação dos professores e sobretudo nas discussões dos assuntos da educação.

1.1 Primeiro Trecho: A Turma do Sítio

Ao iniciar o Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade da Região de Joinville (Univille), fui acolhido pelo Núcleo de pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), que teve seu início em 2003 e hoje está vinculado ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Univille.

O estado do conhecimento fundamentou-se nas pesquisas do NUPAE, no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu e no Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade, ambos da Univille, além do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Compreendo que para uma pesquisa acadêmica é necessário situar também as pesquisas do NUPAE, núcleo em que participo, no sentido de verificar temáticas

que convergem com minha pesquisa e, também lacunas, reiterando a relevância da temática escolhida para minha Dissertação em diálogo com as demais do Núcleo.

O recorte da investigação pautou-se nos últimos cinco anos, tendo como referência os descritores: ‘Literatura’, ‘Narrativa’, ‘Práticas Educativas’, ‘Docência’ e ‘Sensibilidades’. Para cada descrição encontrei uma pesquisa que contribuiu com a minha, a exemplo, a de Letícia Caroline da Silva Jensen, intitulada: *Experiências sensíveis atravessadas pela literatura em espaços não formais de educação*, dissertação de Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville – Univille, do ano de 2019.

A Dissertação de Jensen (2019) busca na Literatura, experiências sensíveis em forma de oficinas estéticas com adolescentes/jovens, afirmando que: “[...] pretendia promover um encontro entre aqueles adolescentes/jovens com os textos literários, despertando sentimentos, afetamentos e outros olhares” (Jensen, 2019, p. 73).

Esse objetivo coaduna com minha Dissertação ao buscar nas experiências literárias possibilidades para tocar o sensível que existe em cada ser humano e acolher o professor do Ensino Médio de modo a compreender suas potencialidades e fragilidades para que juntos possamos desenvolver práticas educativas humanizadoras. A pesquisadora deixa evidente sua pretensão em fazer uso da Literatura para “[...] possibilitar um tempo de leitura diferente, sem julgamentos, sem certo e errado, sem metas a serem atingidas” (Jensen, 2019, p. 73). Ou seja, os (inter)locutores da pesquisa foram jovens, que de certo modo tem aderência com a minha Dissertação que trata do contexto de professores do Ensino Médio. Além disso, ambas as pesquisas tratam das sensibilidades e narrativas de história de vida.

Em seguida trago a pesquisa/dissertação de Patrícia Regina de Carvalho Leal, com o título: *Percursos de uma professora andarilha na Educação Infantil: narrativas (auto)biográficas*, Dissertação de Mestrado em Educação da Univille, do ano de 2019. Por sua vez, no que pese ao descritor ‘Narrativa’, a pesquisa contribui para minha Dissertação quando objetiva refletir sobre as práticas educativas na educação infantil a partir das narrativas sobre (auto)biografia docente, destacando as experiências de ontem e de hoje como imprescindíveis para uma educação pelo sensível. Apesar de minha Dissertação envolver professores do Ensino Médio, do qual eu faço parte, a pesquisa de Leal (2019) tem aderência com a minha, uma vez que também utilizei a narrativa auto(biográfica), tendo Ateliês Literários como mobilizadores para experiências estéticas, potencializadas pelas sensibilidades.

Na sequência, *Artesania: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade* de Rita de Cássia Fraga da Costa, Dissertação de Mestrado em Educação da Univille, do ano de 2019. Quando o descritivo é ‘Sensibilidade’ vejo grande contribuição para a minha Dissertação no que se refere as experiências estéticas. A autora investigou experiências em artesania no espaço não formal de educação, pelo viés da formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis com idosos. O desafio da pesquisadora foi desenvolver práticas educativas pautadas na experiência com artesanias, tendo como base a sensibilidade.

Por fim encontro a pesquisa/dissertação *Musicalização: memórias, experiências e sensibilidades na terceira idade* de Hilda Natume, Dissertação de Mestrado em Educação da Univille, do ano de 2018. A pesquisa também é referência para minha Dissertação, especialmente quando busquei pelo descritor ‘Práticas Educativas’ e ‘Sensibilidades’. Natume (2018) desenvolveu práticas educativas por meio de oficinas de musicalização e relata que, na trajetória de sua pesquisa, os dados foram aos poucos se produzindo no processo, culminando em experiências estéticas, significados e sentidos com idosos. Isso me leva a crer que ao trabalhar os Ateliês Literários com professores do Ensino Médio, tive grandes possibilidades de obter narrativas, cujos processos/resultados refletiram nas práticas educativas em sala de aula.

Importante ressaltar que, tanto a música quanto a Literatura são linguagens/expressões das artes que tocam as sensibilidades das pessoas, provocam levezas, ativam memórias afetivas, transportam para tempos passados, alentam e encontram sentidos guardados à espera de momento para ressurgir e ressignificar.

Em visita ao sítio da Univille, buscando referências para os descritores ‘Literatura’ e ‘Narrativas’ encontrei no banco de Dissertações e Teses dos Programas de Pós-graduação - Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, duas dissertações: uma com o título *Eugenia e Identidade Nacional nos Escritos de Monteiro Lobato,* de Arlindo Ferretti Junior, defendida em 2020 e outra de Fabio Moreira, intitulada: *Narrativas sobre a Pesca Artesanal na Ilha do Morro do Amaral*, Joinville, SC, defendida em 2021.

Ferretti Junior (2020) teve como propósito destacar a Literatura como fonte importante para as pesquisas em Ciências Humanas. A Dissertação se aproxima dos conceitos que me aproprio, principalmente ao referenciar Antonio Candido (2006) e

Todorov (2010) quando defendem que a Literatura é uma das formas pelas quais os indivíduos – e com eles a sociedade e a cultura – se expressam e ampliam sua visão de mundo.

Importante ressaltar que a Literatura é propulsora de sensibilidades, seja na área da Educação ou nas demais áreas, como no caso do Patrimônio Cultural e Sociedade. Ferretti Junior (2020) em sua pesquisa desvelou parte da história intelectual brasileira a partir dos escritos de Monteiro Lobato, fundamentando em Pesavento (2006, p. 11), afirmando que a Literatura enquanto “discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas”, fornece informações relevantes para a construção de narrativas históricas.

A Dissertação de Fabio Moreira, intitulada: *Narrativas sobre a Pesca Artesanal na Ilha do Morro do Amaral*, Joinville, SC (2021), cujo descritivo utilizado foi ‘Narrativa’ teve como objetivo discutir e registrar as narrativas sobre os saberes e as práticas dos pescadores artesanais moradores da Ilha do Morro do Amaral, uma ilha localizada no município de Joinville/SC. Para tanto escolheu como metodologia a história oral temática, realizada com 10 moradores da Ilha que trabalhavam com a pesca ou que conviviam com pescadores.

Enfim, é de bom alvitre mencionar que trabalhar com narrativas, seja com professores, com pescadores ou com outros (inter)locutores, é uma importante escolha para contar e reviver histórias e descobrir novas possibilidades de viver a vida. É, como relata Moreira (2021, p. 154) “[...] uma tarefa desafiadora, mas gratificante”.

Além das pesquisas do Banco de Dissertações e Teses do NUPAE e dos Programas de Pós-graduação – Mestrado em Educação e Mestrado e Doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille, que contribuíram para os percursos da minha Dissertação, também tive acesso ao Catálogo de Teses & Dissertações – CAPES. O objetivo foi vislumbrar o que tem sido pesquisado nos últimos cinco anos, a respeito da Literatura e seus imbricamentos envolvendo professores do Ensino Médio, de modo que eu tivesse clareza de estar trilhando um caminho que viesse a preencher lacunas até então não trabalhadas.

Para tanto, ao acessar o Catálogo de Teses & Dissertações – CAPES, busquei a combinação de sete descritores. Comecei com a combinação ‘Sensibilidades’ e ‘Ateliê Literário’ e, após o resultado de tantas pesquisas, para refinar o estado de conhecimento, selecionei Teses e Dissertações do ano de 2018, pois não havia resultados após esse marco; optei pelas Ciências Humanas como grande área de

conhecimento e a Educação como área de conhecimento. Com esse refinamento, essa primeira combinação resultou em 55 pesquisas, das quais selecionei quatro delas com maior aderência a minha Dissertação - uma Tese e três Dissertações.

A primeira pesquisa que me chamou atenção foi a Dissertação de Tiago Sanzio dos Santos Pereira, cujo título é: *Recordações, Escritos e Olhares: O Ateliê Biográfico e a Docência na Socioeducação*, apresentada no Programa de Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, em 2018. Apesar da pesquisa não possuir divulgação autorizada é possível por meio do resumo publicado na plataforma Sucupira CAPES, entender o diálogo que minha Dissertação faz com a de Tiago S. dos S. Pereira (2018), já que a do referido autor tem como objetivo geral a aplicação e o desenvolvimento do Ateliê Biográfico de Projetos no contexto da docência na socio educação. Vejo aqui uma pesquisa (auto)biográfica com professores que trabalham em unidades socioeducativas de Belo Horizonte, o que me interessa, pois, minha Dissertação envolve Narrativas de professores, no entanto, do Ensino Médio. Tiago S. dos S. Pereira (2018) considera a formação docente um mote principal, de modo que procura com sua pesquisa ativar as nuances da memória através do olhar, da escrita e da fala, todas num mesmo plano.

Encontro também respaldo na Tese de Tainá Maria Pinheiro dos Santos, com o título: *Sensibilidades e ambivalências em periódicos educacionais paulistas (1902-1911)*, e apresentada no Programa de Doutorado em Educação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, em 2018. Santos (2018) justifica a importância de sua pesquisa ao relatar que a educação é uma das importantes questões que se relacionam aos impulsos republicanos nas primeiras décadas do século passado. Em sua versão escolar, foi um dispositivo para formar as novas gerações de uma desejável nação que se formara, longe do registro imaginário e simbólico imperial.

Relata ainda, que a educação republicana, constituída nesta nova nação, ocupou-se em orientar os mestres escolares não apenas nos termos dos conteúdos e métodos de ensino, mas, em seu interior e em paralelo a eles, pautar formas de educar as sensibilidades de crianças e jovens (Santos, 2018).

Foi por meio da tessitura discursiva composta especialmente por narrativas, artigos e prescrições que o pesquisador expõe em sua Tese os resultados de uma pesquisa que objetivou investigar aspectos do processo de educação do sensível em São Paulo nas duas primeiras décadas do século vinte, que marcaram os esforços de

produção de sensibilidades em conformidade com a nova nação republicana (Santos, 2018). A pesquisa de Santos (2018) que veio permeando a educação pelo sensível no início do século XX enriqueceu minha Dissertação, pois corrobora e dá importância ainda maior para a continuidade das pesquisas que envolvem as experiências estéticas e sensibilidades em dias atuais.

Janusia Souza Aquino em sua Dissertação, elegeu como título: *A Escolarização da Literatura em Diferentes Níveis da Educação Básica: Um Trajeto de (Des) Encantamento?* A Dissertação foi apresentada no Programa de Mestrado em Educação, na Universidade Estadual de Santa Cruz. em 2018, tendo como objetivo identificar e analisar como o professor trabalha com o texto literário nos diferentes níveis de ensino na Escola Básica; e promover o trabalho com o texto literário, na escola, na perspectiva do letramento e da educação literária.

Deste modo, colaborou para o avanço da minha Dissertação, pois Aquino (2018) e muitos outros pesquisadores encontrados nos resultados da plataforma CAPES, fazem o uso da Literatura em suas práticas pedagógicas, embora nenhum deles, traga a Literatura como experiência estética para que os professores possam identificar fragilidades e potencializar em suas práticas pedagógicas, como é o caso de minha Dissertação.

Na continuidade da busca, seguindo o mesmo procedimento acima, procurei pela combinação ‘Sensibilidades’ e ‘Literatura’. Foram encontradas 411 pesquisas. De modo a limitar a quantidade de trabalhos a serem analisados, optei por acessar as primeiras cinco páginas dos resultados, sendo que cada página continha 20 pesquisas. Entre as Teses e Dissertações analisadas, selecionei 05 Dissertações que mais se aproximaram com meu tema.

A Dissertação de Yuri Luis Goncalves Pereira, *Dimensão Estética e Experiência Sensível na Literatura Infantil de Haroldo Maranhão* apresentada no Programa de Mestrado em Educação, na Universidade do Estado do Pará, de 2018, com o objetivo de refletir a dimensão estética das obras infantis de Haroldo Maranhão mediante a experiência sensível da leitura. Com essa pesquisa Yuri Pereira (2018) pretende responder como as obras infantis de *Haroldo Maranhão* podem contribuir para uma educação do sensível.

O pesquisador relata que nas obras de *Haroldo Maranhão*, torna-se muito clara, poeticamente, o sentir e o pensar de crianças em desenvolvimento para a vida e isso estimula a continuidade da experiência diária de crescimento em sociedade, em

família, em si. O foco da minha Dissertação não está nas crianças, embora possa surgir no decorrer do percurso títulos da Literatura infantil para reflexão sobre o sensível. De qualquer forma, desenvolvi pesquisa de campo com professores do Ensino Médio, também com leituras literárias.

Convém trazer também a pesquisa de Nathalia Soares Fontes, intitulada: *A Literatura na Base Nacional Comum Curricular: O Ensino Literário e a Humanização do Indivíduo*, Dissertação apresentada no Programa de Mestrado em Educação, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em 2018. A pesquisadora analisa a Literatura a partir de sua formulação no trabalho proposto pelo Ministério da Educação, Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois este documento normativo visa à superação da fragmentação das diretrizes educacionais no Brasil. Fontes (2018) afirma que a perspectiva adotada na leitura da BNCC é a da educação literária que viabilize a fruição estética e o processo de objetivação humana.

A pesquisa de Fontes (2018) aborda sobre o ensino da Literatura e defende que a Literatura, como conhecimento clássico, que deve estar nas escolas e, sobretudo, convergir com seus objetivos de aprendizagem, os quais possibilitem a construção da humanização; além disso, que leve o indivíduo à catarse estética.

Na sequência, trago a Dissertação: *Subjetivação docente do atravessamento da literatura nos cursos de Pedagogia*, de Francieli Corbellini, apresentada no Programa de Mestrado em Educação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 2018. A referida pesquisa contribuiu com a minha quando percebi em sua investigação a existência de algumas regularidades e deslocamentos no uso da Literatura emergida em um curso de Pedagogia, bem como de que modos seus usos atravessam a constituição desses estudantes aspirantes a essa carreira.

Corbellini (2018) destaca que a leitura de Literatura tomada a partir de figuras de mestres desloca-se para a forte entrada do viés metodológico, com foco no ensino de Literatura para crianças por volta da década de 1980 e, mais contemporaneamente, para uma relação de autoconhecimento com a Literatura como amortecimento da vida e da relação consigo.

No dizer de Corbellini (2018) há algumas brechas que se operam nas práticas acadêmicas, quando da investida em alguns estudos sobre a Literatura, sobre o olhar, e também por meio de específicas práticas docentes. Isso me fez acreditar muito mais em minha dissertação, já que o tempo nos possibilita pensar numa literatura articulada

a sensibilidade, perpassando na vida das pessoas, sobretudo, nas dos professores do Ensino Médio.

Outra pesquisa que se aproxima de minha Dissertação, pelo fato do uso da Literatura como instrumento de pesquisa formado por textos literários foi a de Rosangela Maria Silva com o título: *Ressignificando o uso da literatura para educação étnico-racial*, apresentada no Programa de Mestrado em Educação, na Universidade de São Paulo, em 2018.

A pesquisa de Silva (2018) caracterizou-se por ser qualitativa com aspectos que a inserem nos estudos etnográficos, propondo um estudo de caso que envolveu estudantes e professores, reunindo-os em encontros no formato de aula-oficina. O objetivo de Silva (2018) foi articular e compreender os conceitos de formação, função da Literatura e discutir sobre relações étnico-raciais no Brasil, especialmente do negro.

É claro observar na Dissertação de Silva (2018) que a autora tende a buscar na literatura experiências estéticas que visem as sensibilidades. Basta atentar-se no referencial teórico constituído por autores que estudam e problematizam as questões étnicos-raciais, discutindo o uso da Literatura no desenvolvimento do processo de humanização do indivíduo e de que forma o conceito de formação pode ser compreendido como parte da experiência do sujeito na sua relação com ele e com o mundo.

É mais uma pesquisa que envolve sensibilidades e professores, desta vez num contexto antirracismo, tendo como (inter)locutores professores e estudantes. Deste modo, caminhar por esta linha tão tênue é buscar mais desta temática que ainda está gatinhando num universo literário capaz de transformar seres humanos em seres humanos afetivos.

Silva (2018) constata pela análise dos dados produzidos, que os estudantes por meio das interações com o texto literário, puderam atribuir significados ou ressignificar a dimensão coletiva e social da realidade da qual fazem parte. Por sua vez, os professores entrevistados apontaram para uma prática docente que requer uma desconstrução de modelos educativos vigentes, assumindo o compromisso em formar uma sociedade mais igualitária e, especialmente para a população afrodescendente, não racista.

Ao analisar a Dissertação de Renata Flávia de Oliveira Sousa: *Tecer Saberes Sensíveis: Educação Humanizadora e a Construção da Narrativa Histórica*, apresentada no Programa de Mestrado em Educação, na Universidade Nove de Julho,

em 2018, percebi que estava caminhando de modo significativo pela escrita sensível. Sousa (2018) busca analisar aproximações e distanciamentos entre história e Literatura, dando ênfase em uma Narrativa Histórica como prática do pensamento complexo para uma educação humanizadora.

Como resultado de sua investigação, Sousa (2018) reforça que os (inter)locutores indicaram um caminho para a prática do pensamento complexo, tanto na educação quanto na produção científica, de tal modo que se produzirmos uma escrita sensível que nos permita conhecer e incluir o sujeito na feitura do mundo, poderemos ir mais longe, não somente trazendo informações, mas ensinamentos para a vida.

Ao referir na busca a combinação dos descritores ‘Sensibilidades’ e ‘Ensino Médio’ resultaram em 2646 pesquisas. Seguindo os mesmos procedimentos acima, selecionei três resumos de Dissertações para corroborar com minha pesquisa.

A pesquisa de Adriele Machado Rodrigues, com o título: *Significações Imaginárias Sobre a Condição Docente no Ensino Médio: Um Estudo na Rede Estadual do Município de Alegrete-RS*, foi apresentada no Programa de Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Santa Maria, em 2018, e contribuiu significativamente com Dissertação.

Rodrigues (2018) trabalhou com professores do Ensino Médio, por meio das narrativas de vida, pela qual foi possível apreender suas vivências, os sentidos e os significados que eles atribuem à condição docente, enquanto professores do Ensino Médio. A pesquisa de Rodrigues (2018) foi fundamental para a minha Dissertação, pois a metodologia de roda de conversa adotado por ela, dialoga muito bem com os Ateliês Literários, presentes na minha Dissertação. Além do que o foco de Rodrigues (2018) são as significações imaginárias e a minha é a Literatura. Assim como eu acredito que a Literatura é um universo capaz de movimentos humanos, Rodrigues (2018, p. 26) “[...] acredita que há um universo simbólico que permeia à docência no Ensino Médio, considerando que os sujeitos envolvidos nesta realidade a simbolizam e a significam”.

As outras duas pesquisas selecionadas não dialogam diretamente com minha, mas convém mencioná-las para se ter ideia dos temas que pesquisadores estão desenvolvendo quando se trata de Ensino Médio. Alguns deles tem-se preocupado com a formação de professores deste nível de ensino. Lydyane Maria Pinheiro de Lima ao trabalhar formação de professores em sua Dissertação: *Formação Continuada no*

Contexto do Ensino Médio no Brasil: a Implantação do PNEM nas Escolas Estaduais de Russas-CE, apresentada no Programa de Mestrado em Educação e Ensino, na Universidade Estadual do Ceará, em 2018, investiga o papel cumprido pelo Programa federal de formação continuada de professores: Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio – PNEM no atual contexto desse nível de ensino.

Para a realização de sua pesquisa, Lima (2018) contou com referencial teórico bibliográfico, análise dos documentos normatizadores e entrevistas com professores da Rede Pública Estadual de Russas/CE. Pude perceber que o contexto do trabalho de Lima (2018) está ligado a formação de professores para a atuação num Ensino Médio compreendido como etapa estratégica para a formação de um novo indivíduo adaptável a um contexto de flexibilidade do mercado de trabalho, competitividade e incertezas.

A seu turno, Flavio Antonio Rodrigues Abraão, com sua pesquisa: *Formação Continuada para Professores de Ensino Médio no Estado de Rondônia: realidade e perspectivas*, Dissertação apresentada no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2018, propôs discutir a importância da política de formação continuada destinada aos professores estaduais, do Ensino Médio em Rondônia, tendo como base uma reflexão sobre a prática docente nestes estabelecimentos de ensino. Rodrigues Abraão (2018) assumiu como hipótese que não há uma política efetiva direcionada à formação continuada de professores que possibilite aos profissionais de Ensino Médio uma conexão entre teoria e prática cotidiana.

As pesquisas de Lima (2018) e de Rodrigues Abraão (2018) ilustram a preocupação com a formação continuada para professores no âmbito do Ensino Médio. Em nenhuma destas pesquisas foi observada a pessoa do professor como sujeito sensível, de modo que, minha Dissertação tem muito a contribuir para uma formação de professores mais humanizada e articulada às práticas educativas.

Na busca pela combinação dos descritores ‘Ateliê Literário’ e ‘Ensino Médio’ obtive 2655 resultados. Analisadas as primeiras cinco páginas com 20 pesquisas cada, selecionei apenas uma Dissertação, pois o descritor ‘Ensino Médio’ envolve muitas pesquisas na área com diversos temas que se distanciam do meu foco de pesquisa.

No que pese a essa combinação de descritores, o trabalho escolhido foi de Ana Flavia Santos da Conceição, intitulado: *Memórias de Professores: um estudo sobre a formação continuada no Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio*, Dissertação apresentada no Programa de Mestrado em Educação e Docência da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2018.

O que me chama atenção para a pesquisa de Conceição (2018), apesar de tratar-se de formação continuada, é o termo ‘Ateliês da Memória’ que a pesquisadora utiliza para reconstruir as memórias da formação no Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio – PNEM, guardado nas memórias dos professores participantes. Nos Ateliês Literários, inclusos em minha Dissertação, também mobilizei professores a revisitar suas memórias e relacioná-las as práticas educativas.

No que tange a combinação dos descritores ‘Ateliê Literário’ e ‘Narrativa’ encontrei 292 pesquisas entre Teses e Dissertações. Seguindo a mesma lógica de seleção, escolhi três Dissertações, no entanto, descreverei somente duas, pois a Dissertação de Tiago Sanzio dos Santos Pereira (2018), que também fez parte dos resultados, já foi relatada quando analisei os descritores ‘Sensibilidades’ e ‘Ateliê Literário’.

Desta feita, trago a Dissertação de André Luiz Rodrigues de Camargo, com o título: *Dever de um professor pelas veredas da educomunicação: narrativa autoetnográfica*, apresentada no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de São Carlos, em 2018. Camargo (2018) tem por objetivo relatar e refletir sobre sua transformação e seu desvelamento como professor-pesquisador em sua atuação cotidiana profissional e pessoal, tendo como base a autoetnografia. Para contribuir sobre essa questão Camargo (2018) adotou os preceitos de etnografia de Scribano e Sena (2009), ao defenderem que o gesto autoetnográfico é o ato que consiste em aproveitar e fazer valer as nossas próprias experiências afetivas e cognitivas ao elaborarmos conhecimento sobre um aspecto da realidade baseado na própria participação no mundo da vida no qual tal aspecto está inserido. Assim é a proposta de minha Dissertação, quando me incluo nela trazendo a minha própria história como professor e utilizando a narrativa (auto)biográfica. Desde modo, minha Dissertação conversa com a de Camargo (2018), pois ambas têm o viés em que o pesquisador faz parte como sujeito da própria pesquisa.

Catia Pascotini Bairros, com sua pesquisa: *Histórias de Vida e Narrativas de Quatro Professoras Normalistas*, Dissertação apresentada no Programa de Mestrado

Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria, em 2018, contribui com minha Dissertação ao utilizar as narrativas das trajetórias de vida e das experiências das professoras participantes da pesquisa. Bairros (2018) fundamenta sua metodologia em Clandinin e Connelly (2015) o que me despertou interesse na busca por esses autores quando se trata de narrativas, embora tenha me fundamentado em Delory-Momberger (2012) cujos estudos se concentraram método narrativo (auto)biográfico.

Na continuidade da busca, ampliei a combinação para quatro descritores, sendo: ‘Sensibilidades’; ‘Ateliê Literário’; ‘Ensino Médio’; ‘e ‘Narrativa’, a fim de que houvesse um resultado mais aproximado ao meu tema, no entanto, isso não alterou muito os resultados obtidos. Ao primeiro trio de combinação: ‘Sensibilidades’; ‘Ateliê Literário’ e ‘Ensino Médio’, foram obtidos 2661 resultados de pesquisas, seguindo o mesmo procedimento de refinamento. Destas Teses e Dissertações encontradas, selecionei uma Tese e quatro Dissertações, sendo que as quatro Dissertações já haviam sido selecionadas e analisadas com a combinação de outros descritores acima mencionados.

Desde modo, destaco a Tese de Angelica Guedes Dantas com o título: *Formação Continuada de Professores do Ensino Médio: dispositivos de Escuta e Análise das Práticas Profissionais*, apresentada no Programa de Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília, em 2018. A Tese de Dantas (2018) aborda um tema muito importante e que de certa forma dialoga com minha Dissertação, uma vez que a pesquisa de Dantas (2018) investigou os modos pelos quais os professores desenvolvem estratégias de prevenção e de intervenção para o enfrentamento do sofrimento docente, do fracasso escolar e das violências na escola. Em minha Dissertação me preocupo com essa temática quando menciono que o ambiente escolar é propício a desencantamentos de todas as ordens, mas as construções afetivas podem amenizar tais impactos. Saber lidar com desencantamentos, pode apontar caminhos de diálogos e compartilhamentos entre os que habitam na escola e em seu entorno. Além disso, a minha Dissertação conversa com a pesquisa de Dantas (2018), sobretudo, quando utilizo o método narrativo (auto)biográfico com professores do Ensino Médio, potencializando sensibilidades por meio da Literatura.

No segundo trio ‘Sensibilidades’; ‘Ateliê Literário’ e ‘Narrativa’, o resultado obtido foi de 250 pesquisas. Deste resultado selecionei uma Tese e duas

Dissertações, sendo que uma das Dissertações já havia sido selecionada nas duplas de descritores já pesquisados.

A começar pela Tese de Vanessa França Simas, com o título: *A Professora-Pesquisadora-Iniciante e Seus Outros: Caminhos Partilhados na Invenção de Ser Professora*, apresentada no Programa de Doutorado em Educação, da Universidade Estadual de Campinas, em 2018. A Tese de Simas (2018) se entrelaça com minha Dissertação em vários aspectos, em especial pela narrativa (auto)biográfica de um professor iniciante. A autora narra sua própria prática para refletir sobre como se constituiu professora, no e pelo trabalho, no início da docência; como o outro a constituía como professora e como a escrita contribuiu nesse processo; vejo-me pensando sobre as mesmas questões.

Para finalizar trago a Dissertação de Fabiana Alessandra Fonsaca Ruy, intitulada: *Retratos do Início da Carreira Docente: Nas Experiências Vividas, Revelações da Constituição do Professor*, apresentada no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, em 2018. Ruy (2018), assim como Simas (2018), objetivou analisar e compreender as experiências vivenciadas pelo professor em início de carreira. No entanto, Ruy (2018) contribuiu e dialoga com minha Dissertação no ponto em que discute, como formadora de professores, a questão da constituição do ser professor. A autora aponta as peculiaridades desta constituição e a relevância do acolhimento aos novatos na escola. Também discorre sobre o valor do acolhimento recebido pelos estudantes como contributo para que os professores prossigam na carreira, bem como a importância do papel da equipe gestora como apoiadora do fazer docente e da constituição profissional.

Deste modo, o ponto de diálogo entre a minha Dissertação com a pesquisa de Ruy (2019), está justamente nas questões identitárias da constituição do ser professor. Neste ponto, busco junto da Literatura um meio para potencializar as sensibilidades nas relações com o outro, pois parte da construção das identidades do professor advém da dimensão subjetiva, cuja relação com o outro é indissociável no espaço escolar onde tudo acontece.

São muitos os personagens que compõem a turma do Sitio do Picapau-Amarelo, cada qual com sua importância, por ora me basta falar de alguns deles, que para a escritura dessas memórias não são as da Emília.

As pesquisas selecionadas e analisadas a partir do estado de conhecimento, convergem em alguns aspectos com a minha, mas também se distanciam, o que possibilitou encontrar lacunas. São as lacunas que impulsionam novas pesquisas e novos olhares e ao articular os descritores vindos das palavras-chave de minha Dissertação, penso que esse é um dos caminhos para contribuir com os vazios encontrados e ao mesmo tempo, dialogar com aqueles que estão presentes. O conhecimento da Arte tem contribuído com as questões trazidas em minha Dissertação, subsidiando tanto os aspectos teóricos como metodológicos.

No trecho seguinte dialogo sobre sensibilidades no ambiente escolar. Sabemos que a pandemia trouxe várias consequências para a sociedade, inclusive para a escola, deixando as pessoas mais fragilizadas pela ausência do convívio social presencial. Essas fragilidades são geradores de inúmeros conflitos na escola entre professores e estudantes, professores e professores e, professores e gestores. Mas estes conflitos vão além dos muros da escola, deste modo, no trecho ‘As histórias de Dona Benta’, trarei uma abordagem das sensibilidades, por uma educação sensível, o que pode tornar a escola um local onde nós professores possamos ser agentes humanizadores nas relações com as pessoas.

1.2 Segundo Trecho: As Histórias de Dona Benta

Que saudades do tempo do Sítio do Picapau-Amarelo, das histórias de Dona Benta e do corre-corre no sítio. Quem passava pela estrada e via aquela senhora sentada na varanda de cestinha de costura no colo e óculos de ouro na ponta do nariz, enganava-se ao pensar que se tratava de uma velha triste (Lobato, 2016b). Triste mesmo é esse novo choque de realidade que inesperadamente assolou e assola o mundo. Estamos diante de uma pandemia provocada pelo *Covid-19* que drasticamente afetou milhares de pessoas no mundo todo. Foi preciso, por vezes se isolar, se proteger da doença, se afastar fisicamente das pessoas que amamos para protegê-las e para nos proteger. Pais separados dos filhos, estudantes dos professores, o artista de seu público e, enfim muitas pessoas separadas de seus entes queridos.

O ‘ter’, comumente, ganhou mais importância do que o ‘ser’ acentuando o individualismo que afasta as pessoas umas das outras, que afasta as pessoas da

busca pelo imaterial contido nas sensibilidades e nas artes, que acolhe, tranquiliza, aproxima pessoas e humaniza.

Mas, essa nova realidade pós-pandêmica, potencializou a reflexão sobre o ‘ser’. As incertezas e as angústias das perdas irrecuperáveis acenderam para muitos a ideia de finitude, de que o ‘ter’ é pequeno diante da necessidade de se estar com o outro. Essa necessidade afetou todos os pilares da sociedade e na escola não foi diferente. Precisamos conviver com as vulnerabilidades provocadas pela pandemia, ao mesmo tempo em que temos que enfrentar os desafios que a docência apresenta.

Grande parte dos professores enfrentam em seu cotidiano muitos conflitos profissionais gerados pelo ambiente escolar e as relações constituídas, deixando-os por vezes frágeis e desmotivados com a docência, culminando, para alguns o seu afastamento ou desistência da sala de aula. Nesse sentido, é preciso que a escola seja um ambiente acolhedor, onde se trabalha, se faz amigo, se ensina e se aprende, ou seja, um território de sensibilidades.

Esse mundo material em que vivemos, no qual é preciso mostrar o resultado de produção, como se nossa experiência pedagógica fosse palpável, facilmente nos aprisiona e nos impossibilita ao prazer da experiência sensível. Como afirma Maffesoli (2021, p. 31) “[...] a desencarnação das teorias idealistas ou críticas, ela opõe a materialidade da experiência vivida. Esta é a razão sensível: uma razão que não domina, mas se ajusta ao mundo tal como ele é”.

E nesse território de ambiguidades, entre certezas e incertezas, são muitos os fatores que acompanham a docência na Educação Básica, porém esses conflitos não são gerados somente por conta do ambiente escolar, mas sobremaneira pelos fatos e eventos externos que ultrapassam os espaços escolares. Sobre essa questão, Pillotto (2007, p. 119) destaca que:

> Muitos são os fatores para tal situação; os meios de comunicação que vendem muitas vezes uma imagem inadequada da realidade; o consumo exacerbado, que nos leva a consumir cada vez mais e em muitos casos na tentativa de suprir afetos, solidão, dúvidas e tantos outros sentimentos. Mais do que isso e para além disso, o professor reproduz em suas práxis educativas o que absorveu e absorve desses meios e da cultura massificada que impregna nossas mentes e nossas almas. A grande questão então, é: o que podemos fazer para não perdermos de vista a sensibilidade?

Pillotto (2007) então acende uma luz. A luz da sensibilidade. Para tanto, segundo a autora, a subjetividade comunicativa no espaço escolar também se dá pelos sentimentos expressos nos olhares, nos movimentos corporais, no timbre das vozes e em tantos outros sinais que dizem o indizível.

Deste modo, compreendo que as sensibilidades que precisamos corporificar e alimentar constantemente, está na apreensão emocional, que segundo Pillotto (2007, p. 121) “[...] é fundamental para a compreensão, para o conhecimento e para a comunicação, ou seja, o professor precisa desenvolver seus processos de emoção, no sentido de compreender-se para compreender os alunos”.

Importante ressaltar que a educação pelo sensível depende de professores sensíveis. Nesta linha de pensamento Duarte Jr. (2001, p. 206) assevera “que na realidade, uma educação sensível só pode ser levada a efeito por meio de educadores cujas Sensibilidades tenham sido desenvolvidas e cuidadas, [...] como fonte primeira dos saberes e conhecimentos [...]”. Ainda segundo o autor, é na formação de professores, especialmente na formação inicial, que a tarefa de sensibilizar e construir os sentidos precisa ser enfatizada, aliadas a crítica filosófica de seu papel na obtenção do saber.

Percebe-se com isso a importância de uma formação de professores que além de promover a construção de conhecimentos teóricos e filosóficos, preocupa-se também com seu desenvolvimento emocional, pois, segundo Duarte Jr. (2001), apesar de sermos dotados de sentimentos que despercebidamente imprimimos naquilo que sabemos e fazemos, não nos damos conta de sua importância para a vida.

A sensibilidade para Duarte Jr. (2001) é também um campo constituído de sentimentos que são impulsionados pela razão/dever e pelo sensível/poético. Essas ações envolvem o pensar/sentir; construções de sentidos. Ou seja, razão e sensibilidade não estão indissociáveis, caminham juntas e se complementam nas teias dos sentidos, percepções e pensamento. No que diz respeito a importância que damos à razão Fernandes (2019, p. 31) acredita que:

> Ser razão por vezes machuca muito. Ser razão muitas vezes nos faz cegar os ângulos e as possibilidades que a vida nos dá. Ser razão por vezes atrapalha a convivência harmoniosa entre as pessoas e nos faz achar que a nossa verdade é que deve sempre prevalecer. O homem ou a mulher racionais esquecem da simplicidade da vida, da facilidade que temos em driblar conflitos, da oportunidade de que temos em aprender algo novo, da possibilidade de sermos enxergados puramente como seres humanos dotados de sentimentos genuínos.

Fernandes (2019) abre caminho para que possamos refletir sobre como é necessário equilibrar nossas razões e emoções, e mais do que isso, pensar que tipo de professores estamos sendo para os estudantes e como interagimos com nossos pares em nosso cotidiano escolar. Ou ainda como desempenhamos nossos papéis na profissão docente. Sobre essa questão, Duarte Jr. (2001, p. 90) ressalta a importância do cotidiano da profissão docente, alicerçado por uma educação do sensível.

> [...] da sensibilidade inerente à vida humana, por certo constitui o lastro suficiente para que as naus do conhecimento possam singrar os mares mais distantes de nossas terras cotidianas, como os oceanos da matemática ou da mecânica quântica. Inevitavelmente, após viajarmos por tais paragens longínquas acabaremos sempre por retornar aos nossos portos do dia-a-dia, nos quais convivemos com outros marinheiros e companheiros de jornada, tendo de trocar com eles e com a paisagem ao redor, informações e procedimentos que precisam nos tornar mais humanos e menos predadores.

As palavras de Duarte Jr. (2001) ilustram basicamente o que precisamos cultivar no ambiente escolar, pois a escola está repleta de conhecimento, mas um conhecimento carente de sentidos. O pensamento racional sobressai à maciez da palavra, que encanta, alenta e acolhe. O conhecimento precisa abrir passagem, percorrendo a escola em movimentos relacionais entre professores e estudantes, potencializados pelo diálogo e os vínculos afetivos.

Portanto, é imprescindível que a escola, seus professores e gestores, promovam atribuições no ambiente escolar que mobilizem os estudantes em ações que unam razão e sensível, fortalecendo as sensibilidades. Uma das possibilidades é a Literatura, capaz de tornar o espaço escolar num ambiente acolhedor, um lugar prazeroso e instigante de se estar. A Literatura pode ser uma grande aliada para que as práticas educativas sejam um lugar de trocas sensíveis, de aprendizagem e de melhor compreensão do mundo pelo olhar estético.

É no cotidiano escolar que nós professores vamos constituindo nossas identidades profissionais. É no dia-a-dia da escola que experimentamos os amores e dissabores da profissão. Somos envolvidos num emaranhado de sentimentos, pois é no sensível que somos afetados por aquilo que nos desloca e nos faz afetado, pelos encantos e desencantos impulsionados pela vida, que nos surpreende e nos mobiliza a continuar o percurso do vivido (Meira; Pillotto, 2022).

No próximo trecho trato da constituição de nossas identidades profissionais para que a partir deste entendimento possamos compreender melhor nossas práticas educativas. Para que as identidades profissionais e as Práticas Educativas possam estar sempre em processo *continum*, o ambiente escolar precisa ser potencializado de sensibilidades de forma a tornar-se um lugar acolhedor, que respeite as singularidades de cada professor. Um ambiente senão igual, mas parecido com a atmosfera do Sitio do Picapau-Amarelo, no qual podemos, como professores ser uma espécie de Dona Benta, que acolhe e respeita a singularidade de toda a turma do sítio, que conta histórias como avó, ao mesmo tempo que é pai, mãe e eterna professora.

1.3 Terceiro Trecho: As receitas de Tia Nastácia

A escola é o espaço onde ficamos grande parte de nosso tempo e, para que nos sintamos bem, se faz necessário torná-lo um ambiente acolhedor que contribua para a nutrição estética. Tem melhor nutrição do que os bolinhos de chuva de Tia Nastácia? A cozinha de Tia Nastácia era o local onde a turma do sítio se reunia em volta da mesa e passava parte do tempo confabulando uns com os outros. Não havia melhor local da casa para se estar assim como não havia melhor receita de felicidade que as de Tia Nastácia.

Potencializar o espaço escolar e as relações afetivas dos professores e estudantes é reconhecer o professor como profissional e respeitá-lo em sua plenitude e em suas singularidades. É fazê-lo sentir-se bem no ambiente de trabalho de modo que possa constituir sua identidade profissional e conquistar sua profissionalização para cumprir sempre com prazer e dedicação seu nobre ofício na construção do conhecimento.

No que tange essa construção de identidade no espaço escolar, Alfonsi e Placco (2013) esclarecem que a construção identitária se dá de forma diferente para cada professor, pois como sujeito e ser social, tem movimentos identitários próprios. As autoras acrescentam que cada professor chega na escola com suas identidades sociais construídas, que continuam sendo mobilizadas nas relações que a escola proporciona.

É evidente, como dito alhures, que cada professor em seu percurso no ambiente de trabalho vai constituindo essas identidades, uns mais que outros, uns com mais dinamismo, outros com um dinamismo mais reativo. De qualquer modo, é

no contexto próprio da escola, como uma comunidade cultural de formas relacionais, que a identidade do professor vai se constituindo e abrindo novas brechas. (Alfonsi; Placco, 2013). Além disso, as autoras destacam o espaço escolar como ambiente onde o professor desenvolve suas práticas educativas ao mesmo tempo que vai construindo sua identidade profissional.

Assim como Alfonsi e Placco (2013) definem a escola como comunidade cultural, Pillotto (2007, p. 125) caracteriza as práticas educativas, como aquelas que se constituem “[...] tanto na sistematização de conceitos/conteúdos, quanto nos espaços físicos construídos, que são também espaços culturais e, portanto, de identidades, apontando o que pensamos e o que queremos”.

O trabalho pedagógico requer, inicialmente, preparação, dedicação, conhecimento e abertura para o desconhecido. É preciso preparação para assumir a profissão e enfrentar o devir com prazer, para ter sustentáculo quando as relações na escola estiverem fragilizadas. Afinal o encanto e desencanto fazem parte do cotidiano do profissional que atua na educação. Se soubermos lidar com as múltiplas situações, construindo vínculos afetivos e potencializando nossas ações e relações. Para Meira e Pillotto (2022, p. 23) é desse ponto que:

> [...] o professor começa sua diária aprendizagem sobre como ser professor. Uma aprendizagem que, sem a relação afetiva com sua própria obra pedagógica, sem a relação afetiva com suas cognições, seus sentimentos, emoções e ações, acaba lamentavelmente em desencantamento. E desencantar-se é também parte do inventário das relações afetivas e ponto arriscado de inflexão no qual estamos em disponibilidade para optar em permanecer no desencanto ou dar a virada criativa para transmutar dor em prazer.

No que pese a educação pelo afeto, Meira e Pillotto (2022) destacam que a presença da ética e da estética são imprescindíveis na construção dos afetos. Não há como separá-las, pois, essas fronteiras se unem, articulando a sensibilidade e a inteligência abstrata às práticas afetivas de cultivo de si na relação com o outro. Pillotto (2007, p. 123) segue ainda nesta direção defendendo que:

> Na experiência estética o professor pode encontrar formas de aprender sobre a realidade. Esse não é um processo totalmente lógico-racional, ou seja, alimenta-se muito mais de um saber subjetivo, apropriado de elementos que por sua natureza não necessitam de uma explicação lógico-racional, mas de uma força transcendental que se fortalece na forma individual de perceber-se e perceber tudo o que está à sua volta.

Vejo que é isso que acontece nas escolas, nas relações entre professores/professores, professores/gestores e professores/estudantes. Todos querem construir vínculos afetivos, mas muitas vezes esquecem que para essa construção se faz necessária a reflexão ética, estética e a sensibilidade.

O ambiente escolar é propício a desencantamentos de todas as ordens, mas é na vida afetiva do professor que vai causar mais impacto. Saber lidar com os desencantamentos, enfrentando a luta diária é fundamental para que possamos viver intensamente: dor e prazer, certeza e incerteza, saber e não saber; caminhos sem fim.

De acordo com Duarte Jr. (2001), o modelo de conhecimento originado das esferas científicas rapidamente atingiu todos os interstícios de nossa vida diária, respaldando a economia, a produção industrial e até mesmo a educação. Mas, de outro vértice, negou o acesso sensível do ser humano ao mundo, desumanizando o nosso planeta e nossas relações sociais.

O desprovimento da criatividade e satisfação advinda de um verdadeiro empenho profissional encontra-se por vezes, afastado do sensível, uma vez que estão submergidos a um sistema que privilegia muito mais o desempenho de função – sucesso, do que as relações constituídas (Duarte Jr., 2001). Ou seja, ainda hoje, são fortes os resquícios de uma escola ancorada em um modelo de produção, trazido pela sociedade industrial. Nesta perspectiva, o ensinar e o aprender, tornam-se uma tarefa árdua, desprazerosa e afastadas, por vezes, das relações cotidianas.

De outro modo, Duarte Jr. (2001) pontua que não é fácil educar a sensibilidade, pois da forma que se apresentam as condições atuais do ensino, nos parece uma revolução. Portanto, é preciso desbravar passagens por meio das brechas existentes que apesar de estreitas permitem alargamentos.

Os ensinamentos de Freire (2013) no que pese ao ensino sempre foram no sentido oposto a esse modelo de produção fordista. O autor destaca a importância da influência e referência teórico/prática, ética e estética de escritores como: José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado e o escritor e sociólogo Gilberto Freyre. Estes para além da preocupação com a gramática, destacavam a estética também como movimento imprescindível na construção comunicacional e de sentidos. Freire (2013) ao acompanhar esses autores aprendeu que a beleza e a criatividade não podiam viver escravas da devoção a correção gramatical e que os processos de

criação precisam de liberdade de pensamento, mudando sua pedagogia de jovem professor para uma pedagogia da criatividade.

As práticas educativas precisam ser nutridas pelos processos de criação, pois esta liberta o professor e recria sua identidade ao mesmo tempo que modifica suas relações de proximidade com outros professores, com os gestores e especialmente com os estudantes. Pillotto (2007, p. 115) assevera que um professor aberto as novas experiências, é aquele “[...] capaz de diferenciar-se e reintegrar-se, de amadurecer e crescer espiritualmente, [e que] terá condições para criar e possibilitar o ato criativo aos alunos”.

Não há uma receita mágica para isso, mas ao compararmos as receitas de Tia Nastácia que atraem à mesa toda a turma do sítio que ali confabula e troca ideias para o resto do dia, não posso me distanciar do espaço escolar no qual convivo com muitos outros professores falantes e pensantes. Neste norte, o professor precisa entregar-se plenamente e estar totalmente presente no que faz, pois é deste modo que poderá alimentar seu potencial criador. É neste lugar que poderá surpreender-se com as coisas que se renovam todos os dias, ante a unicidade de cada manhã que estar porvir, ante cada maneira criada que nos dá voz (Pillotto, 2007).

Desta forma, de acordo com Meira e Pillotto (2022) o professor precisa manter suas singularidades, diferenciando-se e ao mesmo tempo integrando-se ao grupo. Este é um modo também de amadurecer e crescer e assim ter condições para criar e amar, possibilitando esses mesmos sentimentos aos estudantes.

Não é demais relembrar que esta Dissertação reflete sobre a Literatura como propulsora de experiências estéticas e sensibilidades com professores do Ensino Médio, capaz de potencializar as relações entre esses profissionais, gestores e estudantes, a fim de que se sentissem partícipes e comprometidos nas práticas educativas. Para tanto utilizei Ateliês Literários como instrumento para a produção de dados. Os Ateliês Literários foram fundamentais para que os professores/(inter)locutores dessa Dissertação pudessem contribuir com suas narrativas e histórias de vida.

No próximo trecho Emília tem um importante papel nesta caminhada. A boneca com medo de esquecer suas aventuras convida Visconde de Sabugosa para escrever suas memórias. Segundo Emília memórias são as histórias da vida da gente, desde o dia que a gente nasce até o dia que a gente morre. Dona Benta, indaga Emília dizendo que neste caso as memórias só seriam possíveis de contar depois que a pessoa

morre. Todavia Emília diz que não, que o escrevedor de memórias vai escrevendo, escrevendo, até sentir que a morte está próxima, então ele deixa um finalzinho sem acabar e morre sossegado (Lobato, 2017).

A boneca diz que é a personagem mais adequada a ter as memórias escritas, pois segundo ela as memórias devem contemplar tanto as vivências dentro do sítio quanto fora dele. Esse argumento de Emília é bem propício para discutirmos o conceito de Ateliê como mais do que um espaço físico, mas um lugar de memórias irrestrito podendo transpor a dimensão de tempo e espaço entrelaçando pessoas e histórias.

Ao falar de narrativas (auto)biográficas e histórias de vidas, trarei conceitos e apontamentos sobre as experiências estéticas que são as propulsoras destas narrativas. A seu turno, saliento a importância que as pesquisas auto(biográficas) têm na educação e seu papel nas reflexões e ações dos professores.

1.4 Quarto Trecho: As Memórias de Emília

Alinhavei acima cenários que apresentam alguns dos desafios da carreira docente. Mas como transpor esses desafios levando em consideração o viés da sensibilidade? Quando Emília resolveu contar suas memórias escolheu Visconde para escrevê-las, pois sabia ela, que além de paciente, tinha ele uma grande afinidade com o universo da Literatura, não porque morava na estante de livros de D. Benta, mas por ser um devorador de livros, um sábio. Deste modo, as experiências literárias de Visconde de Sabugosa deixariam as memórias de Emília bem escritas e sem perder a essência de sua narrativa.

Nesta Dissertação utilizei as experiências literárias como mobilizadoras das práticas educativas e sensibilidades, tendo em vista que defendo a Literatura como mobilizadora de experiências estéticas. Desta forma, para dar corpo a Dissertação, trabalhei com as narrativas com quatro professores do Ensino Médio. Para tanto, os Ateliês Literários foram essenciais para todo desenvolvimento da pesquisa dissertativa, possibilitando aos professores/(inter)locutores uma experiência nova e significativa, que potencializou as sensibilidades, o que pôde também ressignificar as relações no ambiente escolar.

O termo *Ateliê* foi adotado para dar maior significado ao fluxo de experiências que se constituíram em narrativas. Esse movimento de falas e fazeres de pessoas e de trocas entre elas é que legitimou o conceito de Ateliê trazido por Silva (2011, p. 72):

> O ateliê se caracteriza, então, como fluxo e, para além de suas dimensões espaciais adquire, também, aspectos temporais. Muito mais do que entre, ou sem paredes, o ateliê contemporâneo se caracteriza pelo fluxo de tempo e de pessoas, trânsito e a troca com o outro. Se a contemporaneidade discute o ser exclusivo e induz a pensar um ser múltiplo e provisório, provisoriedade e processo, são instâncias a serem valorizadas, tornando-se evidentes.

Delory-Momberger (2006) utiliza o termo *Ateliê Biográfico* como procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir seu projeto pessoal. Considera a dimensão narrativa como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si.

De acordo com Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016) nesse método de pesquisa, os processos reflexivos e de ressignificação das experiências são importantes, tanto para a pessoa que narra, quanto para quem as escuta, incluindo o pesquisador, que se forma com a pesquisa e com quem dela participa.

Adotando o conceito de Ateliê como fluxo (Silva, 2011), em especial pelo fluxo de tempo e de pessoas, a passagem e a troca com o outro, adentro no espaço intangível dos Ateliês para a troca de experiências estéticas com professores. O termo Ateliê Literário que propus para a realização das experiências estéticas não tiveram o compromisso de lugar único e fechado, pois segui a definição de Facco (2017), ou seja, o Ateliê como um espaço de criação para a construção do pensamento.

Portanto, os Ateliês não se limitaram às paredes de um ambiente físico, mas se manifestaram em outros lugares com múltiplas características. Para essa troca de experiência em ambientes distintos com professores do Ensino Médio, utilizei da Literatura como propulsora de experiências estéticas, por isso o termo Ateliê Literário, tendo como referência Delory-Momberger (2006), Silva (2011) e Facco (2017).

Trazidos a lume esses desvelamentos sobre Ateliês Literários e experiências estéticas, é possível abordar com mais clareza e aproveitamento alguns apontamentos sobre o uso das narrativas, que nas palavras de Delory-Momberger (2006) faz de nós o próprio personagem de nossa vida. A narrativa potencializa as histórias de vida, pois segundo Delory-Momberger (2006, p. 363) “[...] nós não

fazemos a Narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a Narrativa de nossa vida".

É chegado o fim deste caminho, mas no sítio há outros a serem percorridos e não importa qual deles escolhemos, no final chegamos ao mesmo lugar, no lugar da construção do conhecimento.

Foi assim meu primeiro trecho do caminho *A Turma do Sítio*. Reservei algum tempo de minha Dissertação para descobrir que Costa (2019) só queria investigar experiências estéticas em artesanias, com educação não formal na terceira idade. Que Ferretti Junior (2020) só tinha o propósito de realçar a Literatura como fonte importante para as pesquisas em Ciências Humanas a partir dos escritos de Monteiro Lobato. Que o objetivo de Aquino (2018) era identificar e analisar como o professor trabalha com o texto literário nos diferentes níveis de ensino na Escola Básica. Que Souza (2018) buscava analisar aproximações e distanciamentos entre história e Literatura, dando enfoque na construção da narrativa sensível. Que muitos outros pesquisadores trabalharam a Literatura por diferentes vieses. Isso tudo me deu motivação e direção, para continuar buscando na Literatura, ainda que, metaforizando minha escrita pelos personagens do Sitio do Picapau Amarelo, o caminho sensível nas práticas educativas.

Conhecendo um pouco mais essa turminha do sítio pude seguir por mais um trecho deste caminho e foi então que conheci melhor Dona Benta, a proprietária do sítio. Uma senhora sensível, que recebia os netos e todos a sua volta com muito afeto e sensibilidade. Neste caminho que denominei *As Histórias de Dona Benta* percebi o quanto nós professores estamos precisando ser afetados pelas histórias sensíveis desta senhora, pois somos dotados de sentimentos que despercebidamente imprimimos naquilo que sabemos e fazemos, mas que ora esses mesmos sentimentos, nos provocam desencantamentos e nos fragilizam. Que precisamos entender o que Fernandes (2019) procura nos dizer sobre a razão e a emoção para pensarmos sobre nossa conduta profissional diante de nossos estudantes.

Ao passar pelo terceiro trecho *As receitas de Tia Nastácia* passo a entender que nós professores nunca paramos de construir nossas identidades. Nossa caminhada como docentes é um movimento constante e ainda que haja desencanto é preciso recriar nossas práticas educativas de modo que traga novas sensações de prazer no que fazemos.

No último trecho *As Memórias de Emília* assumo a postura de um eterno aprendiz. Visconde de Sabugosa era assim, gostava de ler livros e fazer ciência. Era um sábio, um gramático e um filósofo, por isso escolhido por Emília para escrever suas memórias. Neste último trecho do caminho busquei instrumentos para fazer ciência, sendo o Ateliê Literário escolhido para possibilitar aos (inter)locutores uma experiência estética.

Fechada a porteira, apagam-se as luzes. É hora de repousar na cama quentinha arrumada pela Tia Nastácia, para que na manhã bem cedo, um novo caminho possamos percorrer. Neste caminho não estarei sozinho, estarei juntamente com os (inter)locutores desta pesquisa. Iremos viajar por lugares desconhecidos, mas repletos de sensibilidade.

No segundo caminho, *O Reino das Águas Claras,* trabalho com as três tarefas que D. Benta incumbiu a turma do sítio executar. A primeira delas, denominada *A Pílula Falante* descrevo o método narrativo (auto)biográfico. A segunda tarefa chamada de *No Palácio* faço um mapeamento sobre o espaço escolar, no qual poderemos conhecer e entender um pouco mais sobre a escola na qual eu e os (inter)locutores trabalhamos. A terceira tarefa, *A costureira das Fadas* apresento os personagens (inter)locutores de nossas narrativas.

E o percurso continua... Faço deste próximo caminho um mergulho no *Reino das Águas Claras* em que metaforizo as falas, os espaços e as pessoas como verdadeiros enredos, cenários e personagens de *Reinações de Narizinho*, escrito há quase cem anos por Monteiro Lobato e que de certa forma permeia o rigor científico desta Dissertação.

Ilustração 3 - Reinações de Narizinho
Fonte: Maria Luiza Silveira de Oliveira (2023)

— Chegou afinal o dia da minha libertação. quando nasci, uma fada rabugenta, que detestava a minha pobre mãe, virou-me em aranha, condenando-me a viver de costuras a vida inteira. no mesmo instante, porém, uma fada boa surgiu e me deu esse espelho com estas palavras: "No dia em que fizeres o vestido mais lindo do mundo, deixarás de ser aranha e serás o que quiseres".
— Que bom! — aplaudiu Narizinho. — E no que vai a senhora virar?
— Não sei ainda — respondeu a aranha. — Tenho de consultar o Príncipe.
— Sim, mas não vire em nada antes de fazer esses destes retalhos um vestido para Emília. A pobrezinha não pode comparecer ao baile assim em fraldas de camisa como está.
— Agora é tarde, menina. o encantamento está quebrado; já não sou costureira. Mas minhas filhas poderão fazer o vestido da boneca. Não sairá grande coisa porque não têm a minha prática, mas há de servir. Onde está a senhora Emília?

Monteiro Lobato, Reinações de Narizinho, 2016b, p. 31

2 SEGUNDO CAMINHO: O REINO DAS ÁGUAS CLARAS

Quando amanheceu o dia no Sítio do Picapau Amarelo as crianças estavam ansiosas para novas descobertas. Levantaram-se de suas camas e foram direto para a cozinha, onde já estava de pé e bem-humorada Tia Nastácia, colocando a mesa do café. Em seguida chegou D. Benta para reunir-se com os aventureiros para com eles tomar aquele delicioso café da manhã de sítio. Colocou o café quente na xícara, completou com leite fresquinho tirado bem cedinho das vacas da fazenda, por tio Barnabé. Fatiou um bolo feito pelas mãos habilidosas de Tia Nastácia e entre uma conversa e outra com as crianças, e antes de informar quais seriam as tarefas daquele dia, D. Benta alertou as crianças sobre nossas escolhas.

Contou que num tal Reino das Águas Claras havia uma Aranha costureira, condenada a viver de costura pelo resto da vida até que confeccionasse o mais belo dos vestidos. Quando isso aconteceu, D. Aranha continuou costureira, pois já estava acostumada. D. Benta arremata dizendo para os netinhos, que eles podiam ser o que quisessem, conquanto que a escolha fosse bem pensada, mas para isso, teriam que frequentar a escola, conhecer pessoas, seguir regras, para não optar só pelo costume, mas sim pelas possibilidades criadas por eles mesmos. Com isso, explicou as tarefas do dia.

A primeira tarefa solicitada por D. Benta transporia o cercado do sítio e chegaria ao ribeirão que não possuía ponte. D. Benta pediu às crianças que imaginassem um outro lugar onde ninguém as conhecessem para que pudessem narrar suas histórias aos novos conhecidos. Denominarei essa primeira tarefa de *A Pílula Falante*, com o intuito de abordar o método narrativo (auto)biográfico adotado nesta Dissertação.

Narizinho gostou muito da primeira tarefa e sentiu-se à vontade num tal Reino das Águas Claras. Neste reino conheceu o Príncipe Escamado, um peixinho que se dizia rei daquele reino. Escamado leva Narizinho para conhecer além das porteiras do reino e descobrir outras possibilidades de enxergar o mundo. A partir daqui começa a segunda tarefa que chamarei de *No Palácio* na qual discorrerei sobre a Escola onde realizei a pesquisa dando ênfase a localidade, a estrutura física e de pessoal, a filosofia e a metodologia os estudantes e a comunidade local.

No Palácio Narizinho conheceu muitos personagens, mas ficou encantada com as habilidades de uma costureira de nome Dona Aranha que tinha seis filhas,

personagens que farão parte de suas memórias para sempre. Essas habilidosas aranhas ajudarão nesta terceira tarefa: apresentar os professores/(inter)locutores da pesquisa e como foi o critério de seleção para que fizessem parte da Dissertação. Para essa tarefa darei o nome de *A costureira das Fadas*.

Dona Benta não quis abusar de sua autoridade de matriarca e proprietária do sítio, por isso atribuiu às crianças três únicas tarefas, que apesar de prazerosas não deixam de ter seriedade e complexidade.

O método narrativo (auto)biográfico, ao contrário do que muitos pensam, tem o mesmo rigor científico dos demais métodos. Narrar uma escola, não é simplesmente falar de suas características, mas de um complexo movimento que lhe dão vida. Da mesma forma é a apresentação dos professores/(inter)locutores, cada qual com suas histórias de vida, cada um com identidade profissional distinta e sempre em construção. São tarefas um tanto quanto desafiadoras, mas *vamos que vamos*.

2.1 Primeira Tarefa: A Pílula Falante

Como todos já sabem Emília é uma boneca de pano feita por Tia Nastácia. Como tal, não falava, no entanto, ao tomar a pílula do Dr. Caramujo, começou a falar. Falava, contava, narrava e haja história para se dizer.

Nesta Dissertação também é preciso dizer algo, para tanto, escolho as narrativas (auto)biográficas pelas quais eu e os (inter)locutores narraremos nossas histórias de vida. É importante ressaltar que ao nos apropriarmos de narrativas (auto)biográficas é necessário ter a consciência que o mais importante na narrativa não é a história contada, mas o sentimento de congruência experimentado entre o eu-próprio e o passado que se recompõe, aquilo que me é conveniente no momento da enunciação.

A narrativa de vida é a história na qual eu me reconheço, minha melhor versão, a versão que dou a minha própria vida (Delory-Momberger, 2006). Para Celorio (2015, p. 68) “[...] a escrita sobre nós mesmos e sobre o nosso entorno, torna-se fundamental para a compreensão do nosso próprio caráter”. Para esse autor as histórias de vida e as (auto)biografias buscam aquilo que vem preencher a vida biográfica.

Trabalhar com o método narrativo (auto)biográfico é uma escolha que requer entrega de si para com o outro e de si para com você mesmo. É a alteridade vista em si. Nesta perspectiva me coloco também como pesquisado, juntamente com os

(inter)locutores da pesquisa, pois somos todos professores e temos muito em comum nesta constante formação e constituição de identidades. Abrahão (2018, p. 26) contribui no sentido de que:

> Se entendermos que se há diálogo com narração e com escuta em pesquisa intencionalmente formativa que se quer constituinte de identidades narrativas, entendemos, por via de consequência, que esse processo se desenvolve não somente dentre sujeitos em formação, mas, igualmente, com o pesquisador/formador que por esse meio também se forma.

Em se tratando de pesquisa na qual se aborda a constituição de ser professor e práticas educativas, fica muito claro o motivo da escolha do método, uma vez que, de acordo com Souza (2014) no campo da educação em nosso país, as pesquisas (auto)biográficas têm se consolidado como perspectiva de pesquisa e como práticas de formação.

Neste sentido Delory-Momberger (2012) sustenta que o objeto da pesquisa narrativa (auto)biográfica é explorar os processos de gênese e devir dos sujeitos no seio do espaço social, dando forma a suas experiências e sentido a sua existência. Ou como nos diz Celorio (2015), o narrador de si é um artesão de si.

Corroborando com Souza (2014) no que diz respeito a consolidação das pesquisas (auto)biográficas, Celorio (2015) aponta que as narrativas de si têm grande importância no âmbito educacional concernente a formação e (auto)formação, pois revela, dentro de um projeto de vida, a criação, o reconhecimento ou a renúncia deste projeto.

A educação ao longo dos tempos veio mudando significativamente sua abordagem pedagógica. Saímos de uma época em que o processo ensino e aprendizado era entendido como transmissão de conhecimento até chegarmos na contemporaneidade com abordagens de cunho sociocultural, que leva em consideração a realidade do estudante e o contexto em que vive, por meio de uma educação problematizadora e dialógica.

O conhecimento não está somente no domínio do professorado, ele agora depende também dos conhecimentos prévios dos estudantes e de suas vivências, para que juntos possamos transformar, levando em consideração que “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1994, p. 39).

A educação contemporânea é um avanço muito importante para uma pedagogia crítica e libertadora, mas será que estamos preparados para não apenas assumirmos as mudanças, mas fazermos parte dela? Nossos estudantes trazem consigo para a escola suas histórias de vida e experiências a partir do mundo contemporâneo e, portanto, é necessário que respeitemos suas demandas sociais para que possamos de fato aprendermos uns com os outros – professores e estudantes.

Essa questão me permite entender um pouco mais da importância de se utilizar o método narrativo (auto)biográfico nas pesquisas sobre educação. É preciso escutar os estudantes e, também os professores, compreendendo suas angústias, seus medos, seus anseios e principalmente suas dificuldades. Oliveira (2011) afirma que a narrativa é um meio que destaca as relações pessoais vividas pelos (inter)locutores e, também pelo autor/pesquisador. Desta forma é permitido a ele que se conheça e reflita sobre como suas atitudes afetam o próximo, majorando o conhecimento sobre seus limites ao mesmo tempo que possa redefinir suas atitudes.

Nesta seara Abrahão (2018) afirma que as narrativas (auto)biográficas são construções de si, do outro e do mundo enquanto realidade contextual de consciência, uma relação processual metodológica que reconfigura o conhecimento e a construção da história e da cultura como espaço existencial de reconhecimento de si e do outro.

Deste modo, posso também reiterar as palavras de Oliveira (2011, p. 290) quando diz que:

> Assim, a narrativa potencializa um processo de reflexão pedagógica que permite aos seus autores compreender causas e consequências de suas ações ou de acontecimentos, circunstâncias etc. de um passado remoto ou recente e, se for o caso, criar novas estratégias a partir de um processo de reflexão, ação e nova reflexão.

Para Delory-Momberger (2012) esse reconhecimento de si e do outro é que reproduz e produz a realidade social, pois a interface do individual e do social só é possível porque um existe por meio do outro. A autora, defende a biografização como procedimento, que na pesquisa pode ser compreendida como um circuito narrativo, que envolve a enunciação vivida pelo narrador e a escuta atenta dos demais (inter)locutores e do pesquisador, potencializando a construção das identidades narradas.

A base conceitual e metodológica de Delory-Momberger (2006), me ajudou nessa Dissertação a refletir sobre as nossas experiências docentes, bem como, protagonizar ações futuras nas práticas pedagógicas, pois é através de nossa própria história que podemos construir o conhecimento sobre nós mesmos e os outros.

Importante ressaltar que para uma pesquisa (auto)biográfica é preciso levar em conta, uma questão levantada por Larrosa (2004, p. 25) quando diz que é incapaz de experienciar “[...] aquele que se põe ou se opõe, ou se propõe, mas não se expõe”, assim como também é incapaz de experienciar “[...] aquele quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe toca, nada lhe chega, nada lhe afeta, a quem nada lhe ameaça, a quem nada lhe fere” (Larrosa, 2004, p. 25).

Enfim, Emília falou, falou, falou. Enquanto falava por três horas a fio, Narizinho se encantava com a visita pelo Reino das Águas Claras. Dentro do Palácio, a menina de nariz arrebitado, acompanhada pelo Príncipe Escamado chegaram à sala do trono. Narizinho sentou-se ao lado do príncipe como se fosse uma princesa. Escamado estava atrasado para a audiência que se inicia com sua presença (Lobato, 2016a). Narizinho ficou boquiaberta com tanta sabedoria e indagava à boneca: - De onde vem tanto conhecimento de mundo? Começa aqui a segunda tarefa: conhecer nossa escola.

2.2 Segunda Tarefa: No Palácio

Narizinho e Emília observavam atentamente o Príncipe Escamado resolver as contendas do reino. Eram muitos os problemas, mas com imparcialidade e justiça o príncipe apaziguava a todos os queixosos. Um caso que chamou a atenção de Narizinho foi a reclamação de Dona Carochinha, a baratinha mais famosa do mundo. Ela relatou que o Pequeno Polegar havia fugido do livro onde morava e que havia notado também que outros personagens de suas histórias andavam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro dos livros. Dizia Dona Carochinha que as personagens desejavam correr o mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Disse que Aladim havia se queixado que sua lambada maravilhosa estava enferrujada, a Bela Adormecida queria colocar o dedo em outra roca para dormir mais cem anos, o Gato de Botas queria ir para os Estados Unidos e Branca de neve queria mudar de aparência pintando os cabelos de pretos e maquiando o rosto com ruge. Todos

estavam com intensão de fugir e Pequeno Polegar foi o primeiro a partir (Lobato, 2016b).

Emília achou muito justa a pretensão das personagens das histórias de D. Carochinha. O livro é para ser aberto e as histórias recontadas e percebo na escola possibilidades para que isso aconteça. Mas de que é formada a escola, além de professores e estudantes? É com essa indagação que conto nesta tarefa como é a escola que trabalho e na qual escolhi para desenvolver a pesquisa com os professores/(inter)locutores.

Antes de apresentar minha escola, preciso trazer o conceito de escola narrado por Celorio (2019, p. 269) ao qual sou adepto. A escola para ele

> É um lugar de invocação daqueles que salvarão o mundo da ignorância, das fés hipócritas e do poder sorrateiro; é a entidade que ainda tem em suas entranhas a capacidade de devolver a cor a um mundo que insiste na monocromia, na história única de uma pessoa e de um povo e na asfixia das boas verdades, daquelas que semeiam os valores morais e tornam a vida mais habitável e mais apta ao existir do outro em sua legitimidade.

Não é perfeita a *Escola de Ensino Médio Senador Luiz Henrique da Silveira*, tem seus problemas e dificuldades, mas encontro nesta escola meu alicerce como docente de primeira viagem.

A *escola Senador*, como a chamamos, está localizada no município de Barra Velha, na praia de Itajuba, em Santa Catarina. Separando a praia da escola há uma enorme barreira de montanhas, formada por mata e algumas casas construídas a sua volta. A escola está localizada na parte baixa da localidade, em sua frente passa um sinuoso rio, com suas águas escuras e fedidas, mas que serve de estudos aos professores de geografia, biologia, saúde e meio ambiente.

> O ambiente social, cultural e físico em que a escola está inserida, é um bairro litorâneo, turístico e em crescente desenvolvimento, próximo à praia do grant; o costão dos náufragos, local onde ocorreu o naufrágio de combatentes da guerra do Paraguai em 1865, e a barra da lagoa, um lugar onde se pode admirar o encontro das águas da lagoa com o mar (Escola [...], 2021, p. 12).

É uma escola nova, fundada em dezembro de 2018. Tem uma bonita estrutura com 12 salas de aulas, sala de reuniões, quatro laboratórios, biblioteca, auditório, quadra de esportes, espaços administrativos, cantina e uma arena onde são feitas algumas atividades externas.

Apesar de toda essa estrutura, nem tudo funciona. Dois laboratórios estão sendo reformados por problemas estruturais e o auditório está interditado por conta de uma infiltração no telhado. É uma estrutura bonita e muito grande com 10.000 mil metros quadrados de área no total, entre construção e pátio.

Atualmente a e*scola Senador* acolhe aproximadamente 800 estudantes, sendo na sua maioria de Ensino Médio. Atende também um oitavo ano e quatro nonos anos, pois a escola de Ensino Fundamental, que fica na quadra ao lado, não dá conta de atender toda a demanda que a cidade requer.

Para acolher todos esses estudantes a escola se utiliza de 46 profissionais, sendo uma diretora, dois assessores, uma supervisora, uma orientadora educacional, duas assistentes de educação, cinco professores readaptados, dois assistentes técnico pedagógico, um professor em atribuição de exercício e 31 professores, sendo na sua maioria professores em regime de Admissão por Contrato Temporário (ACT's). Além desses profissionais o Estado terceiriza os serviços de cozinha e segurança.

A realidade socioeconômica de nossa comunidade caracteriza nossos estudantes. O Projeto Político Pedagógico - PPP (Escola [...], 2021) destaca que temos estudantes de outros países como Venezuela e Haiti e de outros Estados do Brasil como: Paraná, Rio Grande do Sul, Roraima, Mato Grosso, Rondônia, Amazonas entre outros.

Muito embora esteja localizada no Bairro Itajuba, atende também os estudantes dos bairros São Cristóvão, Medeiros, Tabuleiro, entre outros. O PPP (Escola [...], 2021) também esclarece que alguns estudantes vêm para a escola a pé ou de bicicleta, outros usam o transporte por meio de veículos próprios e na sua maioria, cerca de 80% deles, utilizam o transporte Escolar por residirem a mais de 4 km da escola.

> Sendo assim, a situação socioeconômica dos educandos é diversificada, classificada entre baixa e mediana. Nesse sentido, compreender o sujeito como um ser biopsicossocial faz-se necessário e emergente, pois assim se consegue fazer prevalecer o princípio da diversidade e da inclusão, acolhendo e permitindo que, em suas diferenças, desfrute dos espaços escolares, como espaços de expressão que possam assegurar e efetivar o êxito de uma pedagogia que considere a diversidade humana (Escola [...], 2021, p. 12-13).

A escola adota a metodologia histórico-crítica para a valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre os assuntos abordados e destaca a

importância dos professores trabalharem os conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, por meio da mediação e metodologias diferenciadas, ajudando a transformar o conhecimento empírico em científico (Escola [...], 2021).

No que diz respeito a concepção filosófica, a *escola Senador* adota o Materialismo Histórico, levando em conta as características socioeconômicas de uma comunidade de trabalhadores que luta por uma educação de qualidade e contra a seletividade. O PPP (Escola [...], 2021, p. 40-41) aponta que:

> Conforme o materialismo histórico-dialético, não há como compreender os fenômenos humanos e sociais em sua totalidade ignorando o contexto histórico no qual se desenvolvem. Desse modo, os problemas que se apresentam para a prática educativa devem ser investigados, analisados e compreendidos à luz da perspectiva histórica e crítica.

Importante destacar, que independente da filosofia e metodologias adotadas pelas escolas, ela precisa ser reconhecida como invenção histórica, mas também como espaço de reinvenção como nos alertam Masschelein e Simons (2014). Ou ainda como afirmam os autores, a escola precisa conquistar o lugar e o tempo “[...] para disponibilidades e liberdade” (Masschelein; Simons, 2014 p. 39). A *escola Senador* tem buscado esse lugar/tempo, embora, de acordo com os autores “[...] o que é tratado na escola está enraizado na sociedade, no cotidiano [...]” (Masschelein; Simons, 2014, p. 40).

Poderíamos falar da crise da humanidade em decorrência de vários acontecimentos que surgiram com a vida moderna, principalmente pelo avanço científico nas várias áreas do conhecimento levando o sujeito a sua própria crise. De acordo com Duarte Jr. (2001), o modelo de conhecimento originado das esferas científicas rapidamente atingiu todos os interstícios de nossa vida diária, respaldando a economia, a produção industrial e até mesmo a educação, mas de outro vértice, negou o acesso sensível do ser humano ao mundo, desumanizando o nosso planeta e nossas relações sociais.

O cotidiano escolar está repleto de intempéries, inquietações, incompreensões, mal estares, o que me levar a crer que é urgente investir em uma educação pelo sensível e nesse sentido, a Literatura pode ser um caminho de possibilidades. A Literatura pode criar movimentos, produzindo mudanças, especialmente “[...] quando alguma coisa fora de nós mesmos nos faz pensar, nos convida a pensar ou nos faz coçar a cabeça” (Masschelein; Simons, 2014, p. 51).

Duarte Jr. (2001) acredita que uma educação que reconheça o fundamento sensível de nossa existência, uma educação que se dedique e propicie o desenvolvimento do sensível, tornará mais abrangente e sutil a atuação dos mecanismos lógicos e racionais de operação da consciência humana.

Nesta perspectiva, a escola precisa estar aberta a novas experiências, principalmente as estéticas e nesse contexto a Literatura, um caminho sensível e humanitário. Em pesquisa sobre experiência na leitura do literário Neitzel, Uriarte e Felício (2023, p. 256) entendem que “trabalhar a leitura do literário pelo afetamento educa esteticamente, isto é, promove oportunidades de refinamento dos sentidos, de uma educação estética pela experiência”.

A escola que abre espaços para a Literatura é uma escola que possibilita mudanças significativas na vida de seus estudantes e professores, uma vez que, segundo Neitzel, Uriarte e Felício (2023) além da Literatura, educar esteticamente também amplia suas percepções e seus sentidos.

Nesta Dissertação, como veremos nos dois últimos caminhos, a Literatura é a arte adotada para tocar essas sensibilidades e encantar o professor, potencializando sua convivência e relações com estudantes, professores, gestores e comunidade no espaço escolar e sobretudo em sua prática educativa.

A fuga dos personagens das histórias de D. Carochinha é um chamado a todos os partícipes da escola, que como vimos, não são somente estudantes e professores, há toda uma comunidade interna e externa, que juntas, guiadas por uma metodologia e pela filosofia adotada pela escola, poderão formar cidadãos críticos e sensíveis, engajados na luta por uma sociedade mais humana e justa para todos.

2.3 Terceira Tarefa: A Costureira das Fadas

Lembro-me que Emília foi criada com retalhos de uma saia velha, olhos de retrós e recheio de macela por Tia Nastácia para servir de brinquedo à Narizinho que com ela passava horas conversando. Monteiro Lobato imprimiu vida a boneca, mas ela não falava, até tomar a pílula falantes do Dr. Caramujo e passou a tagarelar sem parar.

No Palácio, Narizinho e Emília foram convidadas para o grande baile e foi por conta disso que conheceram Dona Aranha, a costureira. O Príncipe Escamado pediu

a Dona Aranha que fizesse o vestido mais bonito para Narizinho. Dona Aranha tinha mil anos e já havia feito vestido para todas as fadas das histórias de Dona Carochinha. Conta a história que nem sempre Dona Aranha foi aranha, pois havia sido transformada numa porque uma bruxa malvada não gostava de sua mãe, e desta forma condenou a coitada a ser aranha para o resto da vida. No entanto, uma fada deu-lhe um espelho e disse que no dia em que fizesse o vestido mais bonito do mundo o encanto seria quebrado e ela poderia deixar de ser aranha e ser o que quisera (Lobato, 2016b).

O vestido de Narizinho foi o mais bonito do mundo feito por Dona Aranha. O espelho quebrou-se e com ele o encanto. Dona Aranha informa às filhas ajudantes que o encanto permaneceria com elas até que também fizessem o vestido mais bonito e para tanto deu um pedaço do espelho para todas elas. Apesar de poder escolher em ser sereia, após conversar como Príncipe, Dona Aranha preferiu continuar sendo a aranha costureira (Lobato, 2016b).

Não tão diferente, nem muito distante deste universo construí minha Dissertação pelo viés da Literatura que contribuiu para identificar e compreender as fragilidades dos professores de Ensino Médio, acolhendo-os no ambiente escolar de modo que eles pudessem desenvolver práticas educativas, tendo as sensibilidades como norteadora nas suas ações.

No intuito de contribuir para o fortalecimento do professor em sala de aula e na escola, levando em consideração fatores como suas fragilidades e potencialidades, tendo as sensibilidades como premissa para o desenvolvimento contínuo de práticas educativas, comecei a cumprir a terceira tarefa: convidar professores para assumirem o papel de (inter)locutores de minha pesquisa.

Confesso que fiquei com muito receio de não ter a aceitação dos professores, pois sempre ouvi dizer que é uma classe de trabalhadores que desenvolvem, além do ensino na sala de aula, muitas outras atividades para o desempenho de suas atribuições. Trazer mais uma atividade para os professores, a meu ver não seria nada fácil. No entanto, como também sou professor da *escola Senador*, isso contribuiu para que um pequeno grupo de professores aceitasse participar da pesquisa. E talvez, se não fosse minha condição de professor na escola, não teria tanta facilidade de convencer esses professores para fazerem parte da minha Dissertação no papel de (inter)locutores.

Hoje vejo que foi muito acertada a minha entrada para assumir a profissão de docente, uma porque é algo que me encanta, apesar das dificuldades e dos desafios, é gratificante ver os estudantes aprendendo, e, outra, porque foi dessa maneira que me aproximei dos professores e pude assim, tê-los comigo durante os percursos de pesquisa.

Convém retomar uma informação relevante sobre o critério de escolha de professores que trabalham no Ensino Médio, reiterando que é nesta fase final da escolaridade obrigatória, que os estudantes se encontram mais desmotivados e desinteressados nos assuntos escolares, muitos propensos a desistir para seguir outros caminhos.

Por outro lado, os professores do Ensino Médio também se sentem angustiados e se frustram com essa problemática que assola os estudantes. Deste modo, envolvê-los na pesquisa significou não deixar que as luzes se apagassem, e reconhecer, segundo afirmação de Celorio (2015, p. 52) “[...] que a escola também tem suas faces amorosas, onde professores-mestres despertam vidas e sonhos, enchem de vontade os que estavam prestes a desistir”.

Com esse mesmo pensamento apresentei o projeto de pesquisa para a Diretora da escola, Professora Sonia Karnopp, e solicitei a ela anuência para que eu pudesse fazer minha pesquisa com alguns professores da escola, bem como, utilizar em alguns momentos o espaço escolar. D. Sonia, como a chamamos, aceitou a proposta e assinou o termo de anuência. Depois que meu projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade da Região de Joinville (Univille), passei então a convidar os professores para participar da pesquisa.

Chamar professores para uma pesquisa que iria requerer parte de seu tempo, ainda mais, que teria que ser feita fora do horário de trabalho, foi para mim um grande desafio. Ainda mais levando em conta a problemática do mal-estar docente refletido por Celorio (2015) quando menciona que alguns professores chegam ao limite, por conta não somente dos problemas do cotidiano escolar, mas também os da vida familiar que acaba interferindo na docência.

De outro norte, considerando que Celorio (2019) não compactua com a visão fragmentada do ser humano, uma vez que compreende que os problemas pessoais e os profissionais não podem ser separados. O autor acredita que

> [...] a separação entre essas dimensões parte de uma visão fragmentada do ser humano, em que a sua vida pode ser escrutinada nas suas partes sem que o todo tenha importância na compreensão geral do que é a sua existência (Celorio, 2019, p. 273).

Essas questões deixam claras que mesmo diante das diversas dificuldades é fundamental compreender que “[...] é a dimensão pessoal que nos dá garantia de autonomia frente ao campo profissional (Celorio, 2019, p. 273).

Na escola temos um grupo de *whats app* e foi neste grupo que enviei o convite para todos os professores e me coloquei a disposição para maiores informações sobre o projeto de pesquisa. Em algumas oportunidades, nas horas atividades ou nos intervalos para o café, alguns professores vinham conversar comigo sobre o convite. Esse foi o momento que pude esclarecer melhor como aconteceria a pesquisa e qual seria a participação deles. Foram alguns dias conversando com um e com outro até chegar na composição do grupo de (inter)locutores, formados por cinco professores, que acreditavam que a escola é mais do que um espaço de ensino, é também um espaço iniciático onde somos convidados para sermos nós mesmos, valendo-se de nossa própria vida para permitir que ela seja escrita e inscrita enquanto professores em contínua formação (Celorio, 2015).

A professora Selma, responsável pelo componente curricular - Educação Física, foi a primeira a aceitar o convite para participar da pesquisa. Nas conversas que tivemos nos intervalos para o café, descobri que ela gosta muito de ler. Um de seus hábitos preferidos é tomar um delicioso café acompanhado por um interessante livro.

A Professora Selma foi professora da Rede Privada por 30 anos e no ano de 2022, prestes a se aposentar assumiu compromisso com a Rede Pública Estadual. Ela acredita na educação pública de qualidade, na sensibilidade e na potencialidade dos professores e dos estudantes, pois ama o que faz. Esse jeito de ser da Professora Selma e de encarar com paixão sua prática pedagógica é exemplo da verdadeira dimensão do ser, defendida por Celorio (2019) no que diz respeito ao professor, como aquele que reúne em si o ser e a ação de fazer, que por consequente mobiliza a paixão em aprender dos estudantes, tocando suas almas.

A segunda professora a aceitar o convite foi a Professora Ana, responsável pelo componente curricular - Química. A Professora iniciou na profissão há pouco tempo, ingressando como professora na Rede Pública Estadual. Também tem forte ligação com a Literatura e esse foi um dos motivos para seu aceite em participar da pesquisa.

Outra professora que aceitou participar da pesquisa foi a Professora Greice Kelly, do componente curricular - Matemática. Greice é professora ACT por alguns anos, gosta de Literatura, mas falta-lhe tempo para as leituras. Atualmente está cursando Mestrado em Matemática, dividindo seu tempo com as 60 horas/aulas que se comprometeu com a Rede Pública do Estado.

Mais uma da área de linguagens a mostrar interesse foi a professora Tatiane, do componente curricular - Língua Inglesa. Professora Tati, como é chamada, é professora ACT, há aproximadamente 10 anos. Tem experiência com a língua inglesa por ter tido morado na Inglaterra por um tempo. Trabalhou também como professora de Língua Inglesa em cursos particulares no México até voltar para o Brasil. A professora se interessou em participar da pesquisa por conta do seu gosto pela Literatura.

O Professor Fernando, também do componente curricular - Educação Física, prontamente aceitou o convite para participar como (inter)locutor na pesquisa. É um professor que também está iniciando na docência, uma vez que está na Rede Estadual há aproximadamente três anos. Nas conversas que tivemos nos intervalos, disse que gosta de Literatura e lê muitos livros, inclusive utilizando uma técnica que aprendeu e diz que funciona. Por motivos pessoais, o professor Fernando pediu sua exoneração como professor ACT da escola e por isso não pôde participar da pesquisa.

Outro aceite para a participação na pesquisa foi a da professora Denise, do componente curricular - Geografia. Ela é concursada e efetiva da Rede Estadual de Educação há alguns anos e atualmente divide sua função como orientadora do laboratório de ciências da natureza com a sala de aula. A professora Denise, apesar de ter aceitado o convite num primeiro momento, acabou se escusando por motivos de ordem familiar.

Um outro apreciador da Literatura é o Professor Mário, do componente curricular - Filosofia. O professor Mário é de Recife/PE e tem larga experiência na educação. Atualmente está trabalhando como professor efetivo da Rede Pública Estadual, chamado esse ano pelo concurso realizado em 2017. Apesar de querer muito participar da pesquisa, Professor Mário também pediu escusas, pois teve que assumir uma carga horária maior e receou não poder ser assíduo na pesquisa.

Ao total ficaram quatro professores do Ensino Médio na pesquisa, número adequado para o desenvolvimento da Dissertação, que tem como método a narrativa

(auto)biográfica. Aos professores que aceitaram participar e contribuir com minha Dissertação compartilho das palavras de Celorio (2015, p. 27) ao dizer que:

> Aquilo que sentimos e pensamos afeta o modo como realizamos as coisas. É por isso que, da mesma forma que consigo ter um olhar atento – processo doloroso - desse fio de vida que me tece desde a infância, suponho que as pessoas, ao buscarem esse fio em suas vidas, poderão encontrá-lo, seja na forma de um lampejo, de um símbolo ou de um anjo protetor - como algo que as leva para um tempo perdido de sua história.

Com o vestido mais lindo do mundo Narizinho estava pronta para o baile. O salão também está pronto, no teto buques de raios de sol no lugar de lâmpadas, lindas flores arrumadas por beija-flores, pérolas soltas ao chão que até se tornava difícil de andar. Não houve ostra que não trouxesse a sua pérola, para pendurá-la num galhinho de coral ou jogá-la ao chão como se fosse cisco (Lobato, 2016b). Mas antes de continuar as narrativas deste rico baile de histórias de vidas, a turma do sítio tem outras questões para decifrar.

Cumprida essa importante etapa da minha Dissertação, mas sem chegar ao seu fim, parto para o terceiro caminho que tratará das questões referentes ao Ensino Médio e suas problematizações, da biblioteca como lugar de construção de sentidos, da Literatura como importante instrumento para a partilha do sensível e a construção dos Ateliês Literários.

– [...] Que acha que devemos fazer para a reforma dos livros?
A Rãzinha pensou, pensou e não se lembrou de nada.
- Não sei. Parecem-me bem como estão.
- Pois eu tenho uma idéia muito boa – disse Emília. – Fazer o livro comestível.
- Que história é essa?
- Muito simples. Em vez de impressos em papel de madeira, que só é comestível para o caruncho, eu farei os livros impressos em um papel fabricado de trigo e muito bem temperado. A tinta será estudada pelos químicos – uma tinta que não faça mal para o estômago. O leitor vai lendo o livro e comendo as folhas; lê uma, rasga-a e come. Quando chega ao fim da leitura, está almoçado ou jantado. Que tal?
A rãzinha gostou tanto da idéia que até lambeu os beiços.
- Ótimo, Emília! Isto é mais que uma idéia-mãe. E cada capítulo do livro será feito com papel de um certo gosto. As primeiras páginas terão gosto de sopa; as seguintes terão gosto de salada, de assado, de arroz, de tutu de feijão com torresmos. As últimas serão as da sobremesa – gosto de manjar-branco, de pudim de laranja, de doce de batata.
- E as folhas do índice – disse Emília – terão gosto de café, serão o cafezinho final do leitor. Dizem que o livro é o pão do espírito. Por que não ser também pão do corpo? As vantagens seriam imensas. Poderiam ser vendidos nas padarias e confeitarias, ou entregues de manhã pelas carrocinhas, juntamente com o pão e o leite.
- Nem precisaria mais pão, Emília! O velho pão viraria livro. O Livro-Pão, o Pão-Livro! Quem souber ler lê o livro e depois come; quem não souber ler come-o só, sem ler. Desse modo o livro pode ter entrada em todas as casas, seja dos sábios, seja dos analfabetos. Otimíssima idéia, Emília!

Monteiro Lobato, A Reforma da Natureza, 2016a, p. 73-76

Ilustração 4 - A reforma da Natureza
Fonte: Maria Luiza Silveira de Oliveira (2023)

3 TERCEIRO CAMINHO: A REFORMA DA NATUREZA

A vida no sítio não para. Todos os dias os moradores do Sítio do Picapau Amarelo acordam, tomam seu delicioso café da manhã, sentados à mesa, na companhia um dos outros e decidem o que farão nas próximas horas até o anoitecer. Neste dia, Dona Benta recebe uma carta do Rei Carol da Romênia e anuncia a seus queridos que está sendo convidada, junto com Tia Nastácia, para participar da Conferência da Paz em 1945, como representantes da Humanidade e do Bom Senso (Lobato, 2016a).

A epígrafe citada, também é um convite, um convite delicioso ao mundo da leitura e do conhecimento. Que bom seria se em todas as casas houvesse o hábito da leitura, ainda que pela ilustração para aqueles que ainda não dominam o universo das letras. A reforma dos livros comuns em livros comestíveis faz-nos pensar nas grandes possibilidades que temos de mudanças. De reformas que nos impulsione para uma educação sensível e significativa. Uma educação em que professores e estudantes possam se encontrar e tomar gosto pelos espaços escolares e, consequentemente, pelo conhecimento, que é a única maneira de formar cidadãos críticos. Para isso é preciso de algumas reformas.

Dona Benta, com muita naturalidade, explica a situação a todo seu pessoalzinho e decide ir para a Conferência da Paz, menos Emília que fica no sítio sob o pretexto de que havia de reformar a natureza. Percebe-se que será mais um dia intenso e cheio de muitas reformas (Lobato, 2016a).

Nossa primeira reforma será chamada de *O Reformador da Natureza* na qual farei uma abordagem sobre o tratamento dispensado para a Literatura no Ensino Médio. Para isso faço uma breve análise dos documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017a) e o Currículo Base do Território Catarinense (Santa Catarina, 2020a, 2020b, 2020c). A crítica que permeia essa primeira reforma tem olhar numa educação de sensibilidades, enfatizando as experiências estéticas como propulsoras do saber sensível. Identifico nos documentos o lugar que a Literatura se assenta, a importância que lhe é dada e o significado que ela tem para o ensino e a aprendizagem.

A segunda reforma darei o nome de *O Livro Comestível* cuja questão a ser tratada será a biblioteca da escola. Procurarei de uma forma geral relembrar a

importância deste espaço nas escolas, bem como contextualizar uma biblioteca em específico: a biblioteca da *escola Senador*. Trago nesta segunda reforma questões importantes que comprometem o uso correto do espaço literário, desestimulando professores e estudantes ao contato com o universo da Literatura por meio de diversas práticas educativas.

A terceira reforma abrirá caminho para que eu possa com mais afinco tratar da Literatura como importante instrumento para a partilha do sensível. O nome atribuído a essa reforma é *A volta de Dona Benta*. Pretendo com essa reforma discutir a importância da Literatura em nossa vida e como ela pode ser mobilizadora das práticas educativas e sensibilidades e reconhecedora das potencialidades e fragilidades dos professores. Um outro aspecto no qual abordo a Literatura é seu papel humanizador, fundamentado em autores como Candido (1995, 2011), Todorov (2009), Werner (2017) e Barthes (2007). Abordo a importância que a Literatura tem na contrapartida da desmotivação e desencantamento.

A última tarefa é um tanto quanto desafiadora, *O Laboratório do Visconde*. Nesta reforma abordo os Ateliês Literários, narrando cada um deles. Antecipo dizer que foram quatro Ateliês Literários, cujos locais de realização são revelados, assim como, qual a bibliografia utilizada para mobilizar as sensibilidades dos professores/(inter)locutores da pesquisa.

3.1 Primeira Reforma: O Reformador da Natureza

As aventuras no Sitio do Picapau Amarelo não param. Desta vez Dona Benta, Tia Nastácia e o Visconde de Sabugosa terão a nobre missão de participarem da Conferência da Paz como representantes da Humanidade e do Bom Senso. Com certeza será uma grande conferência e muitas tomadas de decisão e novidades. Mas Emília, não quer ir para essa conferência, optando por ficar e reformar a natureza à sua maneira. Toda reforma gera muita discussão e nem todas são aprovadas (Lobato, 2016a).

Emília ao ficar no sítio pergunta ao Burro Falante sobre o Ensino Médio, mas este, nada diz, prefere se omitir e esperar as novidades que Dona Benta e seus acompanhantes trarão ao retornarem da Conferência da Paz. Mas Emília não espera e põe em prática uma grande reforma à natureza, pois entende que há muitos erros a consertar. Não posso me aventurar como Emília na busca de solução para o Ensino

Médio, mas não vejo outro jeito de buscar esclarecimentos se não adentrarmos por outro canal, o canal da pesquisa e das sensibilidades.

É importante esclarecer que ao abordar nesta primeira reforma uma discussão sobre o Novo Ensino Médio e sua problemática precisarei sair do sistema de ensino anterior e migrar para um novo sistema de ensino, que *a priori*, foi criado para além da necessidade de universalizar o atendimento aos estudantes, criado também para garantir sua permanência e suas aprendizagens, respondendo às suas demandas e aspirações presentes e futuras, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017a).

Não é mais novidade para nós pesquisadores que houve uma grande reforma no Ensino Médio e que essa reforma suscitou e ainda suscita muitas discussões. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, em 2017, passou a ser reformulada trazendo modificações de uma forma geral, para a educação infantil, fundamental e especialmente para o Ensino Médio (Brasil, 2017a).

O recorte que faço é para o Ensino Médio, uma vez que o norte desta Dissertação é com professores deste nível de ensino. Assim sendo, no que tange a Literatura, trarei algumas questões a respeito de como essas mudanças afetam as práticas educativas, tendo como alicerce a BNCC e o Currículo do Território Catarinense.

O novo Ensino Médio vem sendo implementado nas escolas, sobretudo pelos professores, cujo desafio consiste em novas práticas educativas que permitirão o desenvolvimento das dez competências gerais estabelecidas pela BNCC e das inúmeras habilidades que cada componente curricular e área do conhecimento exige que o estudante adquire (Brasil, 2017a). No que diz respeito a Literatura nestes documentos é necessário fazer alguns apontamentos para esclarecer de que maneira sua abordagem foi construída para ser empregada nas escolas e sobretudo aos estudantes do Ensino Médio.

Para iniciar essa discussão apresento a Competência Geral de número 8 da BNCC que diz o seguinte: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (Brasil, 2017a). Lendo essa competência me chama atenção as expressões: emocional e diversidade humana. Essas expressões, a meu ver, nos remete ao campo das sensibilidades, um indício de que a BNCC (Brasil, 2017a) abriu espaço para esse

campo, embora a prática encontre-se ainda distanciada. Duarte Jr. (2000) aposta numa educação sensível que perceba os apelos de todos que a ela estejam submetidos, principalmente dos apelos que emanam dos corpos que expressam todos os tipos de sentimentos. É por esse viés da sensibilidade que vejo a possibilidade do desenvolvimento da competência de número 8, garantida pela BNCC (Brasil, 2017a).

Não temos uma fórmula pronta para o desenvolvimento desta competência, mas temos um caminho que pode nos ajudar, um caminho chamado Literatura que para Candido (2011) tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, um equipamento intelectual e afetivo. Para Candido (2011) não há povo ou homem que possa viver sem a Literatura. Partindo destas referências que acreditam nas sensibilidades e na Literatura como caminho para que a educação seja de fato humanizadora, capaz de construir uma sociedade mais justa e fraterna (Duarte Jr., 2000), passo a analisar a Base Nacional Comum Curricular no que se refere ao emprego da Literatura no Novo Ensino Médio.

A BNCC (Brasil, 2017a) traz como finalidade para o Novo Ensino Médio o aprimoramento do educando como pessoa humana, que por conseguinte coaduna com a expectativa de Duarte Jr. (2000), ao estimar que esse novo formato de educação para o Ensino Médio promova a construção de uma sociedade mais justa, ética, democrática, inclusiva, sustentável e solidária, e porque não acrescentar sensível, já que a BNCC defende a ideia da construção de espaços escolares cuja juventude possa “conhecer-se e lidar melhor com seu corpo, seus sentimentos, suas emoções e suas relações interpessoais, fazendo-se respeitar e respeitando os demais” (Brasil, 2017a, n.p.).

No Ensino Médio, segundo o texto da BNCC (Brasil, 2017a) os jovens intensificam o conhecimento sobre seus sentimentos, interesses, capacidades intelectuais e expressivas, bem como ampliam e aprofundam vínculos sociais e afetivos.

A problemática que levanto a partir deste momento é se a BNCC traz subsídios suficientes para que o professor possa alcançar essa finalidade, sobretudo pelo viés da sensibilidade e da Literatura. Para isso convém lembrar que para o Novo Ensino Médio a LDB - Lei de Diretrizes Básicas, em função da Lei nº 13.415/2017, (Brasil, 2017b), estabelece que o currículo deve contemplar a base nacional comum curricular e os itinerários formativos compostos, indissociavelmente, por formação

geral básica e itinerário formativo em suas quatro áreas, sendo a linguagem a primeira delas.

No que diz respeito a área das linguagens, cujo foco, é o que nos interessa, a BNCC (Brasil, 2017a), no que tange a formação geral básica, deve garantir as aprendizagens essenciais, que de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - DCNEM/2018, devem contemplar os estudos e práticas de Língua Portuguesa. Percebo que essa garantia não traz explicitamente a Literatura como uma aprendizagem essencial, no entanto, como mostrarei adiante, ela aparece com importância nuclear. Por outro lado, nos itinerários formativos que possibilitam a escolha aos estudantes das áreas de conhecimento que desejam cursar, na área das linguagens, cujo objetivo é aprofundar conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes linguagens sociais e do mundo do trabalho, deve ser estruturado em arranjos curriculares que permitam, dentre outros estudos, produções literárias.

Vejo nesta parte flexível do currículo uma possibilidade para o desenvolvimento de um trabalho que envolva a Literatura e por conseguinte as sensibilidades, uma vez que uma leva a outra. No entanto, devo ponderar um aspecto muito enfatizado em todo o texto básico da BNCC, a relação do currículo com o mundo do trabalho, que tem forte relação com os jovens estudantes (Brasil, 2017a). Porém, isso me leva a crer que o texto simplificado dá tratamento a Literatura ainda de modo muito restrito e insuficiente para promover uma educação pelo sensível.

Dentre os cinco campos de atuação social é no campo artístico que a BNCC sumariamente faz alusão a educação estética e sensível, assim vejamos:

> O campo artístico é o espaço de circulação das manifestações artísticas em geral, contribuindo para a construção da apreciação estética, significativa para a constituição de identidades, a vivência de processos criativos, o reconhecimento da diversidade e da multiculturalidade e a expressão de sentimentos e emoções. Possibilita aos estudantes, portanto, reconhecer, valorizar, fruir e produzir tais manifestações, com base em critérios estéticos e no exercício da sensibilidade (Brasil, 2017a, n.p.).

O estudante de Ensino Médio deve sair da escola ao completar a etapa final da Educação Básica, tendo desenvolvido sete competências na área da linguagem. No que concerne à educação sensível e estética, prevista no campo artístico, duas competências fazem minimamente referência a elas. Ao apresentar a competência de número quatro, o texto da BNCC menciona que o jovem precisa compreender as línguas como fenômeno sensível e na competência de número seis o estudante deve

apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais (Brasil, 2017a).

Qual a interpretação devemos dar quando se fala das línguas como fenômeno sensível e apreciar esteticamente produções culturais em se tratando de competência? Convém mencionar que o objetivo da primeira (fenômeno sensível) de acordo com a BNCC, nada mais é que a compreensão da linguagem como fenômeno da variação linguística ao mesmo tempo que objetiva a utilização do padrão culto da língua (Brasil, 2017a).

Duas são as habilidades para o desenvolvimento desta competência:

> (EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso. (EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico. (Brasil, 2017a, n.p.).

No que diz respeito a segunda competência mencionada (apreciar esteticamente) a BNCC prevê que os jovens sejam capazes de apreciar as manifestações artísticas e culturais com base em critérios estéticos (Brasil, 2017a). Espera-se também, que os estudantes considerem suas experiências pessoais e coletivas e a diversidade de referências estéticas e culturais e ainda articulem suas capacidades sensíveis. Para isso traz a seguinte habilidade

> (EM13LGG602): “Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade (Brasil, 2017a, n.p.).

No componente curricular Língua Portuguesa a Literatura é tratada como o núcleo do trabalho com o Ensino Médio, desta forma o texto literário deve ser recolocado como ponto de partida para intensificar seu convívio com os estudantes, já que, vem sendo posto de lado por outros gêneros artísticos. “A Literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir” (Brasil, 2017a, n.p.).

Nascimento, Garcia e Koerner (2022) defendem que a leitura literária é um instrumento de emancipação do sujeito pois a leitura permite o compartilhamento de

múltiplas experiências e que a escola deve definir seu papel, para que a Literatura tenha um lugar de destaque nas práticas educativas. Leahy-Dios e Lage (2001) corrobora neste sentido ao afirmar que:

> [...] Educar pela Literatura implica refletir sobre a palavra como construção artística, com a consciência de que a definição da arte é outro complexo ideológico sobre o que significa ser belo, bom, certo, historicamente relevante e ético – esteticamente duradouro (Leahy-Dios; Lage, 2001, p. 56).

Visto que a BNCC (Brasil, 2017a) coloca a Literatura como núcleo dentro do componente Língua Portuguesa, pertinente se faz as palavras de Nascimento, Garcia e Koerner (2022) ao lembrarem que entre tantas atribuições que o professor deste componente curricular assume em seu dia a dia, uma das mais significativas é a formação de leitores, pois relaciona-se com a formação da consciência de nossos jovens estudantes da Educação Básica.

Observa-se portanto, que a BNCC (Brasil, 2017a) trata a Literatura como um núcleo primordial para o trabalho com as linguagens no Ensino Médio e alerta sobre a sua substituição por outros gêneros artísticos que enfatizam resumos de obras e simplificação didática. Resta-nos a conjugação das competências que envolvam as sensibilidades e as experiências estéticas com a utilização da Literatura. Mesmo que a BNCC (Brasil, 2017a) não trate a Literatura como mobilizadora de práticas educativas, acredito que podemos fazer deste hiato uma possibilidade para potencializá-las e encontrar nelas o caminho da educação sensível, onde professores e estudantes convirjam para a mesma direção.

Outro documento analisado foi o Currículo Base do Território Catarinense - CBTC (Santa Catarina, 2020b) que se apoiou nos princípios trazidos pela BNCC (Brasil, 2017a) e nas determinações da Lei nº 13.415/2017 (Brasil, 2017b), que alterou artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBen, nº 9.394/1996 (Brasil, 1996), e ainda seguiu as normas trazidas pela Resolução nº 3/2018 (Brasil, 2018), do Conselho Nacional da Educação, no que se refere a Formação Geral Básica do Ensino Médio.

Não quero me desvirtuar do foco desta análise que é o tratamento que esse documento dá para a Literatura no ensino e aprendizagem de nossos estudantes, desta forma, serei mais objetivo e vou diretamente ao ponto. Quando o documento anuncia sua explanação sobre a área das linguagens, temos aqui uma surpresa. Antes

de iniciar o corpo do texto o CBTC (Santa Catarina, 2020b) cita um poema de Lindolf Bell[2], cujo teor faço questão de citar:

> Não é a palavra fácil
> que procuro.
> Nem a difícil sentença,
> aquela da morte,
> a da fértil e definitiva solitude.
> A que antecede este caminho sempre de repente.
> Onde me esgueiro, me soletro,
> em fantasias de pássaro, homem, serpente.
> Procuro a palavra fóssil.
> A palavra antes da palavra.
> Procuro a palavra palavra.
> Esta que me antecede
> E se antecede na aurora
> e na origem do homem
> Procuro desenhos
> dentro da palavra.
> Sonoros desenhos, tácteis,
> cheiros, desencantos e sombras.
> Esquecidos traços. Laços.
> Escritos, encantos reescritos.
> Na área dos atritos.
> Dos detritos.
> (...)
> Lindolf Bell (Santa Catarina, 2020b, p. 123)

Muito me agradou iniciar a leitura do documento e encontrar um poema, ou seja, um texto literário. Deu-me uma expectativa de que a Literatura permeará a área das linguagens. O CBTC (Santa Catarina, 2020b) explicou, na sequência, que o poema se trata de uma reflexão sobre a palavra e outras formas de expressão do ser humano, nos remetendo ao elo com a linguagem.

O Currículo Base do Território Catarinense – CBTC (Santa Catarina, 2020b) ao se referir a Literatura no seu caderno de formação básica para o Ensino Médio, num primeiro momento, deixou-me preocupado. Isso porque mencionou que as ações didático-pedagógicas não devem se preocupar com o ensino exagerado dos gêneros nem dar prioridade aos variados gêneros do discurso, pois os gêneros são apenas possibilidades de ensinar em consonância com as interações sociais mediadas pela

[2] Poeta catarinense nascido na cidade de Timbó. Foi líder do Movimento Catequese Poética, uma iniciativa que levava a poesia às ruas por meio de recitais, permitindo que milhares de pessoas conhecessem essa forma de arte. Esse trabalho deu à Bell um grande reconhecimento, no Brasil e no estrangeiro. Lindolf Bell é atualmente o maior, o mais constante e importante nome da poesia catarinense. Dentre suas obras destacam-se: Obras: 1962 - Os Póstumos e as Profecias; 1964 - Os Ciclos; 1965 – Convocação; 1966 - Curta Primavera; 1966 - A Tarefa; 1967 - Antologia Poética de Lindolf Bell; 1971/1979 - As Annamárias; 1974 – Incorporação; 1980 - As Vivências Elementares; 1984 - O Código das Águas; 1985 – Setenário; 1987. (Casa do Poeta, [2023], n.p.)

língua. Observei que a preocupação se dá em virtude de aproximarmos os estudantes dos gêneros discursivos que mais os cercam.

Por outro lado, o CBTC (Santa Catarina, 2020b) estabelece que as práticas educativas com a Literatura precisam priorizar a vivência dos estudantes com o texto literário para além das características das escolas literárias. Ou seja, as ações pedagógicas devem possibilitar o elo entre a Literatura histórica, transcendendo a esfera do imediato, provocando nos estudantes estranhamento à sua própria condição; indagações da existência humana no campo da vida pessoal.

Embora o CBTC (Santa Catarina, 2020b) compreenda a Literatura como uma "[...] esfera diferenciada de enunciação, na medida em que seus discursos são produzidos e recebidos por meio da fruição estética" (Santa Catarina, 2020b, p. 136), o mesmo documento esclarece que ela precisa ser contemplada e reconhecida como experiência estética.

O documento sinaliza que a Literatura precisa ser reconhecida como experiência estética, mas é no componente curricular das artes que o CBTC (Santa Catarina, 2020b) faz alusão ao fator sensível e estético da educação. De acordo com o texto é por meio da arte que a educação estética mobiliza a criação, a sensibilidade em um processo de apropriação da realidade. O documento aponta que

> [...] as linguagens artísticas, as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro aprimoram nos estudantes, a sensibilidade, a comunicação, a autonomia, a reflexão e a crítica acerca do mundo em que vivem, das relações que estabelecem com as outras pessoas e consigo mesmos (Santa Catarina, 2020b, p. 136).

A grande expectativa que tive ao ler o poema de Lindolf Bell no epílogo do capítulo sobre as linguagens (Santa Catarina, 2020b), no que diz respeito a Literatura, diminui-se tragicamente, no entanto, tornou-se um ponto de partida para conduzir a Literatura pelo viés da sensibilidade e das experiências estéticas. Isso não somente para se apropriar do texto literário a fim de que os estudantes possam desenvolver habilidades de compreensão, produção e criação pautados na noção de autoria, mas também como ferramenta capaz de mobilizar estudantes e professores â práticas educativas que potencializem suas relações com os outros e que de fato, humanizem os espaços escolares.

Por sua vez, na parte flexível do currículo catarinense encontrei uma trilha de aprofundamento chamada Corpos que expressam suas vozes. Esta trilha que

contempla a área das linguagens permite ao estudante se reconhecer, conhecer o outro e explorar diversas maneiras de se relacionar que pode ser pela arte, pelo corpo, pela palavra, ou seja pelas linguagens em variados contextos (Santa Catarina, 2020c). O que me chama atenção é o tratamento que essa trilha dá a Literatura quando, na abordagem metodológica, considera a Literatura como práticas sensíveis, para a elaboração do mundo imagético, subjetivo e singular dos estudantes.

A título de ilustração também encontrei nos componentes curriculares eletivos um componente chamado Práticas de Letramento Literário com Ênfase na Literatura Local, cujo objetivo é possibilitar que a Literatura contribua para que o estudante seja letrado e, para o desenvolvimento do pensamento crítico e da criatividade. Uma das metas de aprendizagem é que o estudante se expresse e partilhe informações, sentimentos, ideias, experiências e produza sentidos que levem ao entendimento mútuo (Santa Catarina, 2020c).

Também encontrei um outro componente eletivo chamado Práticas de Multiletramentos no Campo Artístico-Literário cujo objetivo central é promover a criatividade dos estudantes de maneira que eles sejam protagonistas em processos de criação com a Literatura e com práticas contemporâneas dos novos letramentos e dos multiletramentos (Santa Catarina, 2020c).

Diante de tantas críticas que o Novo Ensino Médio trouxe para a educação, não pude me furtar em abordar a Literatura dentro do contexto deste novo formato de ensino. O objetivo desta explanação não é o aprofundamento desta crítica que se faz em torno de várias problemáticas apresentadas, mas colocar em evidência o tema Literatura e pelo que percebo em ambos os documentos, BNCC (Brasil, 2017a) e CBTC (Santa Catarina, 2020b), ainda é preciso avançar mais no conceito de Literatura como forma de expressão e potencializadora de sensibilidades e experiências estéticas. O que encontrei, ainda que se refira a essas questões, a Literatura vem sendo tratada fortemente como um instrumento potencial de prática de letramento, seja pela leitura do texto literário ou pela produção escrita.

A Literatura pode muito mais que leitura e produção de texto. Seu alcance adentra o campo das experiências estéticas e sensibilidades. É pertinente neste momento fazer referência a Almeida e Araújo (2023) quando comparam a experiência não vivida ao sujeito-mercadoria de Bauman (2008), em que nada acontece, pois, se não é vivida ou sentida, é mera produção, desempenho e mercadoria. De acordo com Almeida e Araújo (2023, p. 84) “[...] esse sujeito-mercadoria, cansado e dopado, não

tem tempo nem disposição para o cultivo do pensamento, da sensibilidade e da cultura".

Deste modo, a BNCC (Brasil, 2017a) e o CBTC (Santa Catarina, 2020b), priorizam uma Literatura que ensina estudantes a lerem e escreverem com claro propósito de satisfazer o mercado de trabalho. Em defesa da potencialidade do texto literário, dando importância às sensibilidades e à experiência estética, Neitzel, Uriarte e Felício (2023, p. 255) apontam que:

> A mediação cultural adequada é aquela que respeite a função estética do texto e que também exerça a função de ação emancipadora, pois, ao possibilitar encontros com a cultura, instiga o sujeito a ampliar sua percepção e sua sensibilidade para promover o encontro e, sempre que for possível, gerar uma experiência.

Nossos documentos oficiais precisam, além de fazer alusão ao sensível e à estética, deixar claro que

> [...] as experiências estéticas, incluindo aqui as proporcionadas pela apreciação das obras de arte, operam na intensificação da vida, compreendida em sua dimensão fisiológica, corpórea, tanto física quanto psiquicamente (Almeida; Araújo, 2023, p. 92).

E, portanto, é preciso que adentrem nas escolas pelo viés da Literatura para se ter uma educação de sensibilidade, amplamente defendida por Duarte Jr. (2001) ao denunciar que o saber sensível tem sido preterido ao saber intelectual dentro das escolas. Também Meira e Pillotto (2022) têm militado por uma educação do e pelo sensível, constituída sobretudo pela intuição, criação, imaginação, percepção, emoção e, também pela sensibilidade.

Essa abordagem da Literatura na Reforma do Ensino Médio deu a Emília muitas ideias para reformar a natureza. A danadinha reformou pássaros, árvores, vacas, insetos, enfim, até na biblioteca de Dona Benta a boneca fez reformas e criou o livro comestível.

3.2 Segunda Reforma: O Livro Comestível

Dona Benta continuava na Europa transformando as ideias ditadoras da guerra num perfeito sítio, onde tudo funciona direitinho, na paz e com todos contentes e felizes. Não foi à toa que nossa anfitriã foi convidada a participar da Conferência da Paz. Dona Benta tinha muito conhecimento, pois lia muito em sua biblioteca, a mesma

biblioteca onde Visconde de Sabugosa morava e por derradeiro tornou-se um devorador de livros e um grande sábio. Por falar em devorar livros, não posso esquecer de voltar a falar de Emília.

A boneca continuava a reforma da natureza modificando tudo que achava não fazer sentido e assim o Sítio do Picapau Amarelo ganhava novos contornos. Os passarinhos ganharam em seu dorso o próprio ninho, as jabuticabas trocaram de lugar com as abóboras, a vaca mocha teve o rabo colocado no meio das costas, as tetas divididas metade para o lado direito e metade para o esquerdo e os chifres ganharam bolas maciças nas pontas. Dentre estas e outras mudanças, Emília resolveu também transformar a biblioteca de Dona Benta, tendo a ideia de fazer dos livros impressos em papel de madeira que só servem para alimentar carunchos, faria livros de papel fabricado de trigo bem temperado que pudesse ser comestível.

A danadinha lembrou o que Monteiro Lobato (2016a, p. 75) dizia que “o livro é o pão do espírito”, então pensou: “Porque também não ser também pão do corpo?”. Desta forma, os livros entrariam em todas as casas e não serviriam apenas aos sábios, mas também aos não letrados.

Tem-se aqui uma bela metáfora sobre nossas bibliotecas que hoje ocupam nas escolas um espaço preenchido por estantes de livros que nem sempre são abertos, um espaço mal frequentado e quando usado carece de criatividade para que os estudantes se interessem pelos livros e pela leitura. A essa problemática Paiva e Berenblum (2009), em sua pesquisa fazem uma avaliação diagnóstica sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) constatando que

> [...] muitas bibliotecas se confundiam com depósitos de livros amontoados sem nenhum critério nem organização e, muitas vezes, encontraram-se os livros empacotados em suas embalagens originais (Paiva; Berenblum, 2009, p. 185-186).

As autoras também constataram que algumas bibliotecas “se reduziam a ‘armariotecas’, os livros encontravam-se guardados em armários trancados a chave, indisponíveis para consulta de alunos ou de professores” (Paiva; Berenblum, 2009, p. 185-186).

Na escola *Senador Luiz Henrique da Silveira* também temos alguns problemas no tocante a nossa biblioteca, apesar de termos um espaço considerado bom para as atividades de letramento literário e pesquisa. Temos um acervo constituído de revistas, gibis e livros, dentre obras literárias, livros didáticos e científicos.

Considerando a quantidade de estudantes que a escola atende e a quantidade de professores que se dedicam as tarefas pedagógicas, o espaço da biblioteca, nos moldes como hoje é utilizado, não é suficiente para a realização de outras atividades que não seja a entrega e a devolução de livros.

A biblioteca da *escola Senador* possui dois pisos. No primeiro temos um verdadeiro depósito de mobílias e livros didáticos que não são mais utilizados. Este depósito seria um excelente espaço para promover outras atividades literárias. No segundo piso, temos de fato a biblioteca, com algumas estantes de livros distribuídas em corredores e outras nas paredes, uma área reservada com quatro mesas redondas com quatro cadeiras cada uma, um número insuficiente para trabalhos com uma turma inteira de estudantes. Há um balcão de atendimento aos estudantes e professores e um computador com impressora que são utilizados pelos professores para imprimir suas atividades.

A escola não possui uma bibliotecária habilitada para a função. Geralmente quem ocupa essa função são professores readaptados. A falta de um profissional de biblioteca é sem dúvida um grande obstáculo para o estímulo de professores e estudantes ocuparem esse espaço tão importante. Montuani (2013, p. 69) complementa que:

> A presença de professores em desvio de função ou readaptados ainda é uma realidade bastante recorrente nesses espaços, o que, a priori, não inviabilizaria o tipo de trabalho requerido, mas se sabendo, em geral, os motivos de afastamento (saúde física e emocional) desses profissionais da sala de aula, limita em grande parte o trabalho ali desenvolvido.

Em se tratando do profissional que atua nas bibliotecas, Paiva e Berenblum (2009, p.186) corroboram com Montuani (2013) ao registrarem:

> [...] a inexistência quase total de bibliotecários com formação, a ausência de cursos que qualifiquem os responsáveis para a função e a pouca valorização da problemática do livro, da leitura e da biblioteca no currículo da maioria dos cursos de formação. A figura mais comum encontrada neste espaço é a do ‘professor readaptado’, ou seja, deslocado da função de regente de turma por problemas de saúde.

Na *escola Senador* também não existe um sistema de banco de dados que faça a catalogação das obras. Essa deficiência prejudica o encontro de exemplares que por ora são procurados, bem como, não é possível saber se existe ou não na biblioteca

o exemplar que se deseja. Mas essa não é uma realidade somente da *escola Senador*, Paiva e Berenblum, (2009) também constataram esse problema em muitas escolas.

Quando Emília resolveu reformar a biblioteca uma de suas ideias foi retirar todas as chaves das fechaduras, “[...] bastava que as pessoas pudessem a boca no buraco e dissessem: ‘Sésamo, abre-te!’, e elas abriam por si mesmas" (Lobato, 2016a, p. 76). Essa reforma de Emília nos chama a atenção para o que Paiva e Berenblum, (2009) denominam de pertencimento precário, ou seja, estudantes e professores não se sentem parte deste ambiente de estudo, já que, segundo as autoras esse pertencimento precário é simbolizado pela chave que mantém fechada grande parte das bibliotecas escolares.

Quando isso acontece, de acordo com Paiva e Berenblum (2009), as escolas e a maioria dos professores, não desenvolvem uma análise compreensiva das finalidades sociais das bibliotecas referindo-se a elas como um espaço servido basicamente para fins didáticos, simplistas e alienadores. Deste modo, fica evidente o motivo pelo qual grande parte das bibliotecas escolares não são utilizadas para além da retirada e devolução de livros. Paiva e Berenblum, (2009) consideram a biblioteca uma potência nos usos sociais da escrita e de suas implicações no desenvolvimento do pensamento humano e dos esquemas cognitivos mais amplos. As autoras ainda defendem a biblioteca como

> [...] fonte de desenvolvimento da autonomia de pensamento e de criatividade e poderia, principalmente, torná-la um instrumento indispensável na formação da identidade dos atores da escola e da comunidade (Paiva; Berenblum, 2009, p. 185).

Emília ousou ao reformar o livro de papel comum em livro comestível. Sua ideia é um alerta para nós professores para que possamos fazer de nossas bibliotecas verdadeiros espaços criativos. Por que não fazermos de cada livro ou de cada cantinho de nossa biblioteca espaços e momentos prazerosos, como as páginas do livro comestível de Emília? Poderíamos ter em cada capítulo um certo gosto, começando com o gosto de sopa das primeiras páginas, seguidos de gosto de salada, de assado, de arroz, de tutu de feijão com torresmo, deixando as últimas páginas com gosto de sobremesas e o índice com gostinho de café, um cafezinho no final do livro para o leitor?

Criatividade é algo que não tem limite. A biblioteca e os livros inspiram grandes reformas em nossa vida de professor e leitor, de tal modo que nossas experiências

literárias sejam grandes mobilizadoras de nossas práticas educativas. De volta da Conferência da Paz, Dona Benta com sua sabedoria e criatividade fez o que todos aqueles ditadores e reis não conseguiram, mas será que Dona Benta irá gostar das reformas de Emília?

3.3 Terceira Reforma: A volta de Dona Benta

Dona Benta volta da Conferência da Paz e encontra o sítio todo reformado. A turma do sítio acha um *bissurdo*[3] a reforma feita por Emília, e, Dona Benta alerta a boneca que "[...] quando reformamos qualquer coisa, aparecem logo muitas consequências que não previámos" (Lobato, 2016a, p. 82). Pedrinho entrou na sala pasmo com o que viu na biblioteca e tratou de logo contar a vovó que Emília tinha deixado os livros cheirando a alho e cebola e quando abriu um deles provou e tinha gosto de sopa nas primeiras páginas e gosto de carne assadas nas páginas adiante.

A biblioteca era um lugar sagrado para a matriarca da família e essa notícia de livro comestível deixa Dona Benta assombrosa e para sensibilizar a boneca desalmada e sem coração, a pobre velhinha sentou-se na sua cadeira de balanço e começou a contar suas experiências com a Literatura.

A Literatura foi sempre para mim, assim como acredito ter sido para D. Benta, uma propulsora de encantos e sentimentos. Por este viés conheci lugares inimagináveis, histórias e épocas, e sobretudo, conheci pessoas, fazendo alusão ao que diz Todorov (2009, p. 80) ao afirmar que "conhecer novas personagens é como encontrar novas pessoas, com a diferença de que podemos descobri-las interiormente de imediato". Todas essas possibilidades existem e estão todas guardadinhas dentro de nós esperando o momento oportuno para tocar suavemente o coração dos brutos, dos desolados, dos ímpios, dos incrédulos, dos humildes, dos amantes, dos sentimentais, enfim, de todos aqueles que abrirem espaços para as sensibilidades.

É por isso que penso em uma escola na qual a Literatura é muito importante. É por meio dela que estudantes e professores podem viajar no tempo, e, como defende minha Dissertação, que a Literatura possa promover experiências estéticas. A Literatura é a arte adotada para tocar essas sensibilidades e encantar o professor, potencializando sua convivência e relações no espaço escolar e sobretudo em sua prática educativa. Ostetto (2011, p. 5) corrobora no sentido de que:

[3] Expressão utilizada por Tia Nastácia para se referir a palavra 'absurdo'.

> Arte, na educação, não se resume a momentos e atividades isolados. E, se estamos pretendendo a educação do “ser poético”, implicado na totalidade do olhar, da escuta, do movimento, que se expressa mobilizando todos os sentidos, será importante vermos tais ações como educação estética (mais do que o ensino de arte) que se realiza no dia a dia. Afirmamos, dessa maneira, um princípio que deve atravessar todo o cotidiano, pois tem a ver com atitude e, como disse a atelierista italiana, Vea Vecchi, a dimensão estética de uma proposta educativa ‘[...] pressupõe um olhar que descobre, que admira e se emociona [...].

Adentrando ainda mais no campo da Literatura e sua importância na especificidade humana, imperioso lembrar as palavras de Candido (1995) quando diz que a Literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e para o semelhante. Isso significa dizer que a Literatura toca a sensibilidade e mobiliza o sujeito para a vida e para a relação com o outro e consigo mesmo.

Há momentos na escola que desencantamos com nossa própria profissão e esse desencanto muitas vezes afastam professores das salas de aula. Os desafios da profissão docente são muitos: salários baixos, desvalorização do profissional, falta de estrutura, assédios morais, jornadas diárias exaustivas, falta de formações adequadas, estudantes desinteressados, dentre outros. Deste modo a desmotivação profissional atinge a sala de aula, causando ainda mais o desinteresse dos estudantes, a apatia entre professores e o descrédito da educação. É preciso se equipar de meios para não nos abatemos diante destas situações e um destes meios é a Literatura, pois ela tem esse poder. Como afiram Todorov (2009, p. 76):

> [...] a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

Deste modo a Literatura não se define apenas no conceito de criações poéticas, ficcional ou dramática (Candido, 1989), mas também, como dito nas palavras de Candido (1995, p. 176): “a função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório)”**.**

Por outro lado, não podemos entender a Literatura como a salvadora de todas os problemas e dificuldades que encontramos no dia a dia da escola. De acordo com Candido (2011) a Literatura é composta de caráter sancionador representada pela manifestação universal de todos os homens em todos os tempos e um caráter proscrita como um instrumento poderoso de instrução e educação. Isso leva Candido (2011, p. 178) advertir que “[...] ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração”.

Apesar desta crítica trazida por Candido (2011) o autor entende seu caráter humanizador, pois ela atua no subconsciente e inconsciente, podendo ter importância ao agir consciente do ser humano, tanto na educação familiar, grupal ou escola. Desta forma, a Literatura se liga a vida, onde a sociedade revela suas manifestações de ficção, poéticas ou dramáticas de acordo com o que pensam, de acordo com seus sentimentos e suas normas, resultando a Literatura um caráter de desestabilização e contestador, por isso um ato perigoso.

No entanto, achar na Literatura um meio para motivar e aproximar estudantes e professores promovendo práticas educativas sensíveis, talvez seja uma forma para iniciar o processo reverso desta problemática que assola nossas escolas. Para Candido (2011) a Literatura promove a humanização, exatamente o que é preciso retomar na relação professor/estudante, pois para Candido (2011, p. 182), a humanização é:

> O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Por conseguinte, Candido (2011, p. 182) conclui que “[...] a Literatura nos toca e nos humaniza porque a palavra, que sempre comunica algo, é organizada de acordo com alguma ordem”. Registra ainda que a Literatura apresenta pelo menos três faces, considerando uma delas como forma de expressão, pois manifesta emoções e a visão de mundo tanto individuais como coletivas (Candido, 2011).

Neste meu primeiro ano como professor de Ensino Médio pude perceber vários fatores pelos quais se faz pensar que a educação está perdendo seu espaço na vida dos estudantes, mas isso não é fato. A educação é tão importante para esses

adolescentes quanto a família, os amigos, o lazer, o esporte, a igreja, as necessidades básicas. Nossos jovens querem a educação, mas é preciso uma escola que eleja a sensibilidade e a humanização.

Sendo a Literatura uma promotora da humanização (Candido, 2011) precisamos nos apropriarmos dela, não somente para o seu ensino, mas sobretudo sobre os efeitos dela em nós como seres humanos. Precisamos descobrir o que ela é capaz de fazer para que nos transformemos em pessoas melhores, e como professores, o que ela pode contribuir em nossas práticas educativas, para que a educação de fato não perca seu lugar na vida de estudantes e professores.

Ao referir-se sobre o papel humanizador da Literatura Werner (2017, p. 22) defende que “a Literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução, de educação de cada povo através da palavra ao longo do tempo”, o que dá a ela uma significância, já que ao seu ver, a Literatura carrega a possibilidade de transcendência do tempo e do meio do qual fazemos parte. Isso implica, de acordo com a autora, “[...] lançar um olhar outro, ainda que pelo outro de mim mesmo, para esse meio, essa minha realidade, esse cotidiano do qual sou parte” (Werner, 2017, p. 22).

Werner (2017, p. 22) ratifica o papel humanizador da Literatura uma vez que, em nosso dia a dia, ocupados em sobreviver, “[...] temos dificuldade de pensar sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre os modos de organização social, e a Literatura possibilita esse exercício de reflexão”.

Todorov (2009) em sua obra *A literatura em perigo* conta como a Literatura ajudou John Stuart Mill[4] a curar sua depressão. Acentua Todorov (2009) que Mill encontrou nos livros a expressão de seus próprios sentimentos sublimados pela beleza dos versos, quando declarou que os livros lhe pareciam uma fonte na qual ele poderia buscar a alegria interior, os prazeres da simpatia e da imaginação que todos os seres humanos podem compartilhar.

Neste sentido Todorov (2009) diz que a Literatura pode muito, inclusive nos ajudar quando estamos profundamente desencantados, nos tornando ainda mais próximos dos outros seres humanos e nos fazendo compreender melhor o mundo nos ajudando a viver.

Segundo Todorov (2009, p. 78)

[4] John Stuart Mill (1806-1873) foi um filósofo inglês, um dos mais influentes pensadores do século XIX. Foi o responsável por lançar as bases da revisão do utilitarismo como ideologia suprema e dedicou-se ao estudo de numerosas questões sociais de seu tempo (Frazão, 2023).

> a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial.

Outro autor que ressalta a importância da Literatura é Barthes (2007) ao defender o caráter humanizador da Literatura quando a conceitua como um grafo complexo das pegadas de uma prática. Refuta a ideia de que a Literatura seja apenas um corpo ou uma sequência de obras ou um setor do comércio ou do ensino. A Literatura para Barthes (2007) é a ciência dos muitos saberes, desta forma, se por um acaso todas as disciplinas tivessem que ser expulsas do ensino, exceto uma, esta deveria ser a Literatura, pois nela está presente todas as ciências.

Barthes (2007) defende que a Literatura é a realidade e que faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles. Isso porque a Literatura trabalha nos interstícios da ciência de modo que está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta última.

O caráter humanizador da Literatura abre caminho para o sensível e no que tange a Literatura como propulsora de sensibilidades, Coutinho (2014) relata que ela trabalha com a percepção, com a experiência e o julgamento das coisas humanas, segundo ele, um sentido da vida. É na escola que o processo humanizador da educação acontece, mas para isso acontecer não é admissível que seja priorizado, nas práticas pedagógicas, apenas os aspectos cognitivos. Neste sentido, Pillotto (2007) assevera que precisamos pensar principalmente nos aspectos sensíveis, pois se não construirmos laços de afetos e sensibilidades com nossos estudantes, da mesma forma não é possível construir conhecimento e produção de sentido.

Parte da construção das identidades do professor advém da dimensão subjetiva, cuja relação com o outro é indissociável no espaço escolar onde tudo acontece. Desta forma, trabalhar com a Literatura é potencializar as sensibilidades, construindo um mundo mais humano. Todorov (2009, p. 23) contribui neste sentido ao afirmar que:

> [...] a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Nós professores, precisamos estar sempre prontos para atender as demandas de nossos estudantes, que esperam por oportunidades de aprendizagem significativa, crítica e humanizadora, de tal modo que se sintam partícipes e autores deste processo. Neste diapasão a Literatura pode ser um grande impulso para professores cumprirem com seu papel de educador e aproximarem-se mais dos estudantes, já que ela, de acordo com Todorov (2009) não é a verdade, mas o amor, forma suprema da ligação humana.

Com isso Dona Benta consegue fazer Emília entender que livros não são feitos para comer, mas para alimentar a alma das pessoas e torná-las mais sensíveis e humanas. Emília entendeu que a Literatura tem um papel fundamental para as experiências estéticas, pois abrem caminhos para a construção de nossas próprias narrativas. A próxima reforma foi criada para dar vazão as narrativas de nossos professores/(inter)locutores, um laboratório de emoções e sentimentos que contam histórias de vida.

3.4 Quarta Reforma: O Laboratório do Visconde

Visconde de Sabugosa chegou da Europa ainda mais sábio, pois conheceu cientistas notabilíssimos com os quais aprendeu muitas coisas. Visconde concentrou seus estudos na fisiologia - a ciência que estuda os órgãos dos seres vivos. Sua explicação sobre as glândulas do corpo humano fez nascer em Emília uma nova ideia, a boneca propôs a Visconde uma viagem dentro do corpo humano, que segundo ela era mais interessante que uma viagem para a Lua.

Emília queria descobrir mais sobre a tal glândula pineal, dita por Visconde como a mais misteriosa, pois os sábios ainda não haviam descoberto para que ela realmente servia. O sabugo de milho cientista, explicou que a glândula pineal é do tamanho de uma ervilha e está localizada no cérebro. Visconde disse para Emília que os antigos filósofos acreditavam que ali morava a alma das criaturas. A boneca estava ansiosa para viajar pelo corpo humano, posto que rapidamente encontrou um lugar para instalar o laboratório de Visconde.

Nesta quarta reforma, crio um laboratório diferente para trabalhar, mas não será da glândula pineal que discorrerei, apesar que faz muito sentido sua relação com a alma. Nos Ateliês Literários preparados para a construção de nossas narrativas é nítida a moradia da alma em cada fala, em cada sentimento, em cada experiência, em

cada leitura, enfim, em cada momento de nossa história, considerando as palavras de Pillotto e Strapazzon (2023, p. 10) ao entenderem que a educação estética e a filosofia dialogam no (entre)lugar e que “[...] os entres afetam o tempo e a alma num ponto de encontro entre corpo/potência, atestando a nossa existência”. É com esse conceito de alma que abro espaço para o desvelamento sensível da história de vida de cada professor/(inter)locutor.

As experiências estéticas literárias promovidas pelos Ateliês Literários mobilizaram as narrativas dos professores sobre suas vivências dando vazão as sensibilidades, e, como tal, possibilitaram adentrar ao campo das experiências estéticas, que de acordo com Pereira (2012, p. 188), é um arranjo entre sujeito e mundo, gerando um estado outro no modo de ser do sujeito. Assim, a experiência estética assemelha-se:

> [...] ao estado de espírito daquele que se apaixona: no encontro com seu amado, inaugura-se um tipo de relação que não é de dominação, mas de composição, de arranjo, que desloca boa parte das referências que até então o constituíam e o projeta numa espécie de abismo. É aquele momento em que faltam palavras para dizer, para descrever. Falta matéria racional para explicar o que está se passando. Algo começa a existir em mim que não consegue via de expressão ou comunicação conhecida. E esse algo me apela, me pede que o traga à existência, pede um corpo, uma materialidade, um substrato para existir.

Pereira (2012) ao falar sobre produção de sentidos como caracterizadora da experiência estética, defende que a produção desses sentidos é efeito do entrelaçamento, do arranjamento que o sujeito faz com o objeto ou com o acontecimento de maneira rigorosa, tornando essas experiências viáveis. Para Pereira (2012, p. 191) esse rigor:

> [...] responde à competência de perscrutar meticulosa e minuciosamente os pormenores do objeto, alcançando a sutileza da perspicácia que a discriminação e o discernimento conferem ao sujeito experimentado que, como já explorei acima, se constitui. O sujeito experimentado é não dogmático e, por isso, consegue suspender seus preconceitos, clichês e estereótipos justamente porque a experiência o confronta sempre com sua finitude, com a evidência do limite de sua interpretação. O que ele pensa sobre o que sente é sempre apenas uma das inumeráveis possibilidades de pensar ou de sentir.

Para que essa experiência estética pudesse acontecer precisei organizar esses Ateliês Literários de forma que os professores pudessem ser acolhidos e se sentissem à vontade para narrar suas histórias de vida. Deste modo organizei quatro Ateliês

Literários que foram realizados quinzenalmente, no mês de agosto e setembro de 2022, em locais diferentes nos quais abordamos temas que convergiam com as demandas dos professores, especialmente em suas práticas educativas, como veremos na sequência.

Atualmente estou trabalhando como docente, lecionando o componente curricular Língua Estrangeira Inglesa, na *Escola de Ensino Médio Senador Luiz Henrique da Silveira*, localizada no bairro Itajuba, município de Barra Velha – SC.

Nesta escola trabalho com estudantes do Ensino Médio, a maioria de primeiro ano. Confesso que não é fácil o trabalho com os adolescentes nesta escola. Quase a totalidade deles são de famílias de baixa renda e com pouco grau de instrução. Com a pandemia os estudantes reduziram o contato social e não avançaram em seu aprendizado, retornando para as salas de aula poucos motivados em aprender.

Além disso, o comportamento de alguns estudantes é desrespeitoso e o da maioria é desanimador. Os enfrentamentos entre professores e estudantes eleva o stress dos docentes, desestimulando-os a permanecer em sala de aula. Constantemente professores reclamam das turmas, pedem desistência de uma ou de outra, ou solicitam providências para a gestão no sentido de orientar os estudantes, contribuindo para a mudança de comportamentos problemáticos.

A identificação de tensões entre professores e estudantes e por vezes, entre gestores com professores, me instigou a pensar em proposta que pudesse contribuir para que as relações afetivas pudessem ser constituídas entre os integrantes da escola.

No meu primeiro semestre na escola convivi entre os professores e fui observando cada um deles: suas características interpessoais, suas atitudes, suas percepções sobre a escola, suas potencialidades e fragilidades. Desta maneira, fui também conquistando a confiança de alguns, que atuavam no Ensino Médio. Cada professor escolhido me chamava atenção para algo que pudesse contribuir com a pesquisa e os convidei a participarem como (inter)locutores participantes na minha pesquisa. Cinco deles aceitaram o convite: a professora de Educação Física por ter afinidade com a leitura e trabalhar muitas vezes em ambiente externo à sala de aula; a professora de Química por ser a mais jovem e ser sua primeira experiência na docência; o professor de Filosofia por ter vindo do Estado de Pernambuco e por ser uma pessoa serena e querida pelos estudantes; a professora de Matemática por ter

um temperamento mais disciplinado e a professora de Língua Inglesa por aparentar um comportamento mais agitado, gostar de ler e falar muito.

Tendo em vista a problemática identificada e a escolha pela narrativa (auto)biográfica, optei em desenvolver Ateliês Literários, pois a Literatura esteve presente em várias fases de minha vida e, também nos dias de hoje, acho que sempre estará. Cada ateliê foi pensado de acordo com o que propus a investigar na pesquisa. Para início de conversa achei interessante entender o percurso formativo dos professores e a partir deste conhecimento continuar os demais Ateliês buscando trabalhar a sensibilidade dos professores em meio as suas potencialidades e fragilidades, tendo a Literatura como motivadora, que se fez sempre presente por meio dos livros escolhidos.

Os materiais, livros e textos literários, foram selecionados por mim a fim de possibilitar aos professores a reflexão sobre a Literatura como propulsora de experiências estéticas e sensibilidades, no intuito que se sentissem partícipes e comprometidos nas práticas educativas, potencializando as relações afetivas no contexto da escola.

Os livros escolhidos para os Ateliês foram livros que eu já havia lido muito tempo atrás e que marcou minha história de vida. O livro *Longe é um lugar que não existe*, de Richard Bach (1979), me fez pensar muito sobre o tempo, um senhor impiedoso que nunca volta atrás. O tempo é algo precioso e temos que saber como usá-lo, pois, nosso percurso de vida é por meio dele. Achei esse livro interessante para mobilizar as professoras/(inter)locutoras a viajarem no tempo, revisitando suas histórias de vida, conduzindo-as à docência.

Outro livro que escolhi porque acredito que sua mensagem nos remete a nossas práticas educativas foi *A história de Fernão Capelo Gaivota*, também de Richard Bach (2006). Esse livro me ajudou muito a compreender que podemos ir mais longe do que imaginamos, basta acreditarmos e agirmos. A mensagem do livro é motivadora e abre caminhos para trabalharmos tanto as potencialidades quanto as fragilidades que nós professores estamos suscetíveis.

No que diz respeito a escolha do livro *Eu gosto tanto de você*, de Leila Rentroia Iannone (1988), foi porque a história do padre e as crianças de rua remetem a muitos contextos de vulnerabilidades de nossos estudantes que devem ser vistos com mais cuidado e amor por nós professores. O livro, apesar de triste, nos dá exemplo de muita sensibilidade, um dos focos da pesquisa.

Já o livro *Com as pontas dos dedos e os olhos do coração* também da escritora Leila Rentroia Iannone (2019), poderíamos identificar em nossas práticas educativas, as potencialidades e fragilidades dos estudantes, uma vez que o livro traz um contexto surpreendente de fraqueza e superação.

Em conversa com os professores/(inter)locutores da pesquisa na hora do café ou na coincidência das horas atividades, decidimos juntos os locais para a realização dos Ateliês Literários. O primeiro deles ficou decidido que seria um Café no munícipio de Piçarras/SC e os demais na praia, na escola e na casa de um dos professores.

Os espaços fora da escola, possibilitaram um ambiente mais informal para que eu e os professores pudéssemos fazer as narrativas, deixando que percepções e memórias possibilitassem “[...] conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador” (Souza, 2017, p. 63-64).

As experiências estéticas podem se configurar em expressividades, sentidos e significados sobre as coisas, os fatos, os objetos e os lugares. Trata-se daquilo que nos toca e nos afeta, como nos lembra Larrosa (2015), e requer um tempo para olhar, escutar e sentir, cultivando o momento do encontro. Também os estudos de Josso (2010) mostram que ensinar e aprender a partir das nossas histórias de vida fortalece a compreensão de si e do outro e de uma relação dialógica e afetiva entre docentes e estudantes.

A história de vida narrada pode tornar-se o conhecimento de si em sua existencialidade, oportunizando a consciência sobre seus diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam à docência (Josso, 2004).

A narrativa em minha pesquisa, acolheu as diferenças de cada um dos professores/(inter)locutores em um movimento potente de unicidade, pois o que importa é o que as narrativas evocam e afetam em nós. O modo de dizer de quem narra e dos que escutam, impulsionam a reorganização dos modos de pensar a partir das relações que se estabelecem com o que foi narrado e o que foi percebido (Geraldi, 2010).

Nesse sentido, a narrativa traz consigo a possibilidade do diálogo e da escuta. É um encontro que problematiza nossas próprias histórias, confirmando que não há um começo nem tampouco um fim. É uma experiência que permite olhar para si com

o olhar do outro de modo a (re)significar a história de cada um, ganhando novos contornos e outras interpretações, porque é remetido a um processo reflexivo sobre si, sobre o outro e sobre as próprias situações narradas (Rolnik, 2016).

Isso significa que trazer experiências estéticas para a narrativa é possível, desde que compreendamos que não remetemos à “[...] individualidade de uma existência, a do autor, mas à singularidade do modo como atravessam seu corpo as forças de um determinado contexto histórico” (Rolnik, 2016, p. 22).

Portanto, a escolha pela abordagem narrativa é especialmente pelo desejo em partilhar experiências vividas, impulsionadas pelas experiências estéticas. E como bem alerta Benjamin (2012, p. 221) a narrativa “[...] não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. Assim, pela narrativa é possível experimentar outros modos de fazer, pensar e sentir.

Desta forma, a abordagem narrativa não se configura como processo linear, rígido, embora percorra um caminho permeado de problematizações e tenha um objetivo em seu desenvolvimento, que pode alternar durante seu percurso. Portanto, a pesquisa narrativa traduz nossa visão de mundo, num processo investigativo que torna público uma experiência singular, entregando-a ao leitor, o qual, ao lê-la, terá a possibilidade de recontá-la, criando suas próprias percepções e interpretações (Clandinin; Connelly, 2015).

Importante destacar que para a análise das narrativas utilizei o método compreensivo-interpretativo de Bertaux (2010), pois defende que a narrativa de vida é uma forma particular de dialogar com as pessoas que precisam estar a vontade para socializar sua experiência vivida e suas ideias. O método compreensivo-interpretativo, portanto, constituindo-se num instrumento importante de extração de saberes práticos, capaz de orientar a descrição das experiências relatadas. Para que o método possa ser apropriado nas análises, foi preciso capturar as narrativas em todos os sentidos e meios: fotografias, expressões orais, corporais, visuais, gravações de áudios e vídeos e anotações, tanto minhas como dos professores/(inter)locutores durante os Ateliês Literários.

A escuta e os registros foram meu apoio de análises para reflexão e aprendizagem que, conforme Bertaux (2010) só e possível se antes de tudo, abrirmos

nossos olhos, nossos ouvidos, nossa inteligência e nossa sensibilidade ao que puder ser dito ou mostrado.

Assim, foram conduzidos os quatro Ateliês Literários - encontros que puderam suscitar experiências estéticas e novas conformações nas relações entre professores com professores, professores com a gestão e professores com estudantes.

3.4.1 De asa em asa decidi pousar

O primeiro Ateliê Literário, cujo nome atribuído foi: *De asa em asa decidi pousar*, por sugestão de uma professora era para ser realizado num Café chamado *Holiday Café* que é um espaço agradável no município de Piçarras/SC, à poucos quilômetros da escola. Porém, achei importante antes da decisão final pelo local, convidar duas professoras para irmos até lá observar o espaço e as condições de acolhimento para que pudéssemos ter um encontro de ideias e de afetos. Ao chegamos no local, fomos bem recepcionados pelos atendentes que já conheciam uma das professoras que havia sugerido o espaço. Sentamo-nos à mesa e fizemos nosso pedido. Passamos a tarde conversando e analisando as possibilidades da realização do nosso primeiro Ateliê.

O local era aconchegante e bonito, mas o espaço não era grande o suficiente para nos dar privacidade na condução do Ateliê Literário, que envolveria leitura e narrativas. As mesas eram muito próximas umas das outras e isso poderia comprometer as experiências, além de que poderia incomodar os demais clientes do estabelecimento.

A outra professora sugeriu uma cafeteria chamada *Café com Bolo* que fica também em Piçarras, um pouco mais à frente, na mesma avenida. Passamos na frente do local que já estava fechado, mas olhando de fora parecia bem apropriado para o nosso 1º Ateliê Literário. A professora que morava perto do local informou que poderia verificar no dia seguinte se o ambiente tinha o espaço de que necessitávamos e conversaria com o proprietário sobre a realização do Ateliê Literário naquele local.

No dia seguinte a professora me enviou filmagens do interior do local, que me pareceu ideal para a realização do Ateliê Literário. Recebi também no meu *whats app* mensagem do proprietário da cafeteria dizendo que a professora havia passado meu contato para conversarmos a respeito da realização de uma atividade no local. Após

o diálogo com o proprietário da cafetaria, acertamos que a realização do primeiro Ateliê Literário seria neste local. Encomendei um pequeno *buffet* de café da tarde e reservei o espaço para dia 06/08/2022 às 15:00 horas, na Cafeteria *Café com Bolo*, em Piçarras, Santa Catarina.

As etapas para a realização do 1º Ateliê Literário foram as seguintes: cheguei mais cedo ao local para recepcionar e acolher cada uma das professoras/(inter)locutoras em sua chegada. As levei até a mesa reservada e conversamos informalmente até a chegada de todos até o horário previsto para iniciarmos o Ateliê Literário.

O primeiro momento do Ateliê Literário foi reservado para apresentar o tema da pesquisa, seus objetivos e sua metodologia. Entreguei o Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo B), a Autorização de Uso de Imagem e a Permissão de Identificação Pessoal na pesquisa (Anexo C); após recolhi as assinaturas.

Nesta mesma oportunidade formalizei, ainda que oralmente, a elaboração, negociação e ratificação do contrato biográfico. Neste contrato oral foi esclarecido as regras de funcionamento, enunciado a intenção dos Ateliês Literários e oficializado a relação interpessoal de cada professor/(inter)locutor e a relação com o outro no grupo como uma relação de trabalho/pesquisa. Abaixo a transcrição dos termos do contrato biográfico:

CONTRATO BIOGRÁFICO

Glossário
Ateliês Literários: São os encontros nos espaços físicos e temporais para a prática das experiências estéticas literárias.
Experiências estéticas literárias: São as experiências e trocas que promovem movimentos implicados na totalidade do olhar, da escuta, da afetividade, que se expressam mobilizando sensibilidades por meio da literatura.
Professor/(Inter)locutor: São os professores convidados a participarem da pesquisa.
Narrativas: são as histórias de vidas dos professores/(inter)locutores.
Professor/Pesquisador: É o professor responsável pela pesquisa e mediador/aprendiz das ações que culminam em experiências estéticas.

Regras
Primeira regra: Os professores/(inter)locutores se comprometem a manterem a discrição e reserva sobre tudo o que será narrado no Ateliê Literário e autorizam a inclusão de suas narrativas e manifestações expressivas (sonoras, visuais e corporais), na dissertação do professor/pesquisador responsável.
Segunda regra: Não haverá regra de certo ou errado nas narrativas e histórias de vida de cada um dos professores/(inter)locutores.

> Terceira Regra: Não fazer juízo de valor sobre quaisquer narrativas.
> Quarta Regra: Cada professor/(inter)locutor se responsabiliza sobre o uso que faz da palavra e sobre o seu grau de engajamento.
> Quinta Regra: Não fazer do Ateliê Literário local de ordem terapêutica para não desvirtuar os objetivos da pesquisa.
> Sexta Regra: Cada professor/(inter)locutor tem a liberdade de narrar aquilo que deseja, sem a interferência ou domínio de outrem (Acordo elaborado no desenvolvimento da pesquisa, 2022).

A primeira regra estabelecida foi o compromisso de discrição e reserva sobre tudo o que seria narrado no Ateliê Literário e que só estaria na Dissertação o que o grupo de professores autorizasse. A segunda regra foi não ter regra de certo ou errado nas narrativas e histórias de vida de cada um dos professores/(inter)locutores. A terceira foi não fazer juízo de valor sobre quaisquer narrativas e a quarta regra foi responsabilizar-se sobre o uso que se faz da palavra e sobre o seu grau de engajamento. A quinta foi não fazer do Ateliê Literário local de ordem terapêutica para não desvirtuar os objetivos da Dissertação. A sexta e última regra foi a não-submissão dos professores/(inter)locutores ao pesquisador ou dos professores/(inter)locutores entre si. Ou seja, cada professor/(inter)locutor teria liberdade para narrar aquilo que desejasse sem a interferência ou sapiência de outrem.

Após esses combinados, entreguei para cada professor/(inter)locutor um caderno, que passamos a chamar de caderno de experiências (Silva; Pillotto; Leal, 2017), solicitando aos professores que o personalizassem e trouxessem nos próximos encontros. Informei que o caderno serviria de suporte para que registrássemos o que nos afetasse durante os Ateliês Literários; narrássemos nossas percepções da/na escola e suas histórias de vida.

Além disso, as impressões no caderno de experiências poderiam ter continuidade nas nossas casas, na escola ou em qualquer outro lugar que nos sentíssemos impulsionados a fazê-lo. Nele poderíamos apresentar poemas, imagens, letras de músicas, frases, pensamentos, mapas imaginários, entre outros. Ao final do quarto Ateliê Literário os cadernos seriam recolhidos durante um tempo como produção de material da pesquisa e entregues posteriormente aos professores/(inter)locutores.

Na sequência do Ateliê Literário, solicitei as professoras/(inter)locutoras que ficassem de pé, fechassem os olhos e imaginassem a sua frente um portal de um lindo lugar. Feito isso fiz a leitura do poema: *Primeiro os pés,* de Pedro Benjamim Garcia (1993). Não disse as professoras que estaria lendo um texto, pois o objetivo era

perceber o quanto o texto literário poderia sensibilizá-las, já que o poema sugeria alguns movimentos, como: não fale, primeiro os pés, apenas as mãos, devagar etc. Após o término da leitura apresentei o poema e autoria, abrindo espaço para as narrativas das professoras/(inter)locutores: o que havia lhes afetado da experiência, trazendo a reflexão sobre a Literatura como mobilizadora de práticas educativas e sensibilidades.

Logo após as Narrativas das professoras/(inter)locutoras e as reflexões, apresentei o livro de Richard Bach (1979): *Longe é um lugar que não existe*. A leitura foi coletiva, com cada um de nós lendo parte do livro. Terminada a leitura solicitei para que cada professora/(inter)locutora fizesse suas narrativas no caderno, destacando características das aves/personagem do livro que se identificavam em sua trajetória como docente. Após a escrita, fizemos a socialização no grupo de nossas impressões e afetamentos.

O objetivo desse Ateliê Literário foi mobilizar a reflexão sobre nossa constituição como docente e o quanto a Literatura pode contribuir para a abertura sensível e as identificações de fragilidades e potencialidades em nossas relações no contexto escolar e em especial com os estudantes do Ensino Médio.

Com o término das narrativas chegamos ao final do primeiro Ateliê Literário e como desafio, solicitei as professoras/(inter)locutoras que lessem em casa, o livro *A história de Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach (2006) e, destacassem no texto citações que remetessem suas escolhas profissionais e relações afetivas e trouxessem no próximo Ateliê Literário.

3.4.2 Podemos aprender a voar

O segundo Ateliê Literário, *Podemos aprender a voar,* foi programado para dia 20/08/2022 na *Praia do Cerro* em Itajuba, Barra Velha/SC. No entanto, devido à baixa temperatura deste dia foi realizado na *escola Senador Luiz Henrique da Silveira*, também em Barra Velha/SC. Solicitei a cada professora/(inter)locutora que levasse um doce ou salgado e bebidas para compartilharmos nosso café da tarde, deixando o clima alegre, descontraído e informal.

O livro escolhido para abrir este Ateliê foi *A história de Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach (2006). Esse livro foi entregue após o término do primeiro Ateliê Literário: De asa em asa, decidi pousar para que as professoras/(inter)locutoras

fizessem em casa a leitura prévia do texto e anotassem algumas citações que lhes chamassem atenção.

Iniciei o segundo Ateliê Literário *Podemos aprender a voar*, solicitando as professoras/(inter)locutoras que mostrassem a personalização de seus cadernos de experiências, conforme solicitado no Ateliê Literário *De asa em asa, pousei*. Foi possibilitado que as professoras/(inter)locutoras narrassem o que haviam colocado em seus cadernos de experiências.

Na sequência, solicitei as professoras/(inter)locutoras que apresentassem a segunda atividade sugerida no final do primeiro Ateliê Literário. Neste momento as professoras/(inter)locutoras narraram o que escreveram nos seus cadernos de experiências a respeito de quais pássaros as representavam nesta trajetória da docência. Foi um momento para refletirmos sobre as histórias narradas no primeiro Ateliê Literário *De asa em asa, pousei*, no qual conversamos sobre nossa escolha e nossa caminhada neste ofício de ser professor.

Na continuidade, fizemos uma roda de conversa para que as professoras/(inter)locutoras socializem suas impressões sobre a leitura do livro: *A história de Fernão Capelo Gaivota* (Bach, 2006). A partir das narrativas, passamos a identificar as potencialidades e fragilidades com relação às nossas práticas educativas. Solicitei as professoras/(inter)locutoras que lessem as anotações que haviam feito no decorrer da leitura prévia do livro, bem como, narrassem qual foi a motivação de tais anotações; desta forma completamos nossas primeiras impressões sobre a leitura do livro.

Depois das professoras/(inter)locutoras socializarem suas experiências com a leitura fizemos a seguinte experiência: dentro de balões coloquei algumas citações que anotei enquanto lia o livro em casa. Enchi os balões com oxigênio e subi no segundo piso da escola e do corredor os larguei todos de uma vez no ambiente, para que as professoras/(inter)locutoras pudessem pegá-los. Pedi para que cada professora/(inter)locutora, inclusive eu, estourasse o balão que havia pegado e retirasse as citações encontradas para começarmos a falar sobre nossas práticas educativas. Não houve citações repetidas, desta forma, cada professora/(inter)locutora, de posse da citação retirada do balão, pode narrar fatos ou experiências vividas em suas práticas educativas, sem seguir uma linearidade com os discursos das demais professoras/(inter)locutoras. As citações retiradas do livro *A*

história de Fernão Capelo Gaivota, de Richard Bach (2006), e colocadas nos balões foram:

> Porque apesar do seu passado solitário, Fernão Gaivota nascera para ser instrutor, e a sua maneira de demostrar o amor era demostrar um pouco da verdade que ele próprio descobrira a uma gaivota que apenas pedisse uma oportunidade para vislumbrar essa verdade (Bach, 2006, p. 99-100).

> E embora tentasse mostrar-se severo com os seus alunos. Francisco gaivota viu-se de repente como eram totalmente, por um momento, e mais do que gostou, amou o que viu. “Não há limites, Fernão?”, pensou e sorriu a sua corrida para a aprendizagem acabava de começar (Bach, 2006, p. 148).

> Você é especial, dotado e divino, muito acima dos outros pássaros (Bach, 2006, p. 132).

> Por que somos tão poucos aqui? [...] A única resposta que encontro Fernão, é que você é um daqueles pássaros que se encontram num milhão (Bach, 2006, p. 74).

> Mas eu não quero honras. Não me interessa ser chefe. Só quero partilhar o que descobri, mostrar a todos esses horizontes que estão à nossa frente (Bach, 2006, p. 46-47).

> Nos dias que se seguiram, Fernão verificou que neste lugar havia tanto para aprender acerca do voo como houvera na vida que deixará para trás, mas com uma diferença. Aqui havia gaivotas que pensavam com ele. Para cada uma delas o mais importante na vida era olhar em frente e alcançar a perfeição naquilo que mais gostavam de fazer: voar (Bach, 2006, p. 73).

> Fernão Gaivota descobriu que o tédio, o medo e a ira são as razões por que a vida de uma gaivota é tão curta, e, sem isso a perturbar-lhe o pensamento, viveu de fato uma vida longa e feliz (Bach, 2006, p. 53).

> Em vez da monótona labuta de procurar peixe junto dos barcos de pesca, temos uma razão para estar vivos! Podemos subtrair-nos a ignorância, podemos encontrar-nos como criaturas excelentes, inteligentes e hábeis. Podemos ser livres! Podemos aprender a voar (Bach, 2006, p. 37).

> Quando voltou a si, a noite já era velha. Flutuava a superfície negra do oceano, encharcado em luar. As asas eram enormes e esfarrapadas barras de chumbo, mas o fracasso pesava-lhe ainda mais nas costas. Desfalecido, desejou que o peso fosse bastante para o arrastar docemente até o fundo, e acabar com tudo (Bach, 2006, p. 25).

> Para a maioria o importante não é voar, mas comer. Para esta gaivota, contudo, o importante não era comer, mas voar (Bach, 2006, p. 14-15).

> Esta maneira de pensar não o popularizava entre os outros pássaros, como veio a descobrir (Bach, 2006, p. 15).

Antes de terminar o Ateliê Literário pedi para que as professoras escrevessem em seus cadernos de experiências e pensassem sobre a seguinte citação:

> Oh! Chico! Não é isso que você ama! Você não ama o ódio e o inferno, é claro. Você tem de treinar até ver a verdadeira gaivota, o que há de bom em cada uma delas, e ajudá-las a ver isso nelas próprias (Bach, 1970, p. 144).

Essa citação ajudaria nas narrativas do terceiro Ateliê Literário que estava previsto para setembro.

Em seguida finalizei este Ateliê Literário deixando dois novos desafios: - cada professora/(inter)locutora deveria lembrar e escrever, de forma sucinta no caderno de experiência, dois fatos que aconteceram em sala de aula com algum estudante, um fato que as deixou alegre e outro que as deixou triste; - segundo desafio: cada professora/(inter)locutora deveria fazer a leitura do próximo livro *Eu Gosto Tanto de Você*, da escritora Leila Rentroia Iannone (1988), que serviria de base para nossas próximas narrativas no terceiro Ateliê Literário. As professoras/(inter)locutoras também poderiam anotar em seus cadernos de experiências citações que tocassem em suas potencialidades ou fragilidades.

3.4.3 Caminhos Sensíveis

O terceiro Ateliê Literário foi denominado: *Caminhos Sensíveis*, que também ocorreu nas dependências da *escola Senador Luiz Henrique da Silveira*, em Barra Velha/SC. Quando conversei com a diretora da escola, D. Sônia, para apresentar o projeto e solicitar autorização para ser realizado na escola, ainda não tinha ideia de quem seriam os professores(inter)locutores, nem quais seriam os dias e horários para fazer os Ateliês, deste modo, não me preocupei muito com a liberação do espaço para que pudéssemos nos reunir. No entanto, ao combinar com as professoras/(inter)locutoras que os Ateliês Literários seriam nos sábados e em locais diversos, tive que me antecipar com a direção para a abertura da escola, uma vez que aos sábados a instituição não desenvolve atividades. Em solicitação do pedido, a diretora se prontificou em abrir a escola ela mesma.

Escolhi fazer o Ateliê Literário na sala dos professores, pois no local há uma mesa grande onde podíamos colocar nosso material e ainda sobrava espaço para o café que fazíamos em todos os encontros, além do que, existe nesta sala um cantinho com várias poltronas, nas quais podíamos nos acomodar, realizar as ações e socializar nossas narrativas.

Neste terceiro Ateliê Literário usamos como exercício de sensibilização o livro: *Eu gosto tanto de você*, da escritora Leila Rentroia Ianonne (1988) o qual foi entregue no final do segundo Ateliê Literário. Iniciamos o Terceiro Ateliê Literário: *Caminhos Sensíveis* com as narrativas das professoras/(inter)locutoras, narrando suas impressões sobre a Literatura lida, e na sequência solicitei a elas que apresentassem as produções propostas no segundo Ateliê Literário 'Eu posso aprender a voar'.

A ação solicitada consistia em fazer uma anotação no caderno de experiências sobre um fato acontecido em sala de aula que as deixaram felizes e outro fato que as entristeceram. Solicitei que cada professora/(inter)locutora ouvisse atentamente cada narrativa das demais professoras/(inter)locutoras sem interromper ou interferir, pois, seria um momento de partilha e possivelmente de fragilidades e potências, mobilizadas pelas sensibilidades.

Deixei aberto a possibilidade ou não das narrativas serem socializadas no grupo. Na sequência, falamos das relações de afetividade com os estudantes, trabalhando nossas potencialidades e fragilidades imbricadas em nossas práticas educativas. O enfoque também se deu a nossas atitudes em sala de aula: o que pensamos sobre os estudantes e o que temos feito para que a relação estudante/professor seja mobilizada de sensibilidades e principalmente qual importância que as fragilidades ou potencialidades podem interferir em nossas práticas educativas.

Após ouvirmos cada professora/(inter)locutora ofereci um presente a cada uma delas, que foi entregue individualmente e numa sala separada. Tratava-se de uma caixa de presente cujo interior tinha um tablet com um vídeo gravado por um estudante da regência destas professoras. A título de conhecimento, o tablet não fez parte do presente, tão somente, o conteúdo do vídeo. Esse vídeo foi desenvolvido no componente curricular de Língua Inglesa, ministrado por mim, durante minhas atividades letivas na escola. Selecionei em cada regência um estudante, que tivesse interesse de enviar uma mensagem de vídeo para a professora, falando sobre o que mais admirava nela como profissional e como pessoa humana.

Como em todos os Ateliês Literários anteriores, deixei desafios para o próximo e último Ateliê Literário, reiterando com as professoras/(inter)locutoras que não esquecessem de trazer o caderno de experiências para o último Ateliê Literário, pois faríamos uso dele. Solicitei também que reservassem quatro novas páginas do caderno de experiências e em cada uma delas escrevessem o nome dos livros lidos, uma citação e uma imagem que correspondessem as leituras ou/e aos Ateliês Literários.

Solicitei ainda que lessem o livro *Com a ponta dos dedos e os olhos do coração* da escritora Leila Rentroia Ianonne (2019) para que pudéssemos encerrar nossa Experiência Estética Literária com o quarto Ateliê Literário: *Espaços abertos*.

3.4.4 Espaços abertos

O quarto Ateliê Literário denominado: *Espaços Abertos*, ocorreu na área da piscina de minha residência em Barra Velha/SC. Como já mencionado no início deste caminho, programei os Ateliês Literários em ambientes diferentes para que em cada um deles as professoras/(inter)locutoras pudessem narrar suas histórias livremente sem ficarem aprisionadas pelo ambiente escolar.

No dia programado iniciei o quarto Ateliê Literário *Espaços Abertos* solicitando as professoras/(inter)locutoras que narrassem sobre a leitura do livro: *Com a ponta dos dedos e os olhos do coração*, da escritora Leila Rentroia Ianonne (2019). Este livro trouxe um contexto sensível ao abordar o cotidiano escolar de uma criança que sofre bullying pelos colegas e descobre na sensibilidade a melhor maneira de livrar-se do problema. Este foi um momento muito importante para o Ateliê, pois a Literatura abriu caminhos para as narrativas.

Deste modo, solicitei aos professores/(inter)locutores que imbricassem a leitura realizada com suas práticas pedagógicas. Iniciei o Ateliê com alguns questionamentos, como: em que direção percorre meu olhar quando estou falando com os estudantes? Consigo enxergar com o coração aqueles estudantes que em meio a tantos se destacam ou se fecham em si mesmos? Consigo compreender as dificuldades de alguns estudantes quando não fazem ou não se saem bem nas atividades propostas? Quais práticas educativas posso utilizar ou utilizo para descobrir suas fragilidades e potencialidades dos estudantes e minhas? Como estão sendo meus projetos pedagógicos em relação as sensibilidades e os vínculos de afeto?

Proponho trabalhos em grupos? O que faço quando alguns estudantes querem realizar sempre trabalhos sozinhos? O que significa para mim, perceber com as pontas dos dedos e os olhos do coração?

Ouvi atentamente cada professor/(inter)locutor narrar suas experiências e após terminada essas narrativas conduzi uma ação que constituiu numa pescaria na piscina. Solicitei as professoras/(inter)locutoras que escrevessem em fitas de papel situações sobre possíveis fragilidades ou potencialidades dos estudantes, e que as enrolassem e as colocassem em frasquinhos de plásticos que ofereci para essa finalidade. Depois de fechada com suas tampinhas coloquei todos os frascos na piscina e entreguei as professoras/(inter)locutoras um pequeno puçá feito de um porta-lápis de papelão no formato cilíndrico no qual encaixei uma haste fina de pau para que eles pudessem retirar os frascos da água. Após a retirada de todos os frascos pedi para que os colocassem abertos em cima da mesa, retirando as fitas de papel e lendo o conteúdo.

Após serem todas lidas pedi para as professoras/(inter)locutoras que narrassem com os olhos do coração essas fragilidades ou potencialidades que haviam percebido nos estudantes ou tomado conhecimento de alguma maneira, especialmente durante as práticas educativas. Feito isso, foi aberta a palavra para as últimas narrativas do quarto Ateliê Literário *Espaços Abertos*.

Por fim, fechando nosso último Ateliê Literário pedi as professoras/(inter)locutoras que refletissem sobre a viagem ao aniversário de Ray, lido no livro *Longe é um lugar que não existe* (Bach, 1979), no primeiro Ateliê Literário chamado: *De asa em asa, pousei*, sobre as descobertas da Gaivota Fernão, lida no Livro *A história de Fernão Capelo Gaivota,* no segundo Ateliê Literário, chamado *Eu posso aprender a voar*'; sobre o amor de Madá, lido no livro: *Eu gosto tanto de você* (Iannoni, 1988), no terceiro Ateliê Literário chamado *Caminhos Sensíveis* e a sensibilidade de Fernando lido no livro: *Com a ponta dos dedos e os olhos do coração* (Iannoni, 2019), neste quarto Ateliê Literário chamado *Espaços Abertos*.

Reservei um tempo para que as professoras/(inter)locutoras fizessem apontamentos em seus cadernos de experiências sobre tudo que foi narrado e refletido. Recomendei que escrevessem sobre como foi a experiência de participar dos Ateliês Literários e o que esses contribuíram ou ainda poderiam contribuir com as práticas educativas e a convivência no ambiente escolar com estudantes, professores e gestores.

Após escreverem suas narrativas no caderno de experiências pedi que me entregassem, pois como já orientado, os registros feitos neste caderno serviriam de dados para análise da pesquisa. Informei as professoras/(inter)locutoras que os cadernos de experiências seriam entregues novamente para elas, por ocasião da divulgação dos processos/resultados da Dissertação, quando pretenderei reuni-las novamente.

Deixei aberta a palavra para as despedidas e agradeci as professoras/(inter)locutoras, convidando-as para continuarem em minha residência e participar da confraternização que havia preparado para o final dos Ateliês Literários.

3.4.5 Livros abertos

A experiência estética foi uma importante escolha para os Ateliês, pois foi capaz de submergir descobertas e valores pessoais até então não revelados. Neste sentido, corrobora Reis (2008, p. 20):

> Os professores, quando contam histórias sobre algum acontecimento do seu percurso profissional, fazem algo mais do que registar esse acontecimento; acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional. Através da construção de narrativas os professores reconstroem as suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação.

Assim descreve Lobato (2016, p. 153) quando Visconde revela ao Doutor Zamenhof suas descobertas:

> Parecia-lhe impossível que um simples sabugo científico, auxiliado por uma gentinha como Emília, houvesse feito ‘milagres endocrínicos’ muito maiores que os realizados por todos os grandes especialistas da Alemanha e da América do Norte. Simplesmente formidável.

Essa declaração levou a curiosidade do sábio doutor em conhecer o laboratório do Visconde que ao saber que se tratava de um buraco numa figueira ficou ainda mais assombrado, dizendo que parecia impossível Visconde ter conseguido os resultados que conseguiu com seus rudimentaríssimos recursos.

Para nossas experiências estéticas não importa o tamanho ou se é de última geração a tecnologia utilizada em nosso laboratório, o que importou foi a experiência de vida em sentir e narrar. Os simples livros utilizados nos quatro Ateliês Literários

foram suficientes para mobilizar as sensibilidades e tocar na glândula pineal onde fazia morada, até então, a alma humana.

Termino esse caminho fechando com o livro: *A Reforma da Natureza*, de Monteiro Lobato (2016a), tendo a certeza de que a turma do sítio é um verdadeiro livro que mistura Literatura e ciência enriquecendo minha Dissertação por meio de experiências estéticas e conhecimento científico que sustentam o percurso de todos esses caminhos.

No caminho: *Viagem ao Céu*, que percorrerei em seguida trarei a análise-interpretativa-compreensiva, Bertaux (2010) a partir do que aconteceu nos quatro Ateliês Literários. A turma do sítio, na companhia de Dona Benta, ficou na varanda ouvindo suas histórias sobre o céu. Dona Benta era comparada a Camille Flammarion, um sábio astrônomo francês que escreveu livros lindos e explicativos sobre os astros. Segundo Dona Benta quem não entender o que Flammarion conta é melhor que desista de tudo, pois seus livros são poemas de sabedoria, claríssimos como água (Lobato, 2019). Nas viagens que faço pelo universo da Literatura levo comigo quatro professoras/(inter)locutoras que entre livros e experiências estéticas narraram suas histórias de vida, sua formação profissional, suas emoções e suas práticas educativas.

Ilustração 5 - Viagem ao céu
Fonte: Maria Luiza Silveira de Oliveira (2023)

Era em abril, o mês do dia de anos de Pedrinho e por todos considerado o melhor mês do ano. Por quê? Porque não é frio nem quente e não é mês das águas nem de seca — tudo na conta certa! E por causa disso inventaram lá no Sítio do Pica-Pau Amarelo uma grande novidade: as férias-de-lagarto.

— Que história é essa?

Uma história muito interessante. Já que o mês de abril é o mais agradável de todos, escolheram-no para o grande 'repouso anua'" — o mês inteiro sem fazer nada, parados, cochilando como lagarto ao sol! Sem fazer nada é um modo de dizer, pois que eles ficavam fazendo uma coisa agradabilíssima: vivendo! Só isso. Gozando o prazer de viver...

— Sim — dizia Dona Benta — porque a maior parte da vida nós a passamos entretidos em tanta coisa, a fazer isto e aquilo, a pular daqui para ali, que não temos tempo de gozar o prazer de viver. Vamos vivendo sem prestar atenção na vida e, portanto, sem gozar o prazer de viver à moda dos lagartos. Já repararam como os lagartos ficam horas e horas imóveis ao sol, de olhos fechados, vivendo, gozando o prazer de viver — só, sem mistura?

Monteiro Lobato, Viagem ao céu, 2018, p. 11-12.

4 QUARTO CAMINHO: A VIAGEM AO CÉU

É chegado o último caminho desta grande aventura, na qual a reflexão e a aprendizagem estão sempre presentes. Apesar de ser o último caminho, não podemos dizer que teremos férias de lagarto, como a turma do Sítio do Picapau Amarelo. Até porque nem mesmo eles tiram as verdadeiras férias como de costume no mês de abril. Deitados, olhando para o céu, questionaram a avó sobre quatro estrelas em forma de cruz que brilhavam lindamente lá em cima.

Dona Benta mostrou aos netinhos a Constelação do Cruzeiro do Sul e disse que era o nosso relógio noturno. Explicou a eles que era um grupo de estrelas de maior importância para os povos que vivem do Equador para o Sul, ‘como nós’, acrescentou ela. As crianças do sítio são muito criativas e não param nunca, de tal maneira, que dessa vez resolveram fazer uma visitinha no céu.

Pegando carona nessa viagem ao céu peço licença às crianças para fazer minhas próprias descobertas. Me concentro numa constelação de quatro professoras que tiveram muito a me dizer durante nossos Ateliês Literários. Minha viagem, neste último espaço de pesquisa, fica no campo das análises, na qual busco interpretar-compreender as narrativas de vida das professoras/(inter)locutoras, como reflexões, saberes e aprendizagens capazes de produzir mudanças significativas em nós mesmos, como professores e seres humanos sensíveis.

Além disso de acordo com Delohy-Momberger (2012, p. 524) o objetivo da pesquisa narrativa (auto)biográfica

> [...] é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência.

Nesta viagem ao céu com minha constelação de professores farei quatro visitas onde procurarei analisar pontos importantes para a compreensão do universo da docência. Na primeira visita, minha atenção estará voltada à reflexão sobre nossa constituição como docente e o quanto a Literatura pode contribuir para a abertura sensível e as identificações de fragilidades e potencialidades em nossas relações no contexto escolar e em especial com os estudantes do Ensino Médio. Admito, nesta primeira viagem, uma análise de reconstituição de estrutura diacrônica (Bertaux, 2010), pois, por meio das falas, áudios e vídeos das professoras/(inter)locutoras

analisarei caminhos de causalidade sequencial nestas narrativas, buscando detalhes nos quais possamos compreender o que nos torna frágil neste percurso profissional.

Na segunda visita trilharei no campo das potencialidades e fragilidades em nossas práticas educativas. Aqui darei ênfase às falas, áudios e vídeos das professoras/(inter)locutoras que possam revelar os pontos fortes e frágeis em nosso dia a dia como docentes. Em meio a tantos fatores sensíveis vivenciados diariamente enquanto professores, nem tudo são pedras e, é justamente, o oposto disso, que pretendo nesta visita colher flores do caminho.

Na terceira visita, farei uma análise sob o manto da sensibilidade para compreender nossas potencialidades e fragilidades partindo da relação de afetividade com os estudantes imbricadas em nossas práticas educativas.

Por fim, na última visita, ainda sob o manto da sensibilidade farei uma análise das fragilidades e potencialidades dos estudantes por meio das narrativas das professoras/(inter)locutoras ao contarem de que forma suas práticas educativas os afetaram.

As análises estarão sempre dialogando com os autores fundantes da pesquisa. Delory-Momberger (2006, 2012) trará a base fundamental da pesquisa narrativa (auto)biográfica enquanto Bertaux (2010) ajudará nos aspectos da análise interpretativa/compreensiva. Os demais autores colaborarão no entendimento de detalhes que surgirem no decorrer deste processo.

4.1 Primeira Visita: O céu de noite

Começo minha primeira visita relembrando uma fala de D. Benta às crianças do sítio, apontando o dedo para o céu, disse:

> Olhem lá aquelas quatro formando uma cruz! É a Constelação do Cruzeiro do Sul. Constelação quer dizer um grupo de estrelas. Esta Constelação do Cruzeiro é a de maior importância para os povos que vivem do equador para o sul, como nós (Lobato, 2018, p. 37).

Igual importância se dá às professoras/(inter)locutoras da pesquisa. São elas, as estrelas do nosso Cruzeiro do Sul. Por meio de observações e análises de suas narrativas podemos compreender a viagem em nossa própria vida que nos fez visitar lugares diversos, mas sobretudo compreender nossa constituição docente e nossa localização no ambiente escolar. Importante ressaltar que as narrativas

(auto)biográficas não ficam adstritas apenas ao discurso, às formas orais ou escritas de um verbo realizado, mas compreende atitudes mentais e comportamentais, numa estrutura de experiência e ação relacionando sempre o sujeito, sua vivência e o mundo que o cerca (Delory-Momberger, 2012).

É no calar da noite, quando estamos em nosso lar, despidos do símbolo da profissão que fazemos a reflexão de tudo que nos afeta como profissionais da educação. Há momentos que, da janela, olhando as estrelas, a luz que delas brilha, ilumina o caminho que trilhamos para que enxerguemos a sensibilidade que nos pulsa e nos conduz nesta trajetória de vida de professor.

Enfim, chegou o dia do primeiro Ateliê Literário. É por esse clarão estrelar que inicio as análises das narrativas das professoras/(inter)locutoras do primeiro Ateliê Literário.

Era uma tarde nublada e caia uma chuvinha bem fina, daquelas que costumamos chamar de ‘molha bobo’. Era 06 de agosto de 2022, às 15:00 horas quando me reuni com o grupo de professoras que iria participar da pesquisa como (inter)locutoras. Escolhi uma cafeteria chamada *Café com Bolo*, em Piçarras/SC e o local não poderia ser melhor para falar de Literatura e começar a ouvir as narrativas dos professores/as.

Participaram deste Ateliê três professoras: Prof.ª Selma, do componente curricular Educação Física, Prof.ª Ana, de Química e a Prof.ª Tatiana do componente Língua Inglesa. A Prof.ª Greice, de Matemática não pôde comparecer em virtude de problemas familiares e o Prof. Mario informou que infelizmente a carga de serviço que havia assumido na escola não lhe permitiria assumir esse compromisso.

Para me auxiliar no Ateliê Literário, convidei um grande amigo, Professor Gabriel Correa, formado em Letras, mas que este ano não está exercendo a docência. Outra profissional que também me auxiliou foi a Jornalista Ariane Lorena. Ambos os profissionais me assessoram com as fotos, filmagens, gravação dos áudios e na organização dos materiais que utilizei na condução da Dissertação.

Iniciei o Ateliê Literário agradecendo a presença de todas e enfatizando o quanto eram fundamentais para minha pesquisa e que estava muito feliz por elas terem aceitado ao convite. Nesta ordem, apresentei o objetivo do Ateliê Literário que foi mobilizar à reflexão sobre nossa constituição como docentes e o quanto a Literatura pode contribuir para a abertura sensível e as identificações de fragilidades e

potencialidades em nossas relações no contexto escolar e em especial com os estudantes do Ensino Médio da Educação Básica. Segundo Bertaux (2010, p. 45), “[...] essa entrada no assunto equivale a propor, digamos, um ‘contrato’ de entrevista”.

Na sequência solicitei para que as professoras assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização para Uso de Imagem e/ou Voz, que previamente já havia encaminhado por *WhatsApp* para que todos/as tivessem acesso ao teor dos documentos. Após todos/as assinarem os termos, li o contrato biográfico com o glossário e as regras de funcionamento dos Ateliês Literários, dando ciência e registrando oralmente a aceitação de todos/as. Para Delory Momberger (2006, p. 366)

> [...] o contrato, que pode ser passado oralmente ou por escrito, é o ponto de consolidação do ateliê biográfico: ele fixa as regras de funcionamento, enuncia a intenção auto-formadora, oficializa a relação consigo próprio e com o outro no grupo como uma relação de trabalho.

Perfectibilizada as formalidades da pesquisa entreguei para cada professora/(inter)locutora um caderno de capa dura, o qual chamamos de ‘caderno de experiências’ (Silva; Pillotto; Leal, 2017), solicitando a elas que o personalizassem e trouxessem nos próximos encontros, para que neste caderno pudéssemos registrar tudo que nos afetasse durante os Ateliês Literários, algo que foi falado ou sentido. Disse a elas que poderiam colar poemas, fotos, figuras, reportagens e o que mais fizesse sentido como professoras/(inter)locutoras da pesquisa. Expliquei que o caderno também poderia ser usado como um diário em casa ou na escola para registrar suas percepções e sentimentos que tivessem relação com a docência.

Dando continuidade ao Ateliê Literário solicitei que todas as professoras/(inter)locutoras ficassem de pé e entreguei a cada uma delas uma venda para que tapassem os olhos. Logo em seguida pedi para que elas escutassem o que iria acontecer naquele momento e passei a ler, calmamente, o poema *Primeiro os Pés*, de Pedro Benjamim Garcia (1993), sem dizer que era um poema. Esse poema nos ajudará a perceber que é preciso nos concentrarmos em nós mesmo, para que possamos, antes de qualquer tomada de decisão, nos ouvir e agir com sabedoria em nossas escolhas, já que constituímos todos os dias nossas identidades profissionais.

Figura 1 – Entrega das vendas para tapar os olhos

Fonte: primária (2022)

Na medida em que lia o poema, percebi que as professoras/(inter)locutoras estavam reproduzindo corporalmente o que eu estava proferindo com a leitura, ainda que timidamente. Pude, então, perceber os primeiros sinais das funções da Literatura, da função psicológica da literatura, que segundo Candido (2002, p. 80) é uma "[...] espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia", que se faz presente tanto na criança como no adulto, no culto ou no analfabeto; agir na formação da personalidade, porque a literatura "faz viver" (Candido, 2002, p. 85);

Figura 2 – Escutando o poema

Fonte: primária (2022)

O poema sugeria para ficar em silêncio e nenhuma das professoras/(inter)locutoras falava. O poema dizia “apenas as mãos”, (Garcia, 1993, p. 50), e todas as professoras/(inter)locutoras movimentavam os dedos das mãos. Depois sugeria mexer a cabeça, os pés, o corpo todo e a cada comando sugerido pelo poema as professoras/(inter)locutoras produziam movimentos corporais.

Ao terminar de ler o poema perguntei às professoras/(inter)locutoras o que as levou a se movimentarem na medida que eu lia o poema. A Professora Ana (2022) disse que foi influenciada pelo poema, já que ele determinava algumas ações: *“eu ... eu achei, não sei, eu achei que fazia parte, estava dizendo, primeiro os pés, então eu mexi os dedinhos dos pés ...”* A Professora Tatiana (2022) relatou que o fato de ter colocado à venda nos olhos já sugeria um processo sensorial: *“eu acho que o processo de colocar à venda, e aí já, já subentende uma ... um processo sensorial”.* Por sua vez, a Professora Selma (2022) levantou a questão do quanto estão condicionados a determinadas ações quando se faz o uso da venda e da leitura:

> *Outra coisa que eu achei, é que assim ó, como nós estamos condicionados, normalmente quando faz isso é, depois que passou que eu refleti nisso, ne, tipo assim, a gente começou a se movimentar, mas também assim, porque a gente é condicionado a isso também. Teve um pouco disso né.*

Mas todas afirmaram que a leitura as conduziu aos movimentos realizados. Por fim, deixei aberto para reflexão, sobre o quanto a Literatura pode nos movimentar na sala de aula e nas nossas práticas educativas, sobre o poder ou a força que a Literatura tem para fazer esse movimento conosco. Expliquei que trouxe esse texto também para refletir como a Literatura pode provocar esses movimentos em nós. Será que a Literatura pode fazer isso também em sala de aula, em nossas práticas educativas? Será que ela não tem essa força? Abaixo na integra o poema de Garcia (1993, p. 50-51):

> **Primeiro os pés**
>
> estou vivo
> você também
> silêncio!
>
> silêncio:
> apenas as mãos
> feche (definitivamente) a boca
> maneje mãos e pés

assim
devagar
lentamente

depois tente a cabeça
e o corpo todo
lentamente

não caia em tentação
não fale:
primeiro os pés
depois as mãos
o corpo
todo
lentamente
e aos poucos

novamente
e não se canse
– não fale –
os pés primeiro

assim:
aos poucos
lentamente
(não fale)
os pés primeiro

e neste curso
a reeducação
quem sabe?
a sabedoria

não fale
os pés primeiro

Barthes (2007) já dizia que em 1968 o ensino estava em crise e que os valores antigos não se transmitiam, não circulavam, não impressionavam mais e a Literatura estava dessacralizada. Mesmo estando as instituições impotentes para defendê-la e impô-la como modelo implícito de humano, não significava dizer que ela estava destruída, ela só não estava mais guardada, deste modo era o momento de ir a seu encontro. Essas palavras de Barthes nos fazem entender que precisamos nos movimentarmos em direção à Literatura se quisermos possibilitar que os estudantes tenham experiências estéticas em sua formação humana.

A Literatura, segundo Barthes (2007), é morada das forças da liberdade que não depende da pessoa civil, do engajamento político do escritor ou do conteúdo doutrinal de sua obra, mas sim do trabalho que se faz com o deslocamento da linguagem no texto que se escreve, uma responsabilidade que se encontra na forma, mas que não pode ser avaliada na conjectura ideológica e é por isso que ele defende que as ciências das ideologias sempre tiveram pouco domínio sobre a Literatura.

Os movimentos que as professoras imprimiram durante a leitura do poema, ainda que indelével, indicam a força que a Literatura tem sobre nós e em nossas práticas pedagógicas, mais do que isso, é preciso entender que não é mágica, que não é milagre e que não é a salvação para a crise do ensino, ela é apenas a forma não ideológica de expressão e de liberdade.

E por falar em forma, Barthes (2000) diz que o autor não dá sentido a seu texto sozinho, ele apenas presume e o mundo é que as preenche. Para ele os textos são flutuantes, pois não existe um significado seguro e que talvez só o tempo poderia fazer isso. Mas é preciso ficar atento, pois segundo Barthes (2000) o tempo é duplo, existe o tempo da escritura e o tempo da memória, de forma que essa duplicidade chama um outro sentido, o próprio tempo é uma forma.

O entendimento de Barthes (2000) é muito importante para compreendermos que a Literatura atravessa o tempo movida pelos sentidos, ou seja, pela forma. Esse movimento que perpassa a cada indivíduo, se faz presente num novo contexto de produção de sentidos, pois ele é a fenda entre o passado e o futuro, de tal modo que é por meio deste movimento que a Literatura se faz presente no cotidiano e se torna fundamental para a formação do sujeito.

Na continuidade do Ateliê Literário iniciamos a leitura do Livro *Longe é um lugar que não existe*, de Richard Bach (1979). Foi uma leitura coletiva iniciada pela Professora Selma, Seguida da Professora Ana, Tatiana e por mim, fazendo esse ciclo até o término do livro. O livro contém 54 páginas, mas não é paginado. Todas as páginas são ilustradas por H. Lee Shapiro, sendo que muitas delas só contêm ilustração e na sua totalidade os textos são pequenos. A história é curta e o movimento dela durante a leitura permitiu às professoras/(inter)locutoras perceberem quando deveriam parar para que outro continuasse.

O livro conta a trajetória de alguém/personagem que viaja nas asas de alguns pássaros para chegar na casa da amiga Rae que estava de aniversário. Cada pássaro que se faz presente na história tem suas dúvidas sobre o significado dessa viagem ao mesmo tempo que ensinam que não há distância que nos impeça de onde queremos chegar, porque na verdade, já chegamos e o que importa é o desejo de sempre continuar chegando. É nosso presente, como podemos observar no seguinte trecho:

> Não posso ir ao seu encontro porque já estou com você. Você não é pequena porque já é crescida brincando entre suas vidas como todos fazemos, pelo prazer de viver. Você não tem aniversário porque

sempre viveu; nunca nasceu, jamais haverá de morrer. Não é filha das pessoas a quem chama de mãe e pai, mas a companheira de aventuras delas na jornada maravilhosa para compreender as coisas que são (Bach, 1979, n.p.).

Figura 3 – Leitura do Livro

Fonte: primária (2022)

Figura 4 – Durante a Leitura

Fonte: primária (2022)

A Professora Selma (2022) ao fim da leitura cita uma frase do livro que diz “cada presente de um amigo é um desejo por sua felicidade”. Enfim, a leitura do livro abriu caminho para que as professoras/(inter)locutoras e eu pudéssemos narrar nossas trajetórias que nos constituiu professores/as. Minha impressão sobre o livro foi no sentido de que nós todos perfazemos um caminho, uma trajetória que dá sentido ao que somos. Para isso, solicitei que narrassem sobre suas trajetórias que culminou na profissão docente.

Neste momento me encontro num terreno arenoso onde as professoras iniciarão suas narrativas de forma muito particular, mas necessária para que eu pudesse ter acesso e conhecimento de suas histórias, até porque trata-se de uma conversa narrativa, cujo objetivo é apreender a singularidade de uma fala e de uma experiência (Delory-Momberger, 2012). O pesquisador, de acordo com Delory-Momberger (2012) não terá nenhum acesso a essas informações senão por essa porta de entrada, onde os sujeitos lhe darão mediante os atos da biografização.

Antes de ouvi-las, preferi contar um pouquinho de minha trajetória - percurso biográfico de acordo com Bertaux (2010), para que elas também pudessem conhecer parte de minha história de vida. Disse a elas que: “*o que me levou à docência foi um desejo muito grande, desde criança, de ser professor*” (Paulo, 2022). Fiquei feliz quando ouvi da professora Tatiana (2022) essas palavras: *“eu te vejo muito como um professor de Literatura mesmo”.*

Continuei dizendo que quando criança eu brincava de escolinha com minha prima. Que tudo que eu aprendia na escola eu ensinava a ela nessas brincadeiras. E acrescentei: *“*[...] *e não era só uma brincadeira. Eu ensinava de verdade”* (Paulo, 2022).

Mas esse meu sonho com o tempo foi ficando para traz, as confusões da adolescência me levaram para outros mares. Contei às professoras/(inter)locutoras que ao me formar no Ensino Médio passei no concurso da Polícia Militar de Santa Catarina e ingressei na força policial. Neste interim, me formei em Direito, tempo depois sai da polícia e fui exercer a profissão de advogado. Mas eu não estava satisfeito, pois tanto o serviço na polícia quanto o serviço jurídico me deixavam cada vez mais inflexível e fechado para a vida, sempre buscando o lado da razão, e isso me incomodava muito. Foi então que resolvi anos depois, fazer Letras para encontrar

o lado emoção que estava reprimido e com isso reacendeu o sonho de ser professor. E assim aconteceu.

Na sequência, ouvimos a Professora Selma contar sua trajetória. Disse ela que seus testes vocacionais sempre deram meio a meio. Metade para humanas e metade para exatas. Antes de ser professora ela foi caixa de banco e trabalhou algum tempo gostando do que fazia, mas por gostar muito de esporte resolveu fazer faculdade de Educação Física e na faculdade preferiu licenciatura ao bacharelado.

Apesar de não ser uma escolha nata pela profissão docente, a Professora Selma (2022) conta um pouco essa sua propensão à docência. Disse que sua forma de estudar foi sempre dando aula:

> *Então assim, ó, lá em casa, se eu estivesse no quarto falando sozinha não era para interromper porque eu estava estudando* [...] *eu tinha muita facilidade de entender o que o professor explicava, eu não precisava ficar detida no conteúdo para entender. Eu concentrava muito no professor. E aí, quando eu chegava em casa eu dava aula daquilo que o professor explicou. Era minha forma de estudar né. Então, Eu não brincava de escolinha porque, eu não colocava ninguém lá sentadinho, não tinha ninguém pra submeter, eu era a mais nova. Eu dava aula assim, né, achando que estava dando aula mesmo.*

E acrescenta: "*Eu não tinha essa ideia de que eu gostaria de ser professora na época, mas querendo ou não, eu curtia aquilo, que era dar aula né. Inconscientemente né*" (Selma, 2022). A professora já é aposentada na educação pela rede privada, mas continua ministrando aulas na rede pública. Diz ela que: "*eu sou 32 anos professora de educação física e não tenho stress nenhum. Sou apaixonada pelo que faço. Eu posso dar aula mais 32 anos*" (Selma, 2022).

Por sua vez a Professora Ana (2022) narra que quando era pequena dizia que seria cientista, médica ou professora. Segunda ela, médica estava um pouco longe, por questões financeiras. Contou que desenhava muito e todo mundo sugeria que fizesse arquitetura e foi então que fez o vestibular de arquitetura e passou e se matriculou, mas não foi essa a faculdade que cursou. Disse a Professora Ana (2022) que:

> *Passei, fiz minha mãe pagar a matrícula e mensalidade, as primeiras, só que passei no ENEN também, e a aí, minha nota de corte, estava pra, há eu falei vou botar aqui, vamos ver. Bote e passei pelo SISU, e aí não deu outra, tive que falar para minha mãe, eu não quero fazer arquitetura, eu quero fazer Química, licenciatura, ainda por cima.*

A professora Ana (2022) podia seguir dois caminhos após formada: à Docência ou a Industrial tirando o CRQ – Conselho Regional de Química. Mas foi pela educação que seu caminho trilhou. Disse que na faculdade a área da educação é muita introdução, mas conforme foi tendo outras disciplinas como o laboratório de ensino de Química, o contato com a escola e o contato com o estudante, os estágios, e o projeto Psicologia na Educação do qual fazia parte, fizeram-na apaixonar pela docência. Apesar de ouvir sempre discursos contra, é como professora que ela se realiza. Neste sentido ela relata:

> *Porque o que me desmotivava a não ser professora era ouvir todo mundo falando que não ganha bem, só vai se incomodar e tu não vai ganhar nada, só vai se incomodar e tu nunca vai, nunca vai conseguir tipo, querendo ou não o salário influencia muito de a gente querer seguir uma profissão também né, e nunca me falaram também que um professor pode fazer um mestrado, pode ele fazer um doutorado e que daí ele pode conseguir ganhar mais, que ele pode ir pra uma universidade e com isso ganhar mais ainda, se quiser, por mais que eu ame a educação básica eu acho que eu não saio mais* (Ana, 2022).

A professora Ana concluiu seu Mestrado em Química, ingressou na educação e ama o que faz. Pensa no próximo ano iniciar o doutorado, a fim de continuar estudando e fazendo pesquisa, aspectos que contribuem nas práticas docentes.

Por fim, a Professora Tatiana dá início a narrativa de sua trajetória até chegar na profissão docente. Conta que seus testes vocacionais apontavam para três direções: profissões perigosas, escritora ou carreira cientifica. Como foi então, que a professora Tatiana chegou à docência?

A Professora Tatiana tem formação em Química. Trabalhou em fábrica de tintas, no controle de qualidade, mas a solidão do laboratório não a deixava realizada:

> *Eu trabalhei três anos em fábrica de tintas, no controle de qualidade, que é uma chatice também, você falou em ficar sozinha em laboratório, laboratório é assim, duas ou três pessoas, não muda, a rotina é sempre a mesma, muda a matéria prima, mas os processos químicos, a vidraria, tudo, sempre a mesma coisa, sempre as mesmas pessoas, o ambiente quieto, eu não sou tímica, vocês podem perceber, eu não estava realizada* (Tatiana, 2022).

Tudo muda quando ela é convidada por sua irmã, que estava morando na Inglaterra, para ir morar e trabalhar lá. No Brasil ela estava ganhando um salário mínimo e não estava realizada; foi então que aceitou a proposta e foi morar em Londres. Lá trabalhou em restaurantes e cafés até ir para uma escola de Missão com

mais seis pessoas de diferentes profissões. Morava numa igreja e trabalhava em outra. Trabalhou voluntariamente, só fazia caridade e vivia de doações. Trabalhou sem remuneração por nove meses nesta escola de missões. Segundo ela:

> *Essa foi a experiência mais humana que foi marcante assim que eu já fiz em minha vida, e que em Londres, todo mundo que vai pra Londres diz vou pra lá e vou gastar, mas eu tive uma experiência totalmente inversa, eu trabalhei com morador de rua, era um trabalho que eu mais gostava, foi o que mais me realizou, sempre tive essa coisa de poder ajudar* (Tatiana, 2022*).*

Depois que terminou a vida em comunidade a professora Tatiana ficou noiva de um mexicano e foi para o México. Fez um processo seletivo numa escola de inglês, passou e começou a ministrar aulas para mexicanos. Para ela foi uma experiência maravilhosa, já que, na escola tinha que falar o tempo todo em inglês e como estava vindo de Londres isso facilitava sua vida, já que não falava espanhol. Disse que aprendeu muito lecionando neste local. Foi uma experiência que não teve no curso de Licenciatura em Língua Inglesa, pois era em EaD e não tinha essa prática. Diz ela que:

> *E aí eu achava superlegal, porque na escola, na faculdade, licenciatura, eu fiz um EAD de inglês, não tem essa prática assim, a gente vai fazer estágio, não tem assim, tem um professor que te acompanha, mas não é uma coisa com prática, bem prática mesmo, você está dando uma aula mas, não tem* [...](Tatiana, 2022)

E foi assim que se descobriu professora. No Brasil está tentando validar seu diploma, mas enquanto isso não acontece, exerce sua profissão docente por meio de chamada pública.

A leitura de Richard Bach (1979) movimentou nas professoras/interlocutoras uma viagem ao tempo e uma possibilidade de redescobrimentos. Deste modo o Ateliê Literário fez todo sentido neste movimento, uma vez que sua base conceitual está pautada, como sinaliza Delory-Momberger (2006) no procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga presente/passado/presente em movimentos que emergem a partir de um projeto pessoal. A autora considera a dimensão narrativa como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si.

Neste sentido, a Literatura, tão defendida por Almeida (2011, p. 131) “[...] contribui para a mediação do homem com o mundo e os outros homens”. E as

narrativas de vida no contexto educacional “[...] contribui para a mediação do homem com o mundo e os outros homens” (Almeida, 2011, p. 131).

As histórias de vidas contadas pelas professoras/(inter)locutoras nos ajudaram a compreender essa trajetória contada por Bach (1979), pois cada uma delas ao relembrar como se constituíram professoras revisitaram elementos simbólicos que contribuíram para sua identidade docente. As abstrações produzidas pelas narrativas das professoras/(inter)locutoras, de acordo com Bertaux (2010) são indícios que comportam inúmeros indicações de fenômenos sociais. O percurso biográfico das professoras/(inter)locutoras, narrados de forma linear, ou seja, diacrônica, colocam em perspectivas os principais acontecimentos constituindo um núcleo comum de todas as formas possíveis de suas histórias (Bertaux, 2010).

Esse processo, as levou a encontrar significados e sentidos antes não revelados. São os movimentos da vida e simbólicos se alinhando em suas trajetórias, as constituindo professoras. “Os símbolos preenchem o hiato entre o que somos e o mundo-aí. É por isso que a história da cultura humana pode ser lida como a história das várias formas de mediação entre os homens e o mundo dado” (Almeida, 2011, p. 131).

Neste viés Delory-Momberger (2012) contribui ao descrever que a entrevista de pesquisa biográfica procura apreender e compreender o que o pesquisado tem de singular trazidos nos fatos, nas situações, nos relacionamentos, nas significações e nas interpretações que cada um dá à sua própria existência.

Richard Bach (1979) nos provocou a pensar sobre as nossas trajetórias e desafios: medos, angústias, decisões, sofrimentos, desejos, mobilizando memórias afetivas em trajetórias constituídas do que somos. Cada pássaro e cada dúvida, trazidos na história contada por Bach, é um caminho, uma incógnita e ao mesmo tempo um desafio que temos a enfrentar, pois são histórias que ficarão registradas nas narrativas de nossas vidas.

Celorio (2022, p. 229), ao descrever sobre a pedagogia das pedras nos permite entender o que éramos e o que nos tornamos, pois, essa pedagogia “[...] olha com atenção o corpo em seu sublime ‘mo-vi-men-to’ é ela que restitui a arte de dar atenção às singularidades que nos fazem ser quem somos e fazem do outro um ser de respeito”.

Esse Ateliê Literário teve duração de duas horas e meia, aproximadamente, de modo que nem tudo que foi gravado foi abstraído para a análise, até porque, segundo Bertaux (2010) não se trata de extrair das narrativas todas suas significações, mas somente aquelas pertinentes ao objeto de pesquisa.

E assim, com o término das narrativas do primeiro Ateliê Literário, solicitei as professoras/(inter)locutoras que lessem em casa, o livro *A história de Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach (2006) para o próximo Ateliê Literário, destacando citações que remetessem a suas escolhas profissionais e as relações afetivas. Esses serão os pontos de intersecção do Ateliê Literário que segue, enfatizando fragilidades e potencialidades nas relações constituídas no território escolar.

4.2 Segunda Visita: Viagem ao céu

Nos constituímos professores, por escolha, por amor e por acreditar na educação, é isso que posso abstrair das narrativas do primeiro Ateliê Literário. Agora é preciso voar mais alto e ir além das possibilidades. É preciso alçar mira e voar por lugares ainda não visitados. Tipo uma visita ao céu que a turminha do Sitio do Picapau Amarelo fez numa de suas aventuras. Desta vez nossa visita será para adentrar o campo das potencialidades e fragilidades em nossas Práticas Educativas e nosso transporte será o segundo Ateliê Literários chamado *Podemos aprender a voar*.

O segundo Ateliê Literário, ocorrido no dia 20 de agosto de 2022, quinze dias após o primeiro, foi realizado na *escola Senador Luiz Henrique da Silveira*, em Barra Velha, escola onde eu e as professoras/(inter)locutoras lecionamos para o Ensino Médio na Educação Básica. Neste ateliê, intitulado *Podemos aprender a voar*, compareceram as professoras Selma, Tatiana e Grace.

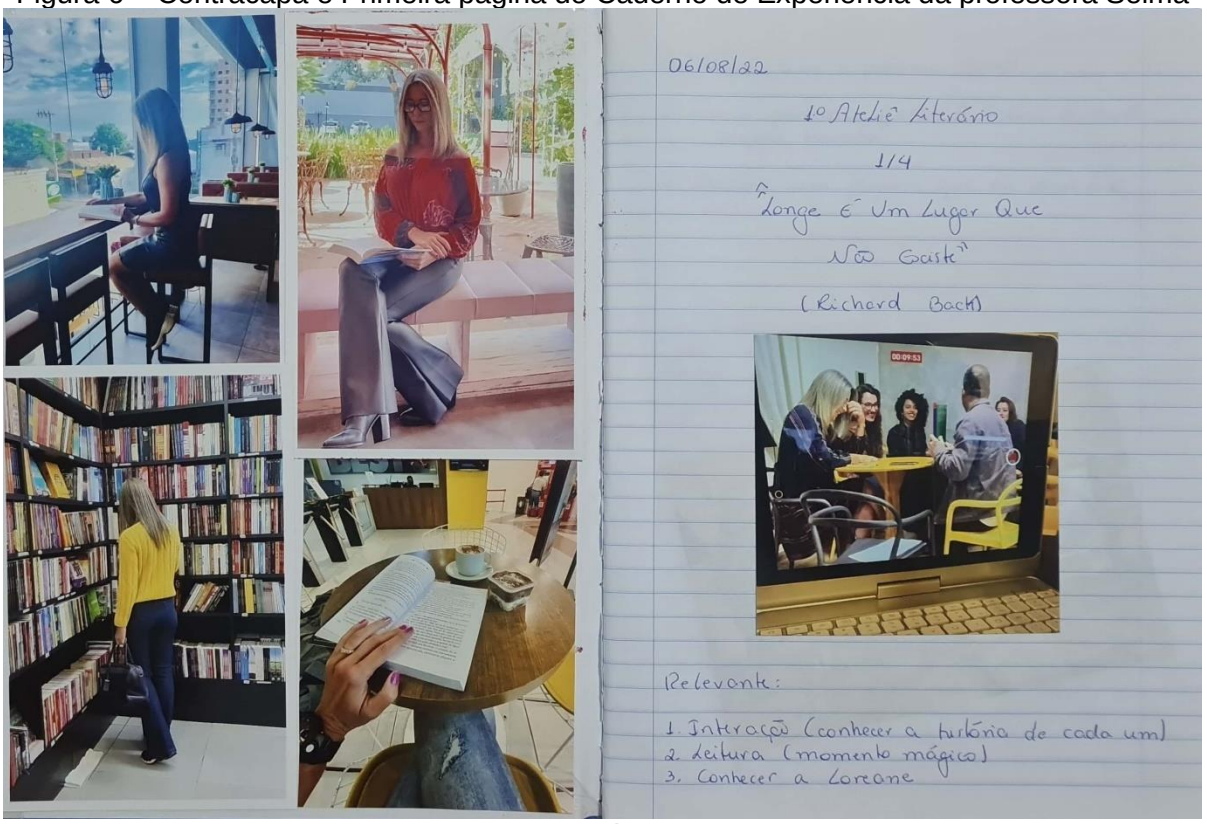
Iniciei o ateliê perguntando às professoras/(inter)locutoras se poderia ver o ‘caderno de experiência’ de cada uma delas. A professora Selma apresentou seu caderno e pude perceber que havia personalizado a capa com fotos dela em momentos de leituras. No centro da capa, uma foto de sua participação com todas as professoras, no primeiro Ateliê Literário.

Figura 5 – Capa do Caderno de Experiência da professora Selma

Fonte: primária (2022)

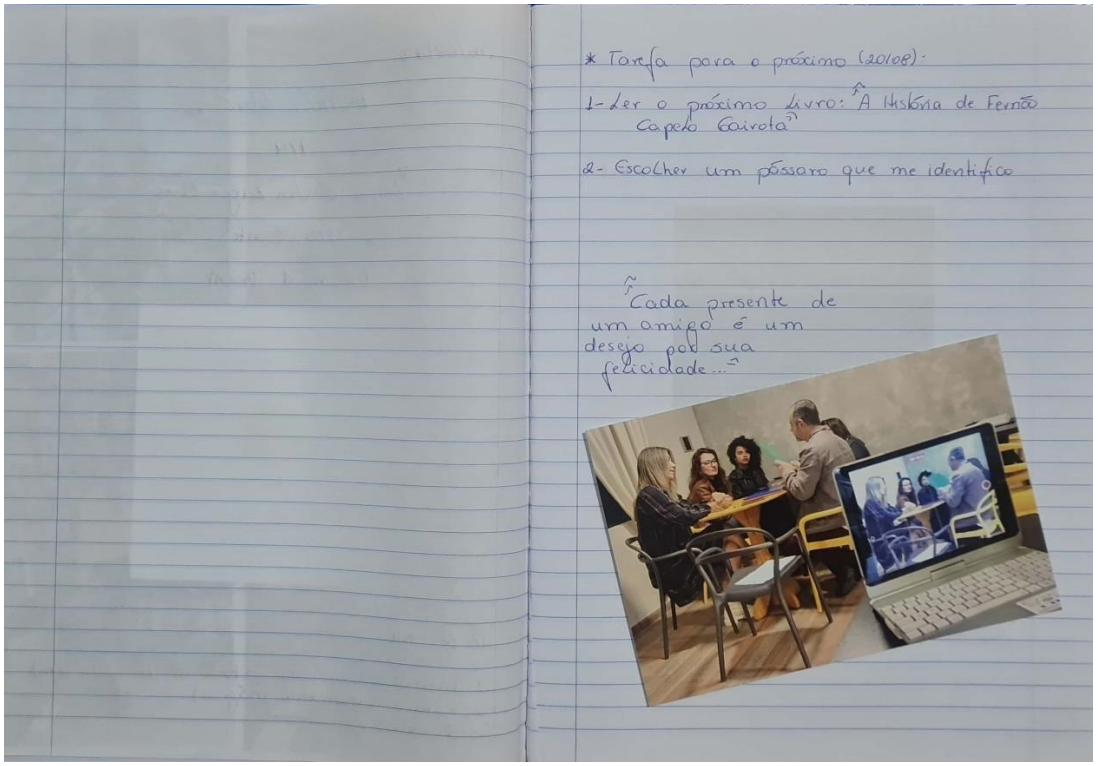
No interior do caderno, além de outras fotos relacionadas a suas leituras e ao Ateliê, escreveu no nome do livro lido, a data e descreveu alguns pontos relevantes que aconteceram, como: a interação (reconhecer a história de cada um, a leitura (momento mágico) e anotou a tarefa solicitada no primeiro Ateliê. Citou uma passagem do livro que dizia “cada presente de um amigo é um desejo por sua felicidade” e colou mais uma foto de todos, sentados, participando dos Ateliês.

Figura 6 – Contracapa e Primeira página do Caderno de Experiência da professora Selma



Fonte: primária (2022)

Figura 7 – Página do Caderno de Experiência da professora Selma escrita para o primeiro Ateliê Literário



Fonte: primária (2022)

A professora Tatiana não apresentou o caderno, informando que traria num outro momento, Professora Ana não compareceu ao Ateliê e a Professora Grace, por ter faltado no primeiro Ateliê, recebeu o caderno naquele momento.

O caderno de experiência da Professora Selma é revelador, demonstra uma sensibilidade consigo e com o outro, notadamente pelo seu gosto por leituras e pelos livros que aparecem na maioria das fotos e por seus apontamentos. O zelo e o capricho com o caderno de experiência apresentado pela professora Selma dialogam com Morin (2003, p. 48) quando o autor se refere aos livros como “experiências de verdade”, ao desvendar e configurar em nós mesmos uma verdade ignorada, escondida e profunda que trazemos dentro de nós. Morin (2003, p. 48) acrescenta que essas experiências de verdade “[...] nos proporciona o duplo encantamento da descoberta de nossa verdade na descoberta de uma verdade exterior a nós, que se acopla a nossa verdade, incorpora-se a ela e torna-se a nossa verdade”.

Noto que a prof.ª Selma (2022) deixou fluir o processo de produção recíproca no qual, segundo Delory Momberger (2012) consiste em perceber a relação singular que se mantém, pela atividade biográfica, experenciada no mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que se dá a essa experiência.

Para trabalharmos neste Ateliê as potencialidades e fragilidades em nossas práticas educativas solicitei às professoras/(inter)locutoras que refletissem sobre a leitura do livro: *A história de Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach (2006), apresentada previamente ao final do primeiro Ateliê. A professora Greice iniciou lendo a seguinte citação: “Você é especial, dotado e divino, muito acima dos outros pássaros” (Bach, 2006, p. 132), e disse que não se acha acima dos outros pássaros e que procura mostrar aos outros que eles também podem voar. E complementa:

> [...] *eu acho que em minha prática em sala de aula, às vezes eu sou chata, às vezes eu pego no pé, mas na minha concepção eu faço isso porque eu acho importante eles saberem, que eles são especiais para nós*” (Greice, 2022).

Importante destacar ainda, a seguinte fala:

> *Para alguém você é especial. Para alguém você é importante e necessário, você não pode simplesmente abandonar, porque a gente, onze anos de educação, várias e várias e várias e várias vezes, da vontade de abandonar tudo, eu saía chorando da escola jurando não botar mais o pé na escola, aí no dia seguinte eu ia pra escola* [...] *no momento que eu entrava na escola, ou eu ganhava um beijinho, ou eu ganhava uma florzinha ou eu ganhava, sabe, são coisas, esses*

> *pequenos gestos que te fazem forte, que te estimulam a lutar pelo que você realmente acredita* [...] (Greice, 2022)

A palavra ‘especial’, usada pela professora Greice (2022), ganhou novos contornos e significados para o contexto sala de aula. O estudante não é mais visto com um ser passivo cuja função é aprender o que o professor planejou para ensiná-lo. O estudante passa a ser um ser sensível, dotado de sentimentos, atitudes e valores que o torna especial, e, o professor, por outro lado, é compreendido como um ser repleto de valores, sem os quais, não o tornaria também especial e importante para os estudantes, pois de acordo com Duarte Jr. (2000, p. 169) “a nossa atuação cotidiana se dá com base nos saberes sensíveis de que dispomos, na maioria das vezes sem nos darmos conta de sua importância e utilidade”.

Essa narrativa da prof.ª Greice (2022) traz experiências marcantes em seu percurso biográfico. Os percalços da profissão não são suficientes para derruir a vontade de ser professora. Voltar a fatos acontecidos e relê-lo em outro momento de fala é, como ensina Delory-Momberger (2006), fazer a história de sua vida e reapropriar-se de sua história, pois a autora defende que os acontecimentos passados da vida fazem a história e dão acesso à realidade e à verdade sobre a experiência de vida que só retoma seu sentido por ocasião desta nova narrativa.

A fala da professora Greice abriu fendas para que as demais professoras/(inter)locutoras tecessem suas impressões sobre a leitura e as concepções sobre suas práticas educativas com os estudantes.

A Professora Selma disse que o livro *A história de Fernão Capelo Gaivota* (Bach, 2006) é um convite para a gente sair do chão, para que possamos ir além do que achamos ser capazes. *“Ele nos ensina voar mais alto e compreender que lá de cima conseguimos enxergar nossos alunos de outros ângulos e com isso melhorar nossas práticas educativas”* (Selma, 2022).

A professora Tatiana (2022) gostou muito, dizendo que o Livro traz uma lição de vida.

> *Às vezes achamos que nosso limite é a sala de aula, que não é possível ir mais longe por falta de recursos, apoio dos outros professores, ou simplesmente porque não acreditamos em nós mesmo, mas Fernão mostrou para nós que podemos sim, uma verdadeira lição de vida* (Tatiana, 2022).

As falas iniciais das professoras/(inter)locutoras convergem com as palavras de Delory Momberger (2012) ao dizer que a pesquisa narrativa (auto)biográfica tem

como finalidade “[...] explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (Delory Momberger, 2012, p. 524).

No segundo Ateliê Literário solicitei para meu amigo Jackson, me ajudar com os preparos, as fotos e as filmagens. Sugeri a Jackson para que colocasse dentro de alguns balões algumas citações que retirei do livro que havíamos lidos para esse Ateliê e os enchesse de ar. Procurei citações que remetessem as reflexões sobre como pensamos e como agimos com nossos estudantes e como nossas práticas educativas podem fazer diferença na vida deles.

Levei os balões até o segundo piso da escola e pedi às professoras/(inter)locutoras que ficassem no pátio e que cada uma pegasse dois dos balões que seriam lançados lá de cima.

Figura 8 – Balões com as citações dentro sendo lançadas do primeiro piso da escola

Fonte: primária (2022)

Figura 9 – Professores com os dois balões que haviam pegos

Fonte: primária (2022)

Ao serem lançados os balões, cada professora pegou dois deles, estouram e retiraram as citações que eu havia colocado dentro deles. A partir deste movimento retornamos à sala dos professores e continuamos as narrativas.

A Professora Tatiana foi a primeira a ler sua citação que dizia o seguinte:

> Porque apesar do seu passado solitário, Fernão Gaivota nascera para ser instrutor, e a sua maneira de demostrar o amor era demostrar um pouco da verdade que ele próprio descobrira a uma gaivota que apenas pedisse uma oportunidade para vislumbrar essa verdade (Bach, 2006, p. 99-100).

Ao terminar de ler a citação a professora Tatiana (2022) tece o seguinte comentário: *“Amar eles [estudantes] no dia a dia, é isso que é o amor, perceber no outro as limitações do outro, um não consegue ficar sentado, outro não consegue ficar quieto, mas no final das contas eles gostam da gente”.* Essa fala reverbera um contexto diferente de educação, um conceito diferente das práticas educativas. Duarte Jr. (2000) defende a educação do sensível e neste sentido preconiza que é preciso aproximar às coisas do mundo à dimensão sensível que é a base para nossas primeiras relações com os fatos da vida.

Corroborando com essa educação sensível a professora Selma (2022) acrescenta que

> *O que eu percebo do meu aluno, que esse amor, esse carinho, ao nos abraçar e nos beijar ou simplesmente ao falar que nos ama, me faz achar que na minha profissão o que mais me encanta é saber que de alguma forma eu estou contribuindo para vida deles, para o futuro.*

Meira e Pillotto (2022) argumentam que o ambiente escolar precisa ser realimentado constantemente por laços afetivos, na construção das relações de confiabilidade e colaboração, que formam a rede de sensibilidades, envolvendo os aspectos cognitivos e sensíveis.

Uma outra fala da professora Tatiana (2022) me chama atenção:

> *A gente fala muito de escola, fala muito de humanidades. Só que você tem que viver a humanidade primeiro e assim você promover experiências e fazer a coisa acontecer. Você tem que ser o que você é. Para você promover a humanidade, primeiro tem que ser humano. Então, antes de você fazer um trabalho bonito você tem que ter todo um cuidado com o outro. Assim a gente é meio bruto, gente, mas no dia a dia a gente tem o cuidado com nossos atos, as atitudes.*

Não seria nada sensível se eu deixasse passar essa fala sem trazer a ideia da Literatura como papel humanizador pois "[...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente" (Candido, 2011, p. 177). A Literatura é o que nos revela e deste modo sustenta que a poesia - parte da Literatura nos leva a dimensão poética da existência humana pela qual habitamos a terra não só prosaicamente, mas poeticamente cujo destino nos impulsiona para o deslumbramento, ao amor e ao êxtase (Morin, 2003).

Os efeitos da Literatura sobre nós geram uma educação sensível, como se pode observar nas falas das professoras/(inter)locutoras e assim podemos construir uma educação pelo afeto que de acordo com Meira e Pillotto (2022) se manifesta por vários aspectos, transitando dentro e fora do corpo sob de diversas maneiras, por meio do olhar, da escuta, do gesto, do tato, da linguagem, do movimento, interrogados pela intuição sob forma de avaliação sentimental.

Na continuidade das narrativas a professora Selma leu a seguinte citação: "Por que somos tão poucos aqui? [...] A única resposta que encontro Fernão é que

você é um daqueles pássaros que se encontram num milhão” (Bach, 2006, p. 74) e em seguida lançou seu comentário:

> *Quando você está num grupo de professores, qualquer grupo que você se encontre, você vai ter aqueles que vão lá fazer o básico e vai ter aqueles que querem fazer mais, que querem ir além. Sempre vai ter aqueles que são mais comprometidos, que querem fazer um trabalho com o aluno para que ele cresça, para que ele desenvolva suas habilidades e competências* (Selma, 2022).

Essa questão do comprometimento profissional é um ponto delicado, mas que tem muito a ver com o propósito dos Ateliês Literários, que é justamente potencializar as práticas educativas tendo a Literatura como mobilizadora. São muitos os fatores que fazem com que os professores se desencantem de sua profissão e isso consequentemente reflete em suas práticas educativas. Ao lado dos dissabores que desencantam a profissão, uma fala sensível afeta as professoras:

> *Eu estava triste, com a situação que aconteceu comigo no 2º ano 4, e o que me deixava mais triste era eu entrar na sala de aula, dar um bom dia e eles não responderem, eles continuavam conversando como se você não existisse. E isso dói, porque, gente, chega na sala animada, é a primeira aula do dia e tal, e você fala bom dia, né, e aí, cadê? Cadê? Onde tá, não tinha retorno* (Greice, 2022*).*

Era só um bom dia e nem isso os estudantes deram à professora Greice. O que aconteceu? Qual a razão da falta de empatia, de apreço e de educação? Meira e Pillotto (2022) apontam que existem muitos estudos que confirmam o quanto é difícil a retenção e o uso das emoções e da compreensão dos processos emocionais entre estudantes e professores/as. Está cada vez mais complexa a construção destes laços afetivos, por conta do individualismo e do isolamento social.

Vejo aqui a importância da Literatura na vida das pessoas. Segundo Candido (2011, p. 188) a Literatura é “[...] uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”.

Duarte Jr. (2001, p. 213) corrobora com essa ideia, no sentido de que: “a educação precisa ser suficientemente sensível para perceber os apelos que partem daqueles a ela submetidos, mais precisamente de seus corpos, com suas expressões de alegria e desejo, de dor e tristeza, de prazer e desconforto”. O autor afirma ainda que “’a educação’ é apenas uma abstração, um genérico quase fantasmagórico, o

produto total do exercício cotidiano de inúmeros educadores, estes sim, concretos e viventes” (Duarte Jr., 2011, p. 213).

Também como pesquisador e partícipe de minha pesquisa narrativa (auto)biográfica, li a citação que eu havia retirado do balão, e, assim dizia: “Mas eu não quero honras. Não me interessa ser chefe. Só quero partilhar o que descobri, mostrar a todos esses horizontes que estão à nossa frente” (Bach, 2006, p. 46-47). E aí prossegui em minha narrativa, dizendo:

> *As pessoas me criticam: - Nossa! Professor? E a advocacia? Eu digo, gente, eu estou feliz, porque assim, na advocacia, não que eu estivesse triste, mas faltava algo, a gente cria sensibilidade, mas a gente não a promove. E estar aqui era um sonho de tempo e eu estou feliz* (Paulo, 2022).

Nunca quis honrarias para aquilo que faço, mas procuro sempre fazer o melhor, pois é meu trabalho, minha imagem, meu conceito. Faço o que faço por amor e, portanto, não conseguiria entregar tão pouco. Neste sentido a professora Selma (2022) contribuiu dizendo que: *“eu me nego a ficar me remoendo naquilo que deu errado, desde que eu tenha a consciência de que eu fiz o meu melhor. É isso que eu procuro, sabe”?*

Depois destas narrativas, não esperamos nada mais do que acreditar na existência do amor. Talvez, de acordo com Meira e Pillotto (2022, p. 60), “o amor não exista daquele modo pleno, perfeito, idealizado, tal como tem sido celebrado, desejado, procurados por aqueles que amam”.

Então qual seria a forma do amor? Convém então trabalhar o conceito de amorosidade, que de acordo com Meira e Pillotto (2022, p. 60) é um potencial que transcende aos amantes, seus corpos e saberes. As autoras afirmam que abordar o tema amor depende de tocar no problema do corpo e suas razões trabalhando as emoções e os sentimentos. Acrescentam ainda que

> [...] envolve referir modos de incorporar, nutrir e aperfeiçoar afetos, o que suscita pensar a educação como formação de caráter, como ética, estética e política de intersubjetividade em sintonia com procedimentos objetivos (Meira; Pillotto, 2022, p. 61).

É isso que a educação nessa Dissertação a partir das narrativas das professoras/(inter)locutoras e minha também, dos autores e método escolhido e o território escolar sinalizam em pistas e efeitos.

As interpretações foram construídas a luz da análise compreensiva, cuja imaginação e rigor é a dupla fecunda para esse tipo de análise (Bertaux, 2010). O autor defende que imaginar é formar uma representação de relações e processos, primeiro mental e depois discursivo, que engendram os fenômenos a que aludem os narradores.

Chegamos ao fim do segundo Ateliê Literário, compreendendo mais nossas práticas educativas a partir da leitura/reflexiva de *A história de Fernão Capelo Gaivota* (Bach, 2006), que tocou profundamente muitos pontos sensíveis em nós professores/as. Para o próximo Ateliê solicitei as professora/(inter)locutoras fizessem a leitura do Livro *Eu gosto tanto de você*, de Leila Rentroia Iannone (1988). E que escrevessem no 'caderno de experiência' um fato marcante relacionado a uma situação de fragilidade e outro, destacando potencialidades, tanto dos estudantes quanto da professora nas práticas educativas.

4.3 Terceira Visita: Continua a viagem

Na lua, Pedrinho explica a São Jorge que a turminha do sítio iria continuar a viagem pelos domínios celestes e na cauda de um cometa visita o planeta Marte, Saturno, retorna a Lua, enfim passeia pela Via Láctea (Lobato, 2018). Nossa viagem também continua e cada parada visitamos territórios desconhecidos de nós mesmos. Nesta terceira visita pediremos pousada no território das sensibilidades por meio do terceiro Ateliê Literário chamado *Caminhos Sensíveis*, a fim de que pudéssemos trabalhar nossas potencialidades e fragilidades partindo da relação de afetividade com os estudantes imbricadas em nossas práticas educativas.

Enfim, quinze dias depois, pousamos no território das sensibilidades. Mais um dia para nossos Ateliês Literários*. "Quinze dias passam rápidos"* disse uma das professoras(inter)locutoras. *"Eu não via a hora para mais um ateliê"* disse outra. *"Enfim, esse dia chegou"*, disse eu para todas. Sábado, 03 de setembro de 2022, às 15:00 horas, nos reunimos na sala dos professores da *escola Senador Luiz Henrique da Silveira*. Neste dia, compareceram as professoras Ana, Selma e Tatiana.

Neste Ateliê tive ajuda de meu amigo Robson, que ficou responsável pelas fotos, filmagens e demais preparos para que o Ateliê transcorresse da melhor forma possível. Como de costume iniciei o Ateliê solicitando às professoras/(inter)locutoras que comentassem suas impressões sobre a leitura do livro *Eu gosto tanto de você*, da

escritora Leila Rentroia Iannone (1988). A conversa já iniciou com grande impacto com a fala da professora Ana (2022): *“o que faz um pai abandonar um filho?”* Sim, o tema do livro era o abandono de crianças, uma história na qual um padre decide passar a noite de Natal na Praça da Sé em São Paulo, com as crianças de rua.

A professora Ana (2022), não consegue esconder a emoção, pedindo passagem para mais um comentário.

> *A gente não vê isso, e, o que torna o aluno do jeito que ele é, a gente não sabe. E tem professor que olha aquele aluno assim e pensa, ‘ah, é só um marginal, ele é só um traficante, vendedor de droga, tem só que reprovar’, mas, o que ele sabe sobre a história desse aluno?*(Ana, 2022).

Morin (2003) responde bem ao questionamento acima ao dizer que nós não podemos compreender o estudante reduzindo-o a uma parcela mínima de si mesmo, nem muito menos a parcela ruim do seu passado, acrescenta que “[...] na vida comum apressamo-nos em qualificar de criminoso aquele que cometeu um crime, reduzindo todos os outros aspectos de sua vida e de sua pessoa a esse único traço [...]” (Morin, 2003, p. 50).

O livro *Eu gosto tanto de você* de Leila Rentroia Iannone (1988) provocou inquietações, abriu caminhos para a sensibilidade e consequentemente apreço ao outro, o que no dia a dia de nossas jornadas de trabalho, muitas vezes deixamos escondidos, quiçá, às vezes acessamos esses comportamentos. Morin (2003, p. 50-51) contribui sobre essa questão ao dizer que “[...] enquanto, na vida quotidiana, somos quase indiferentes às misérias físicas e morais, sentimos a comiseração, a piedade e a bondade, ao ler um romance ou ver um filme”.

A leitura prévia do livro sugerido proporcionou essa reflexão. “Enfim, podemos aprender as maiores lições da vida: a compaixão pelo sofrimento de todos os humilhados e a verdadeira compreensão” (Morin, 2003, p. 51). Deste modo, de acordo com o autor, a Literatura deveria convergir para tornar-se escolas da compreensão.

Por assim dizer, convém ressaltar que na análise compreensiva de Bertaux (2010) o pesquisador, por meio de sua imaginação sociológica, faz uso de seus recursos interpretativos e ativa sua cognição que se encontra no interior de seu horizonte. E continuando, a Prof.ª Ana (2022) conclui sua fala sem a qual não posso deixar de transcrever:

> *Esse livro mexeu muito comigo, muito mesmo, porque esse padre olhava, e a gente tem que ter noção de onde a gente está se metendo, de onde a gente está cutucando, né, mas também saber o porquê. Eu não sei o que outros alunos passaram para estar nesse meio. A gente tem que saber o que e olhar além do que* [...].

Esse momento de fala realmente fez abrir os ‘caminhos sensíveis’. Foram profundas reflexões que tocaram o coração de todos os participantes do Ateliê e a fala da Prof.ª Ana (2022) conseguiu traduzir a fala das demais professoras. Deste modo, compreendemos que de fato, a Literatura faz parte da cultura que desperta em nós sentimentos, desejos, criação, força e atitudes. Uma cultura segundo Morin (2003, p. 78) “[...] que estabelece o diálogo entre cultura das humanidades e cultura científica – , não apenas levando a uma reflexão sobre as conquistas e o futuro das ciências, mas também considerando a Literatura como escola e experiência de vida”. Deste modo, compreendo que a Literatura influencia muito nossa forma de pensar e de agir, nos impulsiona tirando-nos da zona de conforto em busca de um reconforto.

Ressalto o poder formador da Literatura, defendido por Almeida (2011, p. 127) ao afirmar que “[...] a literatura propicia, dessa forma, mais que uma experiência acabada no contato com uma obra também acabada, já que está permanentemente aberta a um processo de (re)criação constante, sempre que alguém se põem a ler”.

Após essas reflexões perguntei as professoras/(inter)locutoras qual foi o fato mais feliz ocorrido no decorrer de sua vida profissional docente, para que pudéssemos adentrar o campo das potencialidades partindo de nossas experiências como professores/as em sala de aula.

A professora Selma (2022) narrou o fato de ter recebido várias mensagens de estudantes depois de formados, que se tornaram professores de Educação Física pelo exemplo de professora que ela foi, pois eles desejavam ser para os estudantes o que ela foi para eles. Na sua narrativa declara que

> [...] *e isso é uma coisa que me deixa feliz demais, porque se eles optaram por isso e por ser para os alunos deles o que eu fui pra eles, quer dizer que para eles eu fui muito importante e isso é uma gratificação que não tem preço* (Selma, 2022).

A narrativa da prof.ª Selma coaduna com as palavras de Celorio (2019) ao dizer que na relação entre professor e estudante, o que fica para sempre é o que cada um é e não o que cada um sabe. Por sua vez, Delory-Momberger (2006, p. 364) explica que “[...] toda atividade humana, desde a mais rotineira até a mais excepcional, implica

um horizonte de possibilidade, um espaço diante dela mesma que a conduz à existência e que lhe confere sua finalidade e sua justificação".

Por sua vez, prof.ª Ana (2022) narrou várias passagens felizes neste pouco tempo que atua na educação. Dentre eles narrou sobre os momentos felizes com os colegas de trabalho, nos almoços e cafés, a felicidade de participar da formatura dos estudantes, dos momentos em que fica introspectiva na sala dos professores, observando, contemplando e admirando a fala dos colegas e aprendendo com eles. Para além desses momentos, destaco a seguinte fala:

> *Posso dizer que uma das memórias felizes que tenho foi de quando fui em um passeio com meus alunos do segundo ano (que dou aula desde o primeiro) e eles conseguiram responder as perguntas e, também relacionar o conteúdo visto em sala com o apresentado no museu. Esse dia me encheu de orgulho. Fico muito feliz quando ganho presentes inusitados como flores de papel, flores arrancadas de jardins, desenhos e abraços repentinos, me sinto amada e respeitada* (Ana, 2022).

Em seu momento de fala, a prof.ª Ana (2022) agradece a todos os colegas de profissão pela amizade, por cada almoço, cada café, pelas risadas e desabafos, inclusive aos colegas de trabalho que insistem em fazer intrigas, pois ela entende que esses professores nos fazem brilhar ainda mais e é através da raiva, inveja e maldade deles que transparece nossa verdade, ternura e resiliência. Na sequência de sua fala, olhou bem nos meus olhos e disse *"Obrigada, Paulo. Obrigada por me proporcionar essa reflexão e essa oportunidade de agradecer"* (Ana, 2022).

A professora Ana (2022) apresenta uma fala sensível, mostrando toda sua potencialidade, ainda que diante de seres desalmados. Ser desalmado, nas palavras de Celorio (2019, p. 279) "é ser indiferente ao outro, como se outro não existisse; [...] os relacionamentos afetivos destrutivos e de pouca ou quase nenhuma amorosidade". Contrário disso, a prof.ª Ana encontra força e faz o que Celorio (2019, p. 281) chama de revoluções "almadas", ao perceber que os Ateliês Literários também retomam a poética e o valor dos saberes reflexivos, como defende o autor.

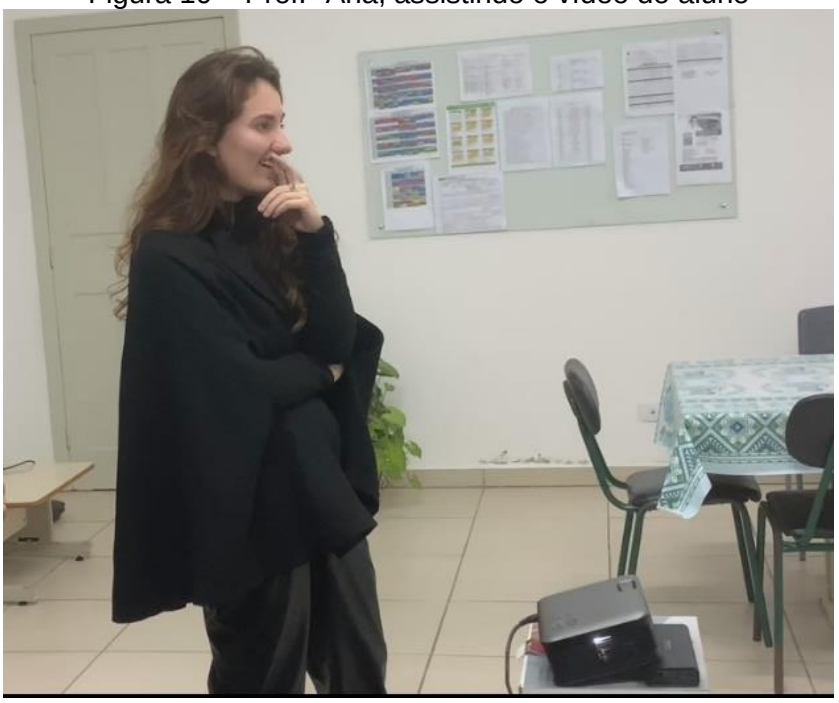
As narrativas das professoras/(inter)locutoras e a emoção com que todas narraram na trajetória da profissão, me permite perceber que eu não estava diante de professoras funcionárias, ou professoras especialistas, mas professoras que têm uma tarefa de saúde pública, uma missão, a missão de mediar e provocar sentidos (Morin, 2003). Essa missão exige muito mais que competência e técnica, exige amor.

> Exige algo que não é mencionado em nenhum manual, mas que Platão já havia acusado como condição indispensável a todo ensino: o *eros,* que é, a um só tempo, desejo, prazer e amor; desejo e prazer de transmitir, amor pelo conhecimento e amor pelos alunos (Morin, 2003, p. 101).

Antes de ouvirmos as narrativas sobre a segunda pergunta que havia deixado como desafio, no segundo Ateliê, anunciei às professoras/(inter)locutoras que eu tinha um presente para elas. Pedi a todas que ficassem de pé e numa mesinha coloquei uma caixa de sapatos revestida de papel *krafit* e no seu interior um *tablet*. Chamei uma a uma as professoras para ver o presente que estava na caixa.

A primeira a abrir o presente foi a Professora Ana. Pedi para que ela colocasse o fone de ouvido e abrisse a caixa. A professora ao abrir encontrou o *tablet*, deu um *play* no vídeo que estava no aparelho pronto para ser iniciado. Na medida que a Professora Ana assistia seus olhos enchiam-se de lágrimas, enquanto as demais professoras entreolhavam-se curiosas para saber que presente misterioso era aquele que fazia Ana chorar. No vídeo havia o depoimento de João Vinícius (2022), um dos seus estudantes, no qual dentre tantos elogios usou algumas expressões como *"você é a melhor professora", "você é simplesmente maravilhosa", "você foi um anjo", "você é maravilhosa explicando", "você é perfeita" e encerrou o depoimento dizendo "Professora, eu gosto tanto de você"*.

Figura 10 – Prof.ª Ana, assistindo o vídeo do aluno



Fonte: primária (2022)

Figura 11 – Vídeo do aluno João Vinícius

Fonte: primária (2022)

Essas palavras, proferidas pelo estudante da Professora Ana, nos faz compreender o pensamento de Celorio (2019, p, 272) ao esclarecer que

> [...] o conteúdo ensinado pode ajudar a formar um bom profissional, mas o bom professor, que reúne em si o ser e a ação de fazer, leva ao seu corpo discente a paixão pelo saber, ou seja, toca na alma das pessoas que estão ali para serem formadas.

Não foi diferente com a Professora Selma que emocionada colocou seus fones de ouvido. Abriu a caixa, encontrou o *tablet* já preparado com o vídeo e deu *play*. Era um misto de sorrisos e lágrimas ao ouvir Niãh (2022), seu estudante, agradecendo e exaltando suas qualidades como professora *"obrigado por ser essa professora tão especial para a gente que dá conselhos maravilhosos e fala o quanto a gente progrediu neste trimestre e por nos ajudar a ver que podemos ser uma turma melhor e unida" e encerrou a fala também dizendo "Eu gosto tanto de você"* (Niãh, 2022).

Figura 12 – Prof.ª Selma assistindo o vídeo do aluno

Fonte: primária (2022)

Figura 13 – Vídeo do aluno Niãh

Fonte: primária (2022)

O professor usa de sensibilidade para promover mais do que uma formação cognitiva, mas com o que cada estudante é ou pode tornar-se. Essa postura, segundo Celorio (2019, p. 272)

> [...] promove a liberdade de pensar outras práticas pedagógicas, e outros viveres escolares, em que os alunos e alunas também são

> motivados a pensar na importância de fazer algo que atenda ao temperamento e ao jeito de ser de cada um deles.

Na sequência a professora Tatiana aproximou-se da mesa e, também abriu sua caixa. Apertou o *play* no vídeo e não conteve a emoção. Seu estudante Christian (2022) dizia na gravação que

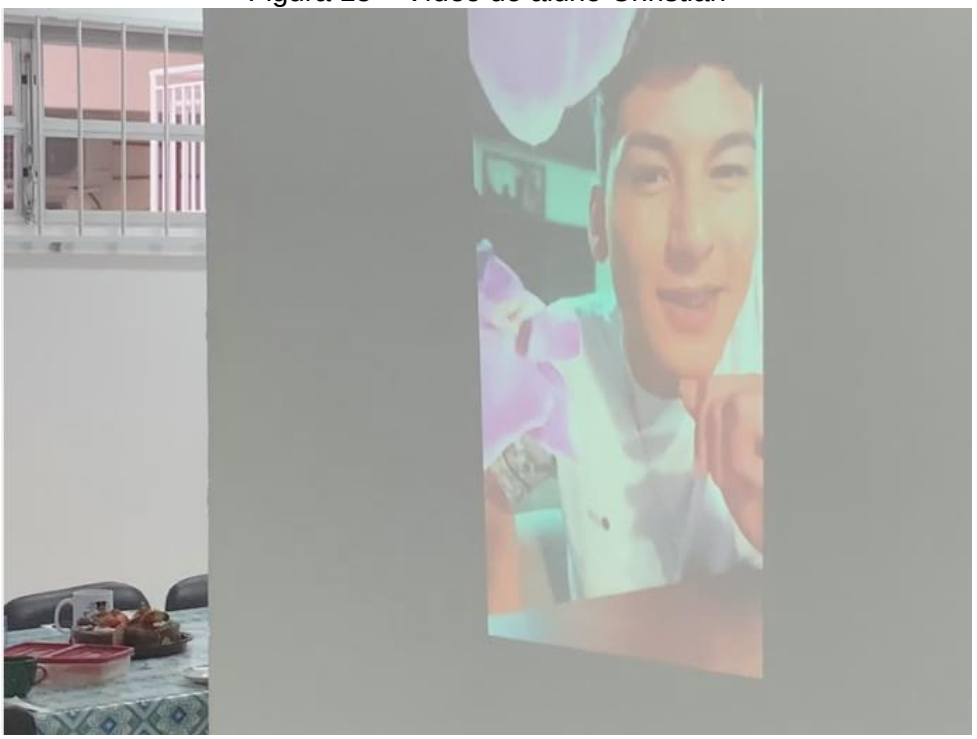
> *Eu gostaria de te agradecer pela profissional que é, pelos ensinamentos que nos proporciona no dia a dia e, também por ser uma pessoa dedicada e esforçada", "gostaria que se sentisse por todos nós abraçada, pois gostamos muito de você e temos um carinho incondicional, apesar de alguns não demostrarem, mas sentem"* (Christian, 2022).

Christian (2022) finalizou sua fala com a frase "*eu gosto tanto de você*".

Figura 14 – Prof.ª Tatiana assistindo o vídeo do aluno

Fonte: primária (2022)

Figura 15 – Vídeo do aluno Christian



Fonte: primária (2022)

Celorio (2019, p, 271) defende que “cada professor e professora deve criar sua didática e percorrer em si mesmo os meandros do próprio pensamento, para que saiba sob quais bases está sustentada sua arte de ensinar”. Os estudantes que caminham conosco precisam de exemplos vivos, por isso, o que somos para eles é mais importante do que o que sabemos, de modo que o conhecimento se torna mais vivo para o estudante, cujo objetivo é melhorar sua condição o mundo e “[...] elevar o mundo a uma condição melhor” (Celorio, 2019, p. 271).

Os vídeos dos estudantes enfatizaram o quanto gostam e admiram suas professoras. Na verdade, consigo identificar o amor na fala de cada um deles. Para Morin (2003, p. 102) “[...] é isso que, antes de tudo mais, pode despertar o desejo, o prazer e o amor no aluno e no estudante. Onde não há amor, só há problemas de carreira e de dinheiro para o professor; e de tédio, para os alunos”.

Para complementar a relação de afetividade entre professores e estudantes Celorio (2019, p. 280) corrobora no sentido de que “[...] o professor e o aluno são pessoas, com uma história e uma biografia que dão sentido e tom à vida deles”.

Os vídeos com as mensagens dos estudantes desestabilizam o comportamento socioemocional das professoras/(inter)locutoras cujas reações são as mais genuínas e ressignificantes. Essa parte da Dissertação me permite entender as palavras de

Delory-Mombeger (2006) que as narrativas de vida são como balanço prospectivo que reconhece no passado orientações para o futuro.

Nossas práticas educativas vão além dos aspectos conteudistas a que temos que submeter nossos estudantes. Neste sentido, adentramos o campo das sensibilidades, conhecendo um pouco mais da história de nossos estudantes, para que possamos repensar nossas práticas educativas e preparar uma aula mais humanizada e voltada a realidade de nossos estudantes, seguindo o que nos ensina Strapazzon (2023, p. 292) ao afirmar que

> [...] ao preparamos nossas aulas temos a possibilidade de moldá-las de acordo com nossos valores e repertório cultural de nossas crianças. Tal ideia se concretiza num aspecto de trazer significado para si e para aqueles que compartilham da educação.

O presente depois de aberto deixou as professoras muito felizes, mas apesar desta felicidade e identificada algumas potencialidades em decorrência de fatos felizes, chegou o momento de falarmos sobre a segunda pergunta: qual foi o fato mais triste ocorrido no decorrer de sua vida profissional docente? Com essa pergunta adentro ao campo das fragilidades docentes.

Para a Professora Selma (2022) o fato que a deixou mais triste, com certeza foi a morte de dois estudantes. Uma delas tinha uma doença na qual o médico havia dado 15 anos de vida para ela. Essa estudante veio a falecer aos 18 anos de idade. Narrou também a história de outro estudante que estava estudando em seu quarto e sua mãe lhe perguntou se ele queria um lanchinho, já que estava tanto tempo no quarto estudando, quando a mãe retornou com o lanche encontrou o menino sem vida, uma morte por mal súbito que abalou a família e toda a escola.

Dentre tantos outros motivos que fragilizam o professor, lidar com a perda é um dos motivos que mais abala a Professora Selma. Em sua narrativa sobre a morte destes dois estudantes a professora se mostrou impotente e nunca preparada para enfrentar essa situação (Selma, 2022). Meira e Pillotto (2022, p. 126) sustentam que “[...] não fomos educados para o exercício saudável e amoroso da dor e do prazer. Fomos ameaçados, enganados, despreparados por noções equivocadas e máscaras sedutoras ou apavorantes acerca deles”.

A Professora Ana (2022) narrou um fato ocorrido na sala de aula, onde alguns estudantes reclamaram da merenda ao perguntarem por que eles teriam que comer arroz e feijão as três e meia da tarde. A professora sentiu uma enorme tristeza ao ter

que explicar que alguns estudantes têm seu almoço só na escola, e só vão comer as três e meia da tarde. De acordo com Meira e Pillotto (2022, p. 50) “[...] nada na vida é regulado só por nossos desejos e sentimentos, mas por nossa preocupação, por nosso cuidado ou descuido pelos sentimentos e desejos dos outros”.

Por sua vez, a Professora Tatiana (2022) sentiu-se muito triste pelo fato de ter sido perseguida pela supervisão de uma escola em que trabalhou, pois segundo ela, a supervisora queria dar a vaga para outra professora e não havia outro jeito se não a desqualificar em seu serviço, desanimando-a para o trabalho. Muitas vezes nos deparamos com esse fato vivido pela Professora Tatiana, e não importa o que somos para essas pessoas; a docência é resumida em conteúdos e didáticas a serem aprendidas e o/a professor/a se torna um ser controlável sob vigilância inserida de formações extenuantes, não levando em consideração a capacidade criativa do/a professor/a (Celorio, 2019).

Esse momento do Ateliê foi o mais tenso, pois mexeu com as fragilidades e, mexer com pontos fracos é sempre mais difícil e doloroso, mas que de fato marcaram experiências de vida. Na análise compreensiva, Bertaux (2010) ratifica que um dos desafios centrais desta análise é identificar nas palavras do narrador aquelas que remetem ao mecanismo social que de fato marcou a experiência de vida.

As narrativas que sucederam, nas quais as professoras/(inter)locutoras puderam contar e ao mesmo tempo exprimir suas potencialidades e fragilidades instigam verdadeiras hipóteses delas próprias, como bem afirma Delory-Momberger (2006) ao defender que o sujeito é a hipótese de si mesmo construída por meio das infinitas possibilidades que irá constituir seu horizonte aceitável ou suficientemente bom.

Terminada essas narrativas sensíveis finalizamos mais um Ateliê Literário e como de costume deixei mais duas atividades para o próximo Ateliê. Solicitei que trouxessem o caderno de experiências para o último Ateliê Literário e que reservassem quatro novas páginas do caderno de experiências para escreverem nelas o nome dos livros lidos, uma citação e uma imagem que correspondesse às leituras ou/e aos Ateliês Literários. Por fim, solicitei que fizessem a leitura prévia do livro *Com a ponta dos dedos e os olhos do coração*, da escritora Leila Rentroia Ianonne (2019).

4.4 Quarta Visita: Viagem à Terra

Estamos chegando ao finalzinho de nossa viagem e regressando ao ambiente escolar nutridos pela experiência estética na qual a Literatura, sempre presente, dá vazão as narrativas de nossas professoras ‘estrelas’ fazendo repensar em nossas práticas educativas. Assim como “a riqueza dos textos de Monteiro Lobato deve-se, em boa parte, à prática de incluir experiências pessoais na narrativa” (Lobato, 2018, p. 229), nossas visitas por territórios desconhecidos também proporcionaram experiências reais que nos fizeram pensar como docentes e refletir sobre nossa concepção de prática educativa e sensibilidades.

Pousamos novamente na Terra para ficarmos mais próximos de nossa ‘casa’ e pisarmos com mais firmeza e segurança nesse território que chamamos de ‘escola’, onde a maior parte de nosso tempo nos dedicamos a nossos estudantes tendo como elo nossas práticas educativas. Depois de tantas visitas, resta-nos agora finalizar nas sensibilidades, cujo caminho são as fragilidades e potencialidades dos estudantes descobertos por meio das narrativas das professoras/(inter)locutoras que contam de que forma suas práticas educativas os afetam.

É sábado, 17 de setembro de 2022, data programada para o último Ateliê Literário, chamado de *Espaços Abertos*. Neste dia, com a ajuda de meus amigos Gabriel e Jackson preparamos a área da piscina de minha residência para receber as (inter)locutoras/professoras para finalizarmos nossas narrativas nesta Dissertação.

O livro escolhido para permear nossas experiências foi *Com as pontas dos dedos e os olhos do coração*, da escritora Leila Rentroia Ianonne (2019), cuja leitura foi solicitada previamente. Este livro permitiu que continuássemos a abordar o tema sensibilidades, pois Ianonne (2019) aborda o cotidiano escolar de Fernando, uma criança que sofre *bullying* pelos colegas e consegue superar as dificuldades por meio de experiências sensíveis com sua avó.

Neste Ateliê compareceu somente a prof.ª Selma, cuja narrativa formada naquela tarde contribuiu significativamente para o fechamento do último Ateliê Literário. Neste Ateliê continuamos a falar sobre sensibilidades, no entanto, nosso olhar foi para o estudante para que pudéssemos refletir a respeito de suas fragilidades e potencialidades para que pudéssemos nos questionar em prol de nossas práticas educativas. Dentre esses questionamentos sugeri que refletíssemos sobre a direção de nosso olhar quando estamos falando com os estudantes, sobre nossa capacidade

de enxergar com o coração aqueles estudantes que em meio a tantos se destacam ou se fecham em si mesmos, sobre nossas estratégias para descobrir as fragilidades e potencialidades de nossos estudantes e o que significa para nós perceber com as pontas dos dedos e os olhos do coração.

Estas questões não foram prontamente respondidas, mas ficaram inquietando nossa cabeça durante a tarde toda enquanto desenvolvíamos as atividades do Ateliê. Nem todas as perguntas precisam ser respondidas, de acordo com Bertaux (2010, p. 111) “[...] se fosse necessário saber tudo para formular boas perguntas e para compreender o que significam suas respostas, a questão da pesquisa já estaria esclarecida”.

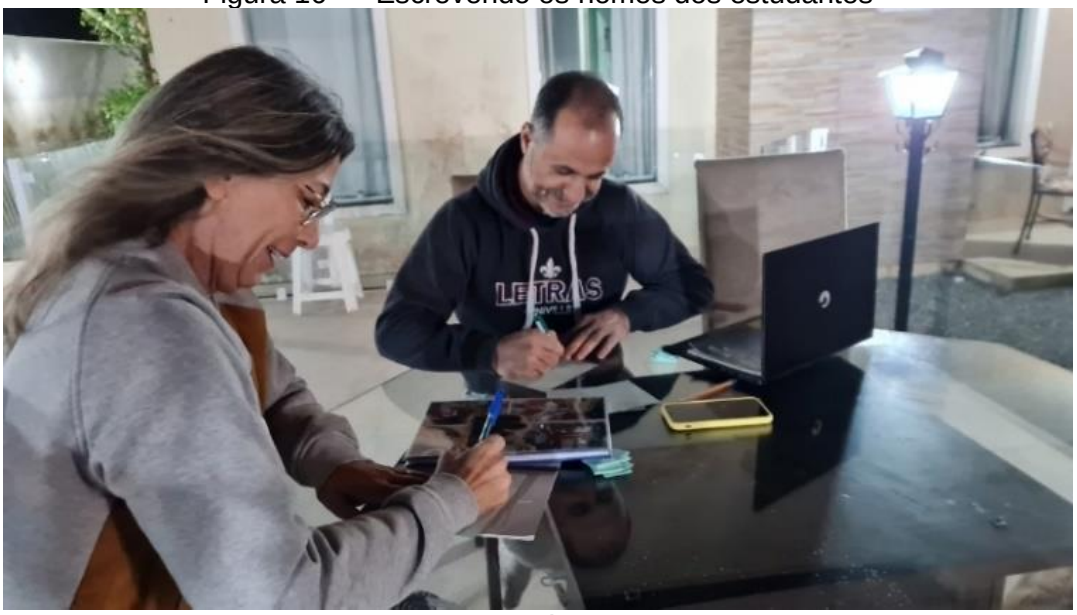
Por conseguinte, pedi à professora Selma que falasse um pouquinho sobre a leitura do livro *Com a ponta dos dedos e os olhos do coração* (Iannoni, 2019)e ressalto sua narrativa quando ela diz que *“Eu conquistei uma aluna para minha aula que achava que não gostava e depois viu que amava só porque eu fui sensível com ela, eu olhei com os olhos do coração”* (Selma, 2022).

A professora Selma (2022) narrou que havia uma estudante que não gostava de fazer educação física porque as professoras exigiam que ela prendesse o cabelo, no entanto, a professora Selma, sensível ao fato de que algumas delas têm desconforto em usar o cabelo preso por causa da orelha ‘em abano’ não exigia que elas praticassem as atividades físicas com o cabelo preso, mas que era o mais adequado e seguro. A professora Selma tomou conhecimento que essa mesma estudante algum tempo antes, havia ido para o hospital porque os pais descobriram que ela colava a orelha com *superbonder* e a orelha estava apodrecendo.

Não é sobre ensinar o que está nos manuais de boas práticas, mas sobre sentir a necessidade do outro diante de barreiras que afetam o aprender. Meira e Pillotto (2022, p. 59) sustentam que “o sensível, as percepções e os afetos se autoproduzem num campo de ação mais vasto do que o da nossa compreensão, seja ela corpórea ou mental”, e é neste sentido que nossas práticas educativas fazem a diferença na vida de cada estudante.

Após ouvir os comentários da Professora Selma (2022) iniciei nossa dinâmica para trabalharmos as potencialidades e fragilidades dos estudantes. Num pedacinho de folha colorida eu e a professora Selma escrevemos nomes de estudantes que nos sensibilizaram de alguma forma.

Figura 16 – Escrevendo os nomes dos estudantes



Fonte: primária (2022)

Após escrito esses nomes colocamos em frasquinhos coloridos e transparentes e atiramos dentro da piscina. Pegamos um puçá preparado de um porta lápis de papelão e haste de bambu e começamos a retirá-los, um a um de dentro da piscina. Na medida que íamos retirando colocávamos na mesa para serem abertos. Foram doze frascos, mas somente dois foram abertos para iniciarmos as narrativas.

Figura 17 – Colocando os papéis nos frascos coloridos

Fonte: primária (2022)

Figura 18 – Frascos coloridos e puçás

Fonte: primária (2022)

Figura 19 – Retirando os frascos da piscina

Fonte: primária (2022)

A Professora Selma foi a primeira a abrir um dos frascos e retirou o papel que estava dentro. Era o nome de um de seus estudantes, de modo que, iniciou sua narrativa com os olhos do coração sobre a fragilidade deste estudante. Narrou a história de Lucas, um estudante da educação especial, que fazia bem a Educação Física, até que um dia numa das atividades com bola, em que o jogador é eliminado ao ser atingido por ela, esse estudante já no começo da partida foi eliminado e saiu se xingando. No outro dia escreveu uma cartinha para a professora pedindo desculpas por sua atitude e prometendo que não iria mais acontecer, pois ela era uma ótima professora e que não merecia assistir tal cena. *"Essa cartinha mexeu com meu coração, pois eu jamais esperava que um aluno altista fosse escrevê-la pedindo desculpas"*, disse a professora Selma (2022).

Ao analisar as palavras da Professora Selma percebe-se uma mudança no seu estado psíquico, o que para Bertaux (2010, p. 112) é perfeitamente compreensível, pois "a cada momento do percurso da vida corresponde certo estado físico ou psíquico do sujeito, de sua 'personalidade', mas também de suas forças vitais'.

Por outro lado, Duarte Jr. (2000) trilha o caminho de uma educação pelo sensível no sentido de que devemos perceber os apelos dos que a ela se submetem, principalmente de seus corpos com suas expressões de alegria, desejo, dor, tristeza, prazer e desconforto. Deste modo, adepto a esse discurso acredito que o ensino e a aprendizagem ultrapassam o limite entre o ensinar e aprender, transpassando o sentir e o viver em direção ao desconhecido, que só práticas educativas sensíveis são capazes de proporcionar.

O segundo frasco foi aberto por mim que também retirei o papel com o nome de um estudante, por coincidência meu estudante. A história dele representa a história de muitos outros que se escondem por detrás de seus comportamentos em sala de aula. Era um estudante que não se interessava pelas atividades propostas, não escrevia no caderno, não participava, faltava muito e algum tempo depois juntou-se com outros estudantes e passou a perturbar as aulas. Vendo aquele menino se comportar daquele jeito me perguntava qual era o seu problema, mas para saber o seu problema era preciso conhecer a sua história.

Foi então que me aproximei um pouco mais do menino e sem ser invasivo fui descobrindo que se tratava de um adolescente de 13 anos de idade, cuja mãe era prostituta e permitia que ele fosse abusado por seus parceiros. Por conta disso o

menino foi retirado da companhia da mãe e levado para um abrigo. Essa história me fez enxergar com os olhos do coração aquele menino, não como um moleque causador de problemas, mas como um adolescente carente de amor.

Quando Celorio (2019, p. 271) se questiona “se a condição de aprendizagem de determinado conteúdo não estaria relacionada ao modo como o professor é e ao modo como ele age em sala de aula, na relação com os seus alunos”, consigo perceber que o problema não está no outro, mas em nossas atitudes para com o outro. Esse exemplo se aplica a qualquer outro tipo de dificuldade que enfrentamos com os estudantes, cada um tem uma história e age de acordo com a experiência que vivencia no seu ambiente familiar e social, e, se considerarmos a sala de aula um ambiente transformador, de acordo com Celorio (2019), enxergaremos nestes estudantes, não uma extensão da nossa vida, mas uma outra vida capaz de aprender com as próprias experiências.

Morin (2003) defende que

> [...] enfrentar a dificuldade da compreensão humana exigiria o recurso, não a ensinamentos separados, mas a uma pedagogia conjunta que agrupasse filósofo, psicólogo, sociólogo, historiador, escritor, que seria conjugada a uma iniciação à lucidez (Morin, 2003, p. 51).

Desta forma acredito que a Literatura contribui muito para que nossas práticas educativas se tornem mais do que construção de conhecimento teórico e prático, mas conhecimento sensível capaz de acolher os estudantes, entender suas histórias de vida e saber o que fazer com ela para que o aprendizado aconteça.

Tão importante é a Literatura que Morin (2003) afirma, ao falar sobre a diferença de missão entre a Literatura e a ciência, que a missão da Literatura assume a revelação da complexidade humana escondidas debaixo das aparências de simplicidade, na qual revela que os indivíduos são sujeitos de desejos, paixões, sonhos, delírios que estão envolvidos em relacionamentos de amor, de rivalidade, de ódio fazendo parte de seu meio social ou profissional.

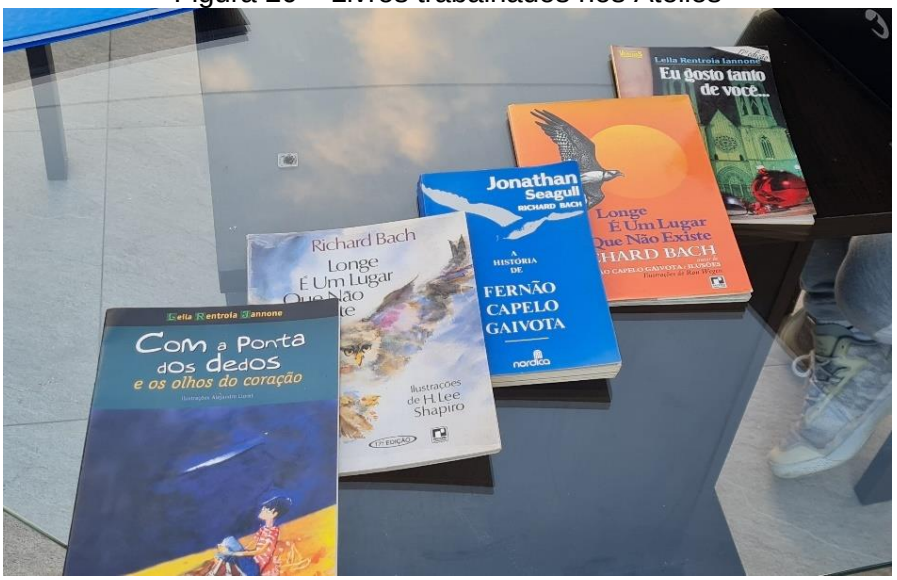
No outro papelzinho retirado do frasco, a professora Selma conta a história do estudante Vinicius do primeiro ano do Ensino Médio. Diz a Professora Selma (2022) “*é evidente que esse menino nunca fez Educação Física, talvez por conta dos óculos fundo de garrafa*”. Narra a professora que Vinicius tinha 15 anos e com uma péssima coordenação motora, mesmo assim sempre participava das atividades físicas. A bola vinha de um lado e ele corria para o outro na tentativa de acertar uma manchete. A

Professora Selma (2022) sempre dizia: *“é errando que uma hora vai acertar”*. Foram várias aulas e várias tentativas, levando várias ‘boladas’, até que um dia o menino conseguiu acertar a bola e jogá-la para o outro lado da rede. Quando o estudante acertou a manchete a professora Selma (2022) disse que saiu correndo na quadra gritando *“yes, yes, eu não disse que é errando que uma hora a gente acerta”*. Essa experiência foi para a professora Selma um exemplo de potencialidade que existe dentro de cada estudante e que às vezes só não se concretiza por falta de estímulos do próprio professor.

É preciso um olhar sensível capaz de enxergar essas potencialidades escondidas querendo ser descobertas. Kohan (2015) já dizia que o segredo de ser um bom mestre é olhar com os olhos bem abertos nossos estudantes, acolhendo seus olhares, atendendo-os, cuidando-os, nutrindo-os, apreciando-os, pois ensinar é uma questão de atenção e sensibilidade. Em resumo o que Kohan (2015) nos diz é que devemos olhar com os olhos do coração.

Por fim, solicitei a Professora Selma que fechasse os olhos e relembrasse a viagem ao aniversário de Ray, lido no livro *Longe é um lugar que não existe* (Bach, 1979), no 1º Ateliê Literário, que repensassem nas descobertas da Gaivota Fernão, lida no Livro *A história de Fernão Capelo Gaivota* (Bach, 2006), no 2º Ateliê Literário, que refletisse sobre o amor de Madá, lido no livro *Eu gosto tanto de você* (Iannoni, 1988), no 3º Ateliê Literário e sobre a sensibilidade de Fernando lido no livro *Com a ponta dos dedos e os olhos do coração* (Iannoni, 2019), neste 4º Ateliê Literário.

Figura 20 – Livros trabalhados nos Ateliês



Fonte: primária (2022)

De acordo com a Professora Selma cada livro foi um ato de amor, uma provocação em nós mesmos, que nos faz refletir o cotidiano escolar e nossas práticas educativas, sobretudo nossas relações com os estudantes, pois *"o aluno precisa se sentir amado e seguro, pois isso é fundamental para ele desenvolver suas potencialidades e ao mesmo tempo vencer suas fragilidades e suas inseguranças, e ele só vai se sentir seguro se o professor for sensível olhando com os olhos do coração"*, finalizou a prof.ª Selma (2022).

Morin (2003, p. 48) defende que "Literatura, poesia e cinema devem ser considerados não apenas, nem principalmente, objetos de análises gramaticais, sintáticas ou semióticas, mas também escolas de vida, em seus múltiplos sentidos", o que muito corrobora nesta Dissertação na qual por meio da Literatura mobilizamos nossas práticas educativas e sensibilidades. Embarco na teoria de Kohan (2015, p. 80) quando preconiza que "[...] a escola está associada à vida, e a vida à escola. [...] viver é aprender a viver, ir aprendendo, pela vida, a própria vida".

Para melhor compreender o processo de produção e análise de dados se fez necessário compreender três pontos, ou seja, três ordens, segundo Bertaux (2010). A primeira ordem trata-se da realidade histórica-empírica da história vivida pelos (inter)locutores da pesquisa, o qual é chamado de percurso biográfico. A segunda ordem é a realidade psíquica e semântica pela qual os (inter)locutores sabem e pensam sobre seus percursos. E a terceira ordem diz respeito a realidade discursiva da própria narrativa, neste momento o (inter)locutor dialoga com o pesquisador para dizer o que sabe e pensa sobre seu percurso, naquele momento para aquele pesquisador.

Levando em consideração essas ponderações, acredito que não é tão simples trazer para dentro do capítulo final as narrativas das professoras/(inter)locutoras. A produção de dados, que se deu pelas filmagens dos ateliês, fotos, oralidade e pela escrita no caderno de experiência, tiveram que ser vistas e revistas várias vezes, pois na sua maioria, as informações e os significados não aparecem na primeira leitura, o que corrobora com Bertaux (2010, p. 68) quando diz que

> [...] a análise começa desde as primeiras entrevistas. Escutar de novo, transcrever, ler, reler e analisar essas entrevistas, reler as notas do diário de campo: tudo isso constitui um bom método para fazer avançar rapidamente a 'formação' do pesquisador.

Vislumbro em minhas análises uma técnica orientada por Bertaux (2010) ao defender que o pesquisador desenvolve suas próprias técnicas gráficas, para representar a estrutura diacrônica de um percurso narrativo (auto)biográfico, isso porque, no primeiro Ateliê Literário possibilitei que as professoras/(inter)locutoras, após realizarem a leitura do livro *Longe é um lugar que não existe*, de Richard Bach (1979), falassem sobre o início de suas carreiras, e pelo que observei, todas elas fizeram uso de uma diacronia de certo ponto de sua vida até a constituição docente. Isso me garantiu, abrir caminhos em busca das informações que me seriam pertinentes, no que se referiam às potencialidades e fragilidades nas práticas educativas e sensibilidades.

Outro detalhe importante para a produção de dados foi a escuta atenta às narrativas, no entanto, por vezes, me vi quebrando essa regra, seguindo o exemplo de Bertaux (2010) quando afirma que o pesquisador não deve sentir-se culpado ao encorajar o (inter)locutor, mas por simples aprovações e repetições. Em certos momentos das narrativas precisei quebrar o silêncio para que o não dito pudesse ser dito contribuindo de forma significativa à Dissertação.

Como já dito alhures, vídeos, fotos, oralidade e cadernos de experiencias foram utilizados para a produção destes dados, no entanto, é de bom alvidre reafirmar, segundo Bertaux (2010) que nem a transcrição, nem a gravação são indispensáveis, mas são necessárias para se analisar a fundo uma narrativa de vida.

Em determinados momentos de falas foi observado que uma ou outra professora/(inter)locutora, calava-se, abstendo-se de comentário. Nestes momentos, apesar de querer saber o que ela tinha por dizer, decidi não quebrar a regra dessa vez, pois acredito que neste momento, operava-se o que Bertaux (2010, p. 103) chama de “zonas brancas” e é justamente neste esquecimento fortuito que pode abrigar informações altamente significativas para a pesquisa. Percebo agora, que quando falamos de fragilidades, muitas vezes essas zonas brancas ganharam lugar nos Ateliês Literários.

Algo que não detectei durante a produção de dados foram informações contraditórias das professoras/(inter)locutoras, o que poderia perfeitamente acontecer, já que aconteceram quatro Ateliês Literários durante dois meses. Bertaux (2010) explica que quando isso acontece, investiga-se não somente qual das informações encontra-se correta, mas também por que razão subjetiva ou

intersubjetiva a outra informação ‘errada’ pode ter sido cometida pelo (inter)locutor, mas o fato é que até essas contradições podem abrir reflexões interessantes.

Algo que se deve destacar nesta Dissertação foi a participação das professoras/(inter)locutoras, pois em nenhum dos Ateliês consegui reunir as quatro professoras juntas. Cada Ateliê, sempre faltava uma professora, ao ponto de chegar o último Ateliê e comparecer tão somente uma. Mas isso não invalidou o trabalho de pesquisa, pois não trabalhei histórias isoladas de vida, até porque, o método de narrativa (auto)biográfico, não exige um número determinado de participantes.

Destaco que a produção de dados se encerrou no quarto Ateliê Literário com uma única professora/(inter)locutora, pois, para mim, todas as questões que eu precisava investigar foram alcançadas, dadas por mim, satisfeitas. Deste modo, segui os preceitos de Bertaux (2010) quando afirma que a produção dos dados é feita até o momento de saturação, na qual damos por encerradas os diálogos, uma vez que julgamos não haver mais informações novas ou que interessam à pesquisa neste momento.

E assim a viagem termina. Após várias aventuras por planetas e estrelas D. Benta dá um grito, chamando Emília, Pedrinho, Narizinho, Tia Anastácia e Visconde. Já é ora de ir para cama. Para dormir? Também. Mas antes para contemplar todas as peripécias realizadas durante o dia e sobretudo pensar e criar outras possibilidades de viver o outro dia, levando em consideração toda a aprendizagem do dia anterior. Então, grita novamente D. Benta.

- Crianças, vão para a cama. É hora de dormir.

E as luzes se apagam...?

Prezadíssima Senhora Dona Benta Encerrabodes de Oliveira: Saudações. Tem esta por fim comunicar v.ex.ª que nós, os habitantes do Mundo da Fábula, não aguentamos mais as saudades do Sítio do Picapau Amarelo, e estamos dispostos a mudar-nos para aí definitivamente. O resto do mundo anda uma coisa das mais sem graça. Aí é que é bom. 'Em vista disso, mudar-nos-emos todos para a sua casa - se a senhora der licença, está claro…'

Monteiro Lobato, O Picapau Amarelo, 2019, p. 19.

Ilustração 6 - Quando as luzes se apagam
Fonte: Maria Luiza Silveira de Oliveira (2023)

5 DEPOIS QUE AS LUZES SE APAGAM

Dona Benta conta uma última história e põe todos para a cama. Um silêncio assustador invade a casa que minutos antes era uma algazarra só. Lá fora ainda dá para escutar os grilos chirriarem, as cigarras cantarem, o pio da coruja e o ronronar de alguns animais de maior porte que circulam os arredores da fazenda em busca de comida. Antes de deitar a boa velhinha confere se as crianças estão cobertas e as janelas fechadas, após isso, apaga as luzes em sua cama, bem quentinha, se deita e pega no sono.

Depois que as luzes se apagam Emília levanta, em sequência Narizinho e logo após Pedrinho. Para essas crianças as luzes nunca se apagam, porque a vida é um ‘pisca’ como diz Emília. A boneca explica que “[...] piscar é abrir e fechar os olhos – viver é isso. É um dorme-e-acorda, dorme-e-acorda, até que dorme e não acorda mais” (Lobato, 2017, p. 19). É no apagar das luzes que novas possibilidades são criadas e o que ficou para trás torna-se objeto para reflexão. É no apagar das luzes que as narrativas das professoras/(inter)locutoras ganham força para, de acordo com Delory-Momberger (2012), descrever e explicar o presente, e eventualmente antecipar o futuro, mais do que reconstruir o passado, particularmente o passado longínquo.

As narrativas de vida das professoras/(inter)locutoras foram propulsoras de grandes significações para esta Dissertação e o trabalho com Ateliês Literários contribuiu nas relações afetivas, na confiança do grupo e em novas perspectivas para suas práticas educativas. As experiências estéticas em Literatura possibilitaram a cada uma das professoras/(inter)locutoras expressar suas percepções, sem qualquer tipo de julgamento, censura ou padrão de certo ou errado. As experiências narradas resultaram na reflexão sobre modos de simbolizar e interpretar o acontecimento e o que nos afeta, portanto, cumprem o papel de mediação de saberes e conhecimento de si, oportunizando a tomada de consciência que orienta a formação e à docência (Josso, 2008).

Pensando nisso, os Ateliês Literários serão muito úteis para novas formações de professores, pois os materiais produzidos nestes Ateliês servirão de bases para essas formações, cujo foco central sempre será as práticas educativas e sensibilidades. Por esse caminho toda a comunidade escolar: professores, gestores e estudantes, poderão fazer da escola um ambiente cada vez melhor para se viver,

trabalhar e fazer amigos. Deste modo, convém trazer as importantes palavras de Abrahão (2018, p. 46, grifo próprio) que nos ensina que

> [...] a organização do vivido em uma trama compreensiva *do si como um outro/do outro como um si*, mobilizadora da construção evolutiva de identidades narrativas, faz todo o sentido em processos formativos [...].

Os Ateliês Literários foram preparados para a construção das nossas narrativas e tiveram uma finalidade fundamental neste processo, além de servir como espaços abertos para construção de saberes que possibilitaram nossa compreensão como sujeitos singulares e universais. Serviu e servirá também como espaço de formação. Os Ateliês desenvolvidos cumpriram muito bem essa finalidade, principalmente na perspectiva epistemológica da formação experiencial, que ao entender de Souza (2014, p. 48) "[...] possibilita o centramento no sujeito e na globalidade da vida, entendida como interação da existência com as diversas esferas da convivência como perspectiva educativa e formativa".

Importante destacar também, as palavras de Delory-Momberger (2006) no que pese as narrativas de vidas serem uma matéria instável, transitória e viva, de modo que não cessa no presente em que se anuncia, pelo contrário ela se reconstrói todas as vezes que é enunciada, bem como é reconstruído o sentido da história que ela anuncia.

Ao desenvolver a experiência estética com as professoras/(inter)locutoras do Ensino Médio, por meio da abordagem narrativa (auto)biográfica, tendo como instrumento os Ateliês Literários pude perceber a sensibilidade alojada no peito de cada professora. Na medida que a Literatura permeava e se fazia presente nos Ateliês, mais evidente a percepção do caráter humanizador dela e, por sua vez, a educação pelo afeto abordada por Pillotto (2007) e do sensível de acordo com Duarte Jr. (2001), a razão sensível defendida por Maffesoli (2021) ou os sentimentos genuínos que nos fazem enxergar a simplicidade da vida, como acredita Fernandes (2019).

Os Ateliês Literários proporcionaram momentos de muitas narrativas nas quais pude conhecer novas pessoas na pessoa das mesmas professoras/(inter)locutoras da pesquisa. As sensibilidades abriram caminho para uma educação mais acolhedora, para promover práticas educativas que fazem sentido para estudantes e professores/as. Deste modo, sempre defenderei que a Literatura revela no ser humano suas potencialidades e fragilidades e com isso é capaz de

mobilizar potenciais práticas educativas no ambiente escolar que é desencantador e encantador ao mesmo tempo.

Não foi foco desta pesquisa trabalhar a Literatura pelo aspecto formal ou estruturado, embora, eu tenha feito uma crítica, indelével, sobre como ela vem sendo apresentada nos documentos oficiais, principalmente na BNCC (Brasil, 2017a) e no Currículo Base do Território Catarinense (Santa Catarina, 2020a, 2020b, 2020c). As Experiências Literárias nesta Dissertação serviram como instrumento mobilizador para o desenvolvimento sensível das narrativas das professoras/(inter)locutoras e consequentemente abordar temas que culminam em nossas práticas educativas.

Sendo assim, a Literatura se compreende numa forte aliada dos professores para que possam compreender suas fragilidades e potencialidades e desenvolver práticas educativas sensíveis e humanizadoras. Desde modo, a Literatura não é um instrumento somente para professores com formação em Letras, mas sim para todos os tipos de formação. Nota-se que nesta Dissertação as professoras/(inter)locutoras eram de componentes curriculares diferentes: Educação Física, Matemática, Química e Língua Inglesa. Isso não obstou os trabalhos, pelo contrário propiciou resultados surpreendentes.

Minha experiência enquanto pesquisador, professor e também (inter)locutor da pesquisa juntamente com as professoras, propiciou compreender meu percurso formativo de modo muito mais claro. Percebi nas falas das professoras/(inter)locutoras minhas próprias falas. Pude entender com mais veemência minha escolha pela docência, que não se trata de vocação e sim da escolha por uma profissão. Uma escolha que levou muito tempo em meu percurso formativo, mas acredito que no tempo certo, pois nunca é tarde para realizar sonhos. Posso ir muito mais além, pois não se trata unicamente da realização de um sonho, mais do que isso, se trata da realização de um projeto de vida que iniciou com as brincadeiras de *Sítio do Picapau Amarelo*, com minha prima Patrícia, vivendo cada cena e história dentro de meu próprio quintal, bem como pela enorme necessidade de ensinar para Patrícia e para meus amiguinhos tudo o que eu lia e o que eu aprendia.

Essa é a minha verdadeira história de vida reconstruída nesta experiência narrativa (auto)biográfica, que levou em consideração os ensinamentos de Delory-Momberger (2006), ao reafirmar que verdadeiramente o que importa é o sentimento de congruência que eu experimento entre o eu mesmo e o meu passado que ora se recompõe, e o que agora significa para mim. Baseando ainda, nos preceitos de Delory-

Momberger (2006), minha narrativa e, também das professoras/(inter)locutoras, são histórias que atribuímos a nós e pelas quais nos reconhecemos.

E nossa história não termina aqui, ainda temos muitos piscares de olhos, dorme e acorda até não acordar mais. E ainda assim, depois que as luzes se apagam viramos hipóteses, segundo Emília. Sendo assim, deixaremos memórias pelas quais continuaremos a produzir efeitos por meio do legado que deixamos.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura do diálogo (auto)biográfico: narrativa de si narrativa do outro como construção epistêmo-empírica. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lucia Villas (org.). **Pesquisa (auto)biográfica:** diálogos espistêmicos-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018. p. 25-49.

ALFONSI, Selma Oliveira.; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. A crise não reconhecida: identidade docente de professores do ensino fundamental 2. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 05, n. 08, p. 62-79, jan./jun. 2013. Disponível em: https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpfp/article/view/75/6. Acesso em: 22 abr. 2022.

ALMEIDA, Rogério de. A literatura e seu aspecto formativo. **Religare**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, [*S. l.*], v. 8, n. 2, 2011. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/view/12496. Acesso em: 2 nov. 2023.

ALMEIDA, Rogério de.; ARAÚJO, Alberto Filipe. Educação estética e pedagogia da escolha. *In*: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli. **Educação estética:** a pesquisa/experiência nos territórios das sensibilidades. v. 1. Joinville: Editora Univille, 2023. p. 80-102.

AQUINO, Janusia Souza. **A escolarização da literatura em diferentes níveis da educação básica:** um trajeto de (des) encantamento? 2018. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Santa Cruz, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7534708. Acesso em: 20 jun. 2022.

BACH, Richard. **Longe é um lugar que não existe.** Rio de Janeiro: Record, 1979.

BACH, Richard. **A história de Fernão Capelo Gaivota.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

BAIRROS, Catia Pascotini. **Histórias de vida e narrativas de quatro professoras normalistas.** 2018. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6637807. Acesso em: 20 jun. 2022.

BARTHES, Roland. **Aula:** aula inaugural da cadeira semiologia literária do Colégio de França, pronunciada em 7 de janeiro de 1977. Tradução: Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BELL, Lindolf. **Biografia do poeta**. Casa do poeta Lindolf Bell [site], [*S.l.*, 2023]. Disponível em: https://www.lindolfbell.com.br/o-poeta. Acesso em: 15 jul. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida:** a pesquisa e seus métodos. 2. ed. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcanti e Denise Maria Gurgel Lavallée; revisão científica: Maria da Conceição Passeggi e Márcio Venício Barbosa. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** [BNCC]. Brasília: MEC, 2017a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio. Acesso em: 05 abr. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 26 maio 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de fevereiro de 2017, [2017b]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 26 maio 2023.

BRASIL. Ministério de Educação. Câmera de Educação Básica. **Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2013/06_jun_14_publicada_resolucao.html. Acesso em: 26 maio 2023.

CAMARGO, André Luiz Rodrigues de. **Devir de um professor pelas veredas da educomunicação:** narrativa autoetnográfica. 2018. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7639074. Acesso em: 20 jun. 2022.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção.** São Paulo: Editora 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. *In*: A. C. Ribeiro Fester (org.). **Direitos humanos e** […]. [São Paulo]: Cjp; Ed. Brasiliense, 1989**.**

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011**.**

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura: o esquema de machado de Assis. *In*: CANDIDO, Antonio . **Vários Escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 1995**.** p. 171-193.

CELORIO, José Aparecido. **Narrativas e imaginários de professoras readaptadas**: rumo a uma pedagogia da observância. Tese (Doutorado em Educação) **–** Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

CELORIO, José Aparecido. Pedagogia da Observância e (Auto)formação: (re)imaginar as nossas ruínas existenciais. In **100 anos Gilbert Durand.** Iduina Mont'Alverne Braun Chaves, Rogério de Almeida (Organizadores). São Paulo: FEUSP, 2022. p. 221-237

CELORIO, José Aparecido. Processos (auto)formadores e docência: vias para a compreensão de algumas faces do mal-estar na educação. *In*: **PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores, dialogicidade entre a Educação Básica e a Universidade:** compartilhando saberes. 1. ed. Maringá: Edição Independente, 2019. p. 269-284.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa:** experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CONCEIÇÃO, Ana Flavia Santos da. **Memórias de professores:** um estudo sobre a formação continuada no pacto nacional pelo fortalecimento do ensino médio. 2018. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Docência) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6700422. Acesso em: 20 fev.2022.

CORBELLINI, Francieli. **Subjetivação docente do atravessamento da literatura nos cursos de pedagogia.** 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6245614. Acesso em: 20 jun. 2022.

COSTA, Rita de Cássia Fraga da. **Artesania**: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade. 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1502804/Rita_de_Cassia_Fraga_da_Costa.pdf. Acesso em: 19 jun. 2022.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DANTAS, Angélica Guedes. **Formação continuada de professores do ensino médio:** dispositivos de escuta e análise das práticas profissionais. 2018. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018.

Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6658646. Acesso em: 20 jun. 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução: Anne Marie Milon Oliveira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 38-47, set.- dez. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 abr. 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. Tradução: Maria Carolina Nogueira Dias e Helena C. Chamlian. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpM/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 abr. 2022.

DUARTE JR. João Francisco. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. 5.ed. Curitiba: Criar Edições, 2000.

ESCOLA Estadual de Ensino Médio Senador Luiz Henrique da Silveira. **Projeto Político Pedagógico**. [PPP]. Barra Velha: E.E.E. Médio Senador Luiz Henrique da Silveira, 2021. 539p.

FACCO, Marta Lucia Cargnin. Reflexões sobre o ateliê como lugar/espaço em processos de criação em artes visuais. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 10, n. 2, p. 213-227, maio/ago. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/26890. Acesso em: 16 jul. 2022.

FERNANDES, Paulo Roberto. **O segredo do vampiro**: o que a palavra não revela. Joinville: Editora Areia, 2019.

FERRETTI JUNIOR, Arlindo. **Eugenia e identidade nacional nos escritos de monteiro lobato.** 2020. 129 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2020. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/2012120/Arlindo_Ferretti_Junior.pdf. Acesso em: 19 jun. 2022.

FONTES, Nathalia Soares. **A literatura na base nacional comum curricular:** o ensino literário e a humanização do indivíduo. 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6950867. Acesso em: 20 jun. 2022.

FRAZÃO, Dilva. **eBiografia:** biografias de famosos, resumo da vida, obras, carreira e legado. Disponível em: https://www.ebiografia.com/john_stuart_mill/. Acesso em: 18 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia:** o cotidiano o professor. Tradução: Adriana Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GARCIA, Pedro Benjamim. **Escadas improváveis**. Rio de Janeiro: Editora Seis. 1993, p. 50-51.

GERALDI, João W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

IANNONI, Leila Rentroia. **Eu gosto tanto de você**. Rio de Janeiro: Moderna. 1988.

IANNONI, Leila Rentroia. **Com a ponta dos dedos e os olhos do coração.** Ilustrações de Natalia Gregorini. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil. 2019

JENSEN, Letícia Caroline da Silva. **Experiências sensíveis atravessadas pela literatura em espaços não formais de educação.** 2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1502802/Leticia_Caroline_da_Silva_Jensen.pdf. Acesso em: 19 jun. 2022.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. *In*: PASSEGGI, Maria da C. (org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 23-50.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor.** Relatos de um viajante educador. Tradução: Hélia Freitas. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LARROSA, Jorge. **Linguagens e educação depois de babel.** Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LEAHY-DIOS, Cyana; LAGE, Cláudia. **Língua e literatura:** uma questão de educação? Campinas: Papirus, 2001.

LEAL, Patrícia Regina de Carvalho. **Percursos de uma professora andarilha na educação infantil:** narrativas (auto)biográficas. 2019. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019. Disponível em:

https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1534571/Patricia_Regina_de_Carvalho_Leal.pdf. Acesso em: 19 jun. 2022.

LIMA, Lydyane Maria Pinheiro de. Formação continuada no contexto do ensino médio no brasil: **A implantação do Pnem nas escolas estaduais de Russas-CE.** 2018. 149 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2018) - Universidade Estadual do Ceará, 2018. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=83770. Acesso em: 19 jun. 2022

LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília.** Ilustrações Belmonte, André Le Blanc, Augustus. 5. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

LOBATO, Monteiro. **A reforma da natureza.** Ilustrações Guazzelli. 4. ed. São Paulo: Globinho, 2016a.

LOBATO, Monteiro. **O picapau amarelo.** Ilustrações Diogo Droschi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de narizinho.** Ilustrações Guazzelli. 3. ed. São Paulo: Globinho. 2016b.

LOBATO, Monteiro. **Viagem ao céu.** 1. ed. Jandira: Ciranda Cultural, 2018.

MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia**: uma ecologia para nosso tempo. São Paulo: Edições SESC, 2021.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola:** uma questão pública. Tradução Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação**: a sensibilidade na ação pedagógica. 2.ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2022.

MONTUANI, Daniela Freitas Brito. **O Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE:** conhecimento, circulação e uso sem um município de Minas Gerais. Tese (Doutorado em Educação) **–** Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9URGBD. Acesso em: 26 maio 2023.

MOREIRA, Fabio. **Narrativas sobre a pesca artesanal na ilha do Morro do Amaral, Joinville, SC.** 2021. 214 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2021. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/2843974/Fabio_Moreira.pdf. Acesso em: 19 jun. 2022.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NASCIMENTO, Sandro Everton do; GARCIA, Berenice Rocha Zabbot; KOERNER, Rosana Mara. O letramento literário nas práticas pedagógicas: vozes de professores.

Revista Pedagógica, Chapecó, v. 24, p. 1-21, 2022. Disponível em: http://dx.doi.org/10.22196/rp.v24i1.6821. Acesso em: 26 maio 2023.

NATUME, Hilda. **Musicalização**: memórias, experiências e sensibilidades na terceira idade. 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2018. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1300778/Hilda_Natume.pdf. Acesso em: 19 jun. 2022.

NEITZEL, Adair de Aguiar; URIARTE, Mônica Zewe; FELÍCIO, Elisa Regina. Fazer uma experiência na leitura do literário: mediações, objetos e espaços propositores. *In*: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte ; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli (org.). **Educação estética:** a pesquisa/experiência nos territórios das sensibilidades. v. 1. Joinville: Editora Univille, 2023. p. 253-279.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **Revista Educ. Públ**. Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 289-305, maio/ago. 2011. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/repub/v20n43/v20n43a06.pdf. Acesso em: 17 jul. 2022.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e arte:** sentidos e práticas possíveis. UNESP, São Paulo, p. 1-14, abr., 2011. Disponível em: http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/320 . Acesso em: 06 abr. 2022.

PAIVA, Jane.; BERENBLUM, Andrea. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. **Pro-posições**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 173–188, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000100010. Acesso em: 20 abr. 2023.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta de. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, [*S.l.*], v. 33, jul. 2016, p. 111-125. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=OdHN_owAAAAJ&citation_for_view=OdHN_owAAAAJ:D03iK_w7-QYC. Acesso em: 15 abr. 2022.

PEREIRA, Marcos Villela. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 183-195, jan./abr. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/sQFMpDZ3pfqhFYjwQVmLVQL/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 16 jul. 2022.

PEREIRA, Tiago Sanzio dos Santos. **Recordações, escritos e olhares:** o ateliê biográfico e a docência na socioeducação. 2018. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Docência) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6704094. Acesso em: 20 jun. 2022.

PEREIRA, Yuri Luis Goncalves. **Dimensão estética e experiência sensível na literatura infantil de haroldo maranhão.** 2018. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação) **–** Universidade do Estado do Pará, Belém, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6740664. Acesso em: 20 jun. 2022.

PESAVENTO, Sandra J. História & literatura: uma velha-nova história. *In*: COSTA, Cléria Botêlho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (org.). **História e literatura:** identidades e fronteiras. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 11-27.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Educação pelo sensível. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v. 1, n. 2, p. 113-127, mai./ago. 2007. Disponível em https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/683/599. Acesso em: 11 jul. 2022.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON Mirtes Antunes Locatelli. Introdução. *In:* PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON Mirtes Antunes Locatelli (org.). **Educação estética**: a pesquisa/experiência nos territórios das sensibilidades. v. 1. Joinville: Editora Univille, 2023. p. 9-15.

REIS, Pedro Rocha dos. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 17-34, jan./dez. 2008. Disponível em https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/174. Acesso em 17 jul. 2022.

RODRIGUES ABRAÃO, Flávio Antonio. **Formação continuada para professores de ensino médio no Estado de Rondônia:** realidade e perspectivas. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6515216. Acesso em: 20 fev. 2022.

RODRIGUES, Adriele Machado. **Significações imaginárias sobre a condição docente no ensino médio:** um estudo na rede estadual do município de alegrete-rs. 2018. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8908683. Acesso em: 20 jun. 2022.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Ed. da UFRGS, 2016.

RUY, Fabiana Alessandra Fonsaca. **Retratos do início da carreira docente:** nas experiências vividas, revelações da constituição do professor. 2018. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018. Disponível

em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6495447. Acesso em: 21 jun. 2022.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação do Estado de Santa Catarina. Gestão do Conteúdo: Secretaria de Estado da Educação/Undime**. Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense:** Caderno 2 – Formação Geral Básica [CBTC]. Florianópolis: SED, 2020a. Disponível em: https://www.cee.sc.gov.br/index.php/downloads/documentos-diversos/curriculo-base-do-territorio-catarinense/2068-curriculo-base-do-territorio-catarinense-do-ensino-medio-caderno-2/file. Acesso em: 27 maio 2023.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação do Estado de Santa Catarina. Gestão do Conteúdo: Secretaria de Estado da Educação/Undime. **Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense:** Caderno 3 – Portfólio de Trilhas de Aprofundamento [CBTC]. Florianópolis: SED, 2020b. Disponível em: https://www.cee.sc.gov.br/index.php/downloads/documentos-diversos/curriculo-base-do-territorio-catarinense/2067-curriculo-base-do-territorio-catarinense-do-ensino-medio-caderno-3/file. Acesso em: 27 maio 2023.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação do Estado de Santa Catarina. Gestão do Conteúdo: Secretaria de Estado da Educação/Undime. **Novo Ensino Médio.** Componentes Curriculares Eletivos: Construindo e Ampliando Saberes. Portfólio dos(as) Educadores(as). Florianópolis: SED, 2020c Disponível em: https://www.cee.sc.gov.br/index.php/downloads/documentos-diversos/curriculo-base-do-territorio-catarinense/2070-curriculo-base-do-territorio-catarinense-do-ensino-medio-portfolio-de-componentes-eletivos-da-rede/file. Acesso em: 27 maio 2023.

SANTOS, Tainá Maria Pinheiro Dos. **Sensibilidades e ambivalências em periódicos educacionais paulistas (1902-1911)**. 2018. 112 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7102745. Acesso em: 20 jun. 2022.

SCRIBANO, Adrián; SENA, Angélica de. Construcción de conocimiento en latinoamérica: algunas reflexiones desde la auto-etnografía como estrategia de investigación. Cinta de moebio: **Revista de Epistemología de Ciencias Sociales**, Santiago, n. 34, p. 1 – 15, Março 2009. Disponível em: https://www.scielo.cl/pdf/cmoebio/n34/art01.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, Carla Clauber da; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; LEAL, Patrícia Regina Carvalho. Formação: uma experiência estética carregada de fragilidades de vida. **Nuances - estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 28, n. 3, p. 186-205, Set./Dez. 2017. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/download/4635/PDF/20416 . Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA, Fernanda Pequeno da. Ateliês Contemporâneos: possibilidades e problematizações. **Anais** [...] Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 56, Rio de Janeiro, p. 59-73, 2011. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cc/fernanda_pequeno_da_silva.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

SILVA, Rosangela Maria. **Ressignificando o uso da literatura para educação étnico-racial.** 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7077788. Acesso em: 20 jun. 2022.

SIMAS, Vanessa França. **A professora-pesquisadora-iniciante e seus outros:** caminhos partilhados na invenção de ser professora. 2018. 381 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6364193. Acesso em: 20 dez. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. *In:* NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. (org.). **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: https://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022. p. 59-74.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5902/1984644411344, Acesso em: 21 abr. 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Entrelaçamentos entre histórias de vida, arte e educação. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Pesquisa narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 13-21.

SOUSA, Renata Flávia de Oliveira. **Tecer saberes sensíveis:** educação humanizadora e a construção da narrativa histórica. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6377114. Acesso em: 20 jun. 2022.

STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli. Paisagem sonora: uma relação entre educação, meio ambiente e cultura. *In*: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli (org.). **Educação estética:** a pesquisa / experiência nos territórios das sensibilidades: v. 2. Joinville: Editora Univille, 2023. p. 285-304.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **The fear of barbarians**: beyond the clash of civilizations. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

WERNER, Luciana Rodrigues **A leitura literária:** um caminho para a humanização do sujeito. orientador, Celdon Fritzen, 2017. 123 p. Dissertação (mestrado profissional) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187079/PPLE0017-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y. Acesso em: 18 maio 2023.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado CEP

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE UNIVILLE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS COMO MOBILIZADORAS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS E SENSIBILIDADES

Pesquisador: PAULO ROBERTO FERNANDES

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 58518722.2.0000.5366

Instituição Proponente: FUNDACAO EDUCACIONAL DA REGIAO DE JOINVILLE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.452.313

Apresentação do Projeto:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 5.410.270, liberado em 16/05/2022 e no parecer consubstanciado nº 5.443.508, liberado em 01/06/2022.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 5.410.270, liberado em 16/05/2022 e no parecer consubstanciado nº 5.443.508, liberado em 01/06/2022.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 5.410.270, liberado em 16/05/2022 e no parecer consubstanciado nº 5.443.508, liberado em 01/06/2022.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 5.410.270, liberado em 16/05/2022 e no parecer consubstanciado nº 5.443.508, liberado em 01/06/2022.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 5.410.270, liberado em 16/05/2022 e no parecer consubstanciado nº 5.443.508, liberado em 01/06/2022. O pesquisador responsável acrescentou a informação sobre riscos aos participantes de pesquisa no TCLE. A pesquisa pode ser executada.

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro
Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710
UF: SC **Município:** JOINVILLE
Telefone: (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br

Recomendações:
Ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) responsável deve enviar ao Comitê de Ética, por meio do sistema Plataforma Brasil, o Relatório Final (modelo de documento na página do CEP no sítio da Univille Universidade).

Segundo a Resolução 466/12, no item

XI- DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

XI.2 - Cabe ao pesquisador:
d) Elaborar e apresentar o relatório final;

Modelo de relatório para download na página do CEP no sítio da Univille Universidade.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
O projeto "EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS COMO MOBILIZADORAS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS E SENSIBILIDADES", de CAAE "58518722.2.0000.5366" teve sua(s) pendência(s) esclarecida(s) pelo(a) pesquisador(a) "PAULO ROBERTO FERNANDES", de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares, portanto, encontra-se APROVADO.

Informamos que após leitura do parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no sítio da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pesquisa/comite-etica-pesquisa/status-parecer/645062

Considerações Finais a critério do CEP:
Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE UNIVILLE

Continuação do Parecer: 5.452.313

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1936787.pdf	05/06/2022 09:42:50		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/06/2022 09:42:05	PAULO ROBERTO FERNANDES	Aceito
Outros	Carta_resposta_2.docx	05/06/2022 09:41:53	PAULO ROBERTO FERNANDES	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Carta_resposta_2.pdf	05/06/2022 09:41:39	PAULO ROBERTO FERNANDES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	23/05/2022 19:45:02	PAULO ROBERTO FERNANDES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	21/05/2022 19:48:31	PAULO ROBERTO FERNANDES	Aceito
Outros	Termo_Uso_Imagem.pdf	27/04/2022 21:53:04	PAULO ROBERTO FERNANDES	Aceito
Outros	Anuencia.pdf	27/04/2022 21:52:29	PAULO ROBERTO FERNANDES	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

JOINVILLE, 07 de Junho de 2022

Assinado por:
Marcia Luciane Lange Silveira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro
Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710
UF: SC **Município:** JOINVILLE
Telefone: (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br

ANEXO B – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG
MESTRADO EM EDUCAÇÃO - ME

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Senhor Professor, você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada **EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS COMO MOBILIZADORAS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS E SENSIBILIDADES,** coordenada por **PAULO ROBERTO FERNANDES.** O objetivo deste estudo é Refletir sobre a literatura na Educação Básica como propulsora de sensibilidades nas práticas educativas, capaz de potencializar os espaços e as relações afetivas entre professores, gestores e estudantes, a fim de que todos se sintam partícipes e comprometidos no universo escolar.

Como participante desta pesquisa, você, Professor, participará de quatro encontros, dois no mês de agosto e dois no mês setembro, com leituras de livros literários, escrita de narrativas pessoais, socialização oral das narrativas. A participação poderá ser gravada por som ou imagem e doada para uso exclusivo desta pesquisa. A sua participação nesta pesquisa acontecerá entre 06/08/2022 a 17/09/2022.

Com sua participação nesta pesquisa, você, Professor, estará exposto a riscos mínimos, como constrangimentos e desconfortos por se tratar de trabalho com narrativas que despertam emoções e afetividades. Assim, como não implicará em recebimentos ou ressarcimentos de qualquer ordem.

Esta pesquisa tem como benefícios contribuir para que os professores identifiquem suas fragilidades, potencializando as sensibilidades e fortalecendo as práticas educativas. A partir da coleta dos dados, será realizada a análise destes e será elaborado um relatório com os resultados.

Sua participação é voluntária e você, Professor, terá a liberdade de se recusar a responder quaisquer perguntas, questionamentos, ou narrar relatos de sua experiência que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza. Você, Professor, também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, terá livre acesso aos resultados do estudo e garantido esclarecimento antes, durante e após a pesquisa. É importante saber que não há despesas pessoais para você, Professor, em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação, pois a mesma é voluntária após assinatura. O pesquisador garante indenização por quaisquer danos causados a você, participante, no decorrer da pesquisa. Guarde este TCLE assinado por, no mínimo, cinco anos.

Você, Professor, terá garantia de acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas por meio de telefone e e-mails informados neste documento. O pesquisador responsável por esta investigação é Paulo Roberto Fernandes, Fone 47 98802-9242, e-mail dr26713@gmail.com. As dúvidas podem ser sanadas a qualquer momento, no entanto serão respondidas no período das 08:00 as 22:00 horas, de segunda a sexta-feira.

É garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, sem que os nomes dos participantes sejam divulgados.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Se você, Professor, tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato também com a orientadora desta pesquisa, Prof.ª Drª Silvia Sell Duarte Pillotto no Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE, pelo telefone (47) 3461-9077 ou e-mail pillotto0@gmail.com ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Univille, no endereço Rua Paulo Malschitzki, 10, Bairro Zona Industrial, Campus Universitário, Bloco B, sala 119, CEP 89.219-710 - Joinville/SC, telefone (47) 3461-9235, em horário comercial, de segunda a sexta, ou pelo e-mail comitetica@univille.br .

Após ser esclarecido sobre as informações da pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine este consentimento de participação, devendo rubricar todas as páginas e assinar a última no local de assinatura, que está impresso em duas vias, sendo que uma via ficará em posse do pesquisador responsável e esta via com você, participante.

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG
MESTRADO EM EDUCAÇÃO - ME

Pesquisadores participantes: Paulo Roberto Fernandes

_____
Paulo Roberto Fernandes – Pesquisador (a) Responsável

Consentimento de Participação.

Eu .....concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada "EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS COMO MOBILIZADORAS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS E SENSIBILIDADES", conforme informações contidas neste TCLE.

Barra Velha, ___/____/____ .

_____
Assinatura do participante

ANEXO C – Autorização de Uso de Imagem e a Permissão de Identificação Pessoal

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E/OU VOZ

Eu, _____ abaixo assinado (a), autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens e/ou voz será para fins da pesquisa "**EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS COMO MOBILIZADORAS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS E SENSIBILIDADES**", cujo objetivo é **refletir sobre a literatura na Educação Básica como propulsora de sensibilidades nas práticas educativas, capaz de potencializar os espaços e as relações afetivas entre professores, gestores e estudantes, a fim de que todos se sintam partícipes e comprometidos no universo escolar,** coordenada pelo(a) pesquisador(a) **Paulo Roberto Fernandes.**

Assinatura: _____

Joinville, _____ de _____ de _____

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 11/03/2024.

1. Identificação do material bibliográfico: ( ) Tese (**x**) Dissertação ( ) Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:
Autor: **PAULO ROBERTO FERNANDES**
Orientador: **PROFª DRA SILVA SELL DUARTE PILLOTTO**
Coorientador: **Não houve.**
Data de Defesa: **22/02/2024**
Título: **EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS COMO MOBILIZADORES DE PRÁTIC AS EDUCATIVAS E SENSIBILIDADES**
Instituição de Defesa: **UNIVILLE**

3.Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral (**X**) Sim ( ) Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.

gov.br Documento assinado digitalmente
PAULO ROBERTO FERNANDES
Data: 11/03/2024 19:07:18-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Assinatura do autor

Joinville, 11 de março de 2024.
Local/Data